

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Eduardo Oliveira Henriques de Araújo

O MASCULINO E O FEMININO *IMPERIAIS*: uma análise sistêmico-funcional da
biografia "O Castelo de Papel"

Recife
2016

EDUARDO OLIVEIRA HENRIQUES DE ARAÚJO

O MASCULINO E O FEMININO *IMPERIAIS*: uma análise sistêmico-funcional da
biografia "O Castelo de Papel"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL-UFPE), como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, elaborada sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Medianeira de Souza.

Recife
2016

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

A663m Araújo, Eduardo Oliveira Henriques de
 O masculino e o feminino imperiais: uma análise sistêmico-funcional da
 biografia "O castelo de papel" / Eduardo Oliveira Henriques de Araújo. –
 Recife, 2016.
 128 f.: il., fig.

 Orientadora: Maria Medianeira de Souza.
 Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro
 de Artes e Comunicação. Letras, 2017.

 Inclui referências.

 1. Gênero biografia. 2. Linguística sistêmico-funcional. 3. Identidade de
 gênero. 4. Princesa Isabel. I. Souza, Maria Medianeira de (Orientadora). II.
 Título.

410 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2017-105)

EDURADO OLIVEIRA HENRIQUES DE ARAÚJO

**O MASCULINO E O FEMININO IMPERIAIS: Uma Análise Sistêmico-
Funcional da Biografia o "Castelo de Papel"**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em LINGUÍSTICA em 21/12/2016.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Maria Medianeira de Souza
Orientadora – LETRAS - UFPE

Prof. Dr. Cléber Alves de Ataíde
LETRAS - UFRPE

Prof^a. Dr^a. Jaciara Josefa Gomes
LETRAS - UFRPE

Recife – PE
2017

"When the life seems hard, the courageous do not lie down accept default; instaed, they are all the more determinated to struggle for a better future".¹

Elizabeth II do Reino Unido, 2008.

¹ "Quando a vida se mostra difícil, os corajosos não se abatem ou aceitam a derrota; ao invés disso, eles se tornam mais determinados na luta por um futuro melhor" (tradução do autor).

CARTA AO LEITOR

Aquele que me lê venho prestar as minhas desculpas, pois uma ideia, quando verbalizada, nunca o é como imaginada. Às palavras, sejam de sentimentos sejam de ciências, faltam a precisão de sentido na tradução tanto do sensorial quanto do pensamento. Em virtude deste pecado, sim porque a língua é criação do Homem e, não obstante, a imperfeição humana igual se faz essência em suas obras, trago as minhas escusas ante as falhas de toda ordem que virão a tomar evidência nas páginas em sequência.

Ao pensar sob a tessitura deste engenho de linguagem, muito refleti acerca de meu envolvimento pessoal com o assunto, com as personagens e com a posição que traria à baila. Sim, pois é irretorquível que, qual um eco no fundo de uma caverna, estão as minhas impressões pessoais a impregnar as páginas adiante. As verdades do homem transpassam seus discursos tal qual o perfume das jovens apaixonadas impregnava papéis de cartas de amores antigos, de um outrora hoje piegas. Conter em mim os dizeres que trago comigo desde a infância sobre a Princesa Isabel foi o maior desafio nesta escrita. Nisto reside o primeiro intento em que falhei. Impossível calar nas palavras do homem as verdades que o fazem ser este homem e não outrem.

Dona Isabel há muito é presente em minha vida. Em meio aos livros que seleciono para estarem sempre a mão, nas estantes de meu próprio quarto, figuram quatro biografias da princesa. Li e reli a estes livros, por deleite, por curiosidade, por certa convicção política, por admiração pessoal e, também, por certo fascínio estético - mais acerca do narrado do que sobre a narrativa, devo confessar. Duas destas obras acabaram por constituir objeto de estudo de minha monografia – a qual, se pudesse, a refaria completamente. Desta vez, novamente é a princesa alvo de outro estudo de minha autoria. Podes pensar, caro leitor: "mas que fixação!". Digo-te: "Talvez".

Haver conhecido sua descendência, cujo impacto em muito supera a mera leitura sobre Dona Isabel, e poder ouvir os "ecos domésticos" desta mulher que a História leva à sabedoria popular tão somente como a estadista que nunca pode efetivamente ser, ignorando suas peculiaridades e as subjetividades que faziam da mesma quem era. Desta forma, às gentes foi negada a real ciência concernente a esta mulher. Até mesmo à ciência sua figura é conturbada, haja vista o curioso status de sua identidade figurar tão plural e divergentemente (re)significada na historiografia nacional. Boa ou ruim, uma nação precisa conhecer a si, a sua história, as suas personagens... Mais do que saber de passagens e figuras antigas, é primordial possuir uma consciência crítico-reflexiva sobre este tempo ido que, irretorquivelmente, alicerça ao presente. O que nos trouxe até aqui? Quem nos encaminhou para cá? A mim figura impossível uma pertença passional ao hodierno, pois quem somos é fruto de uma constituição significativa e dialógica, diacrônica e sincronicamente arquetizada.

Como discutirmos as querelas raciais sem trazermos à baila a figura protagonista de Dona Isabel? (ainda que tenha surgido um forte discurso sexista e difamatório, nos tempos do caudilho, que buscou retirá-la deste posto, atacando-a de "pau-mandado" dos ingleses e de submissa ao Conselho dos Ministros ainda que tenha ela exigido a renúncia do Barão de Cotegipe; além de a haverem acusado de ter um caso extraconjugal com um negro), como pensar em reforma agrária sem trazer mais uma vez o pioneirismo dela que queria retalhar o centro-oeste do país em pequenos assentamentos para agricultura e pecuária a serem repartidos pelos escravos libertos e famílias de baixa renda das metrópoles da época? - o que poderia ter evitado, por exemplo, a origem da atual configuração de favelas presentes nos centros urbanos, e os altos índices de marginalização e exclusão sociais de famílias negras brasileiras. Como falar em emancipação social da mulher sem evocar a ela que foi combatida fortemente pelo Parlamento nacional em virtude de seu gênero? Como debater sem seu nome as condutas neoliberais e/ou neoimperialistas na América Latina quando foi Dona Isabel forte

opositora destes acordos bilaterais, chegando a censurar a seu pai, o próprio Imperador, por haver certo "vantagismo" nesses tratados? A Princesa Isabel foi uma das mulheres mais esclarecidas, bem preparadas, intelectualizadas e conscientes da realidade do país em toda a história do Brasil. Portanto, é injúria histórica o seu apagamento e eclipsação nos projetos de identidade nacional.

Com efeito, caro leitor, genuíno exemplo de conduta discursiva parcial se faz presente no último parágrafo. Como já havia dito, calar um ponto-de-vista é árdua labuta, pois é como privar a primavera do canto das aves. Curioso que, ademais os adjetivos que imprimem meu acento afetivo-volitivo, os exemplos discorridos fazem parte dos autos do parlamento, guardados pela Biblioteca do Congresso Nacional, assim como podem ser vistos pela ótica da própria Princesa através da leitura de seus diários e cartas, doados ao Museu Imperial de Petrópolis pelo Príncipe Dom Pedro Carlos de Bourbon Orléans e Bragança, bisneto de Dona Isabel. Curioso também é verificar que este material, assim como outros ainda de posse da Dinastia de Orléans e Bragança, internacionalmente reconhecidos como Família Imperial do Brasil, não havia sido investigado por pesquisadores brasileiros até os finais dos anos de 1990, quando o inglês Roderick J. Barman iniciou uma série de estudos sobre o Brasil Imperial, período histórico que parecia ainda obscuro para a historiografia brasileira e que, certa medida, interessa aos ingleses pelos vínculos entre as duas coroas naquele século XIX.

Muito brevemente, Barman se tornou a maior referência nos estudos da Casa Imperial do Brasil, investigando Dom Pedro II, a Princesa Isabel e o Conde d'Eu mais diretamente. Hoje, observa-se uma série de biografias que, mais ou menos romanceadas, contam basicamente a mesma história forjada nos gabinetes do caudilho. Os brasileiros conhecem Dom Pedro I como um garanhão obscuro; Dom Pedro II como sendo aquele que era mais velho que o próprio pai, pois é sempre retratado como idoso e doente; Dona Isabel entrou para a história somente como uma católica devota; Dona Maria Leopoldina ficou como uma gorda renegada pelo marido; Dona Thereza-Cristina como uma manca, coxa; Dona Carlota Joaquina é conhecida por maníaca sexual; Dom João VI é sempre lembrado como um medroso devorador de coxas de galinha; e Dona Maria I, como a Rainha Louca. Eis o *hall* de imagens que a historiografia brasileira oficializou como memória nacional, eis o que ficou para o povo como herança de sua experiência monárquica. De fato, quem veria com bons olhos tal quadro?

Faz-se interessante verificar que, do outro lado do Atlântico, tais personagens tiveram suas imagens afixadas na posteridade pela História com muito mais brio e dignidade – bem diferente do que ocorreu por aqui. Dom João VI e Dom Pedro I (IV em Portugal) são figuras demasiado respeitadas pelos portugueses, haja vista que mantiveram a soberania nacional e a legitimidade dinástica do Estado. Há, inclusive, uma estátua equestre de Dom Pedro na praça principal do Rossio e um enorme monumento em sua homenagem na Praça da Liberdade, na cidade do Porto. Dona Maria Leopoldina é figura de grande respeito por sua atitude política, havendo recebido homenagens do governo austríaco por diversas vezes – inclusive enviando recursos financeiros ao Brasil para pesquisa e posterior publicação de suas cartas em livro. Dom Pedro II era figura de tão magnitude em seu tempo que, em desavença com a famigerada Rainha Vitória, quando da *Questão Christie*², teve deferimento em seu favor dado pelo Rei Leopoldo dos Belgas – o qual era tio da rainha e mesmo assim legitimou o pleito do Imperador do Brasil.

Quando de sua morte, em 1981, Dom Pedro II recebeu Funerais de Estado na França Republicana (país em que estava exilado, após sansão da Lei do Banimento). O cortejo fúnebre do último imperador brasileiro foi acompanhado por 200.000 pessoas, segundo

² A chamada *Questão Christie* foi como ficou conhecido um conjunto de impasses diplomáticos entre os governos do Brasil e da Inglaterra, país este representado na corte de Dom Pedro II pelo embaixador William Christie. Detalhes sobre o caso podem ser apreciados nos autos da Marinha do Brasil: <http://www.naval.com.br/>

estimativas do governo francês, dentre as quais representantes de diversos Chefes-de-Estado, incluindo França, Portugal, Espanha, Inglaterra, Japão, China e Pérsia - mas repudiado pelo embaixador brasileiro. Este chegou a apresentar ao *Quai d'Orsay* (Ministério das Relações Exteriores da França) um protesto formal do governo republicano brasileiro contra a realização do funeral – havendo sido o protesto formalmente negado pelo presidente francês, Sadi Carnot.

A Princesa Isabel, por sua vez, falece tão somente em 1921. Assim como seu pai, recebeu funerais de Chefe-de-Estado da República Francesa. No Brasil, 3 dias de luto oficial foram decretados pelo presidente da república, Epitácio Pessoa, que também exigiu exéquias oficiais no país. O mesmo presidente, sensibilizado aos apelos dos Orléans e Bragança e pela pressão de embaixadas estrangeiras, revogou a Lei do Banimento, permitindo o retorno da Família Imperial ao Brasil. Dona Isabel nunca regressou. Tão somente em 1953 seu corpo voltou ao país em um vaso de guerra. Apenas em 1971, seu neto e herdeiro dinástico Dom Pedro Gastão de Orléans e Bragança pôde presidir o sepultamento do corpo dos avós, Dona Isabel e Dom Gastão Conde d'Eu, na cripta da Catedral de Petrópolis.

Ainda que tanto desta genética nacional seja negada ao povo brasileiro, inquieta-me ser o Museu Imperial de Petrópolis o mais visitado do país. Faz-me pensar que ainda há uma centelha, uma curiosidade, uma demanda por esta identidade renegada, por este passado que a historiografia insiste em por suplantado. Por outro lado, dois palácios da família Imperial, onde funcionavam museus, foram fechados ao público por falta de investimento governamental – o Palácio de São Cristóvão (Quinta da Boa Vista) e o Palácio do Ipiranga (Museu Paulista). Mais e mais apagamentos. Seria tão fortuito? Mera coincidência?

São estímulos e inquietações de variadas origens e naturezas que me levam a uma insistência em trazer tal tema para a academia. Para além de quaisquer saudosismos ou interesses pessoais – que se ressalte não haver patrocínio algum em meu favor neste engenho -, o que me põe coerente a este debate é a minha incapacidade de não recorrer às raízes à busca por matrizes identitárias que tragam à baila mais desta brasilidade. Romantismo tardio? Não porque não se trata de um sacerdócio poético, mas de uma constante reflexão, uma verdadeira inquietação.

Se somos constituídos por discursos que se atravessam e cosem realidades plurais em distintas nuances ideologicamente significadas, o passado que é uma realidade reverberante também é um discurso, uma realidade variadamente percebida e presentificada. Desta forma, mergulhar no passado nada mais é do que investir em uma teia discursiva que revela pontos-de-vista sobre uma sucessão de fatos a certa distância acontecidos, mas que refletem no agora. É neste sentido que doravante terei de mergulhar nos retratos discursivos do Brasil Imperial a fim de verificar como ocorre a construção deste passado, que lentes são postas para a realização destas leituras de tempos, personagens e fatos de outrora. Como passaporte, elenquei a Princesa Isabel alguns anos atrás por perceber a sua identidade flutuante: carola, Redentora, mulher, Princesa Regente, católica, beata ignorante, esposa, aristocrata, imperiosa, filha devota, mãe... As visões tão divergentes e tão conturbadas acerca da princesa, as quais atendem a propósitos discursivos variados, me saltam às vistas ao longo da leitura de biografias da mesma e de outros livros de história do Brasil, da biografia do Conde d'Eu e de antigos Ministros de Estado brasileiros as quais pude folhear.

O que tenho por objetivo, prezado leitor, e já me desculpo novamente, agora pela extensão do tópico assuntado, é que não tenho a pretensão de defender um culto saudosista à Dona Isabel - não vejo valia em cultuar os mortos como os antigos gregos da cosmogonia. Meu intuito é promover inquietação, é provocar uma leitura de discursos acerca de personagem tão fatídica de nossa história nacional, trazendo à baila a necessidade de um acento crítico quando da recepção de certas leituras, pois toda ela atende a um propósito discursivo ideologicamente delineado (inclusive a leitura desta carta em curso). Quando

falamos sobre alguém, o fazemos de acordo com o nosso acento apreciativo acerca do sujeito em glosa, assim como deliberadamente segundo o nosso pessoal interesse concernente à imagem deste sujeito que queremos que reverbere. Somos políticos na construção discursiva que oferecemos de outrem. Da mesma forma o é todo discurso biográfico, não cabendo, portanto, leituras ingênuas.

Agora, que nunca mais uma leitura seja despreziosa, caro leitor, pois a escrita nunca o é - e é atento a isto que convido ao mergulho na escrita de Mary del Priore sobre a Princesa e o Conde d'Eu. Que haja criticidade e "olho vivo" na recepção de qualquer texto, incluindo este. Saudações!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, e sempre em primeiro, agradeço a Deus. Meu incomensurável alicerce e fortaleza, só tenho que ofertar Graças e Louvores sem cessar na busca pouco exitosa por mostrar minha gratidão a Ti, ó Pai, por tamanhas bênçãos. Obrigado. Amém!

A minha gratidão atinge vastidão sem tamanho quando penso nas figuras de meus avô e avó paternos, Aldenor e Maria Henriques de Araújo. Certamente, plantaram e cultivaram meu caráter, minha honestidade, minha Fé, meu gosto pelas letras, pela história, pelas artes e pelas pessoas de bem. Meus avô e avó tornaram-me quem sou e fizeram-me gostar de ser quem sou. *Ensinaram-me a viver para nunca estar finalizado*. Com suas bênçãos, caminho firme.

À minha mãe, Selma, o mérito de nunca facilitar, mas de exigir que o mediano nunca fosse o suficiente. *A obrigação é o que todos devem cumprir. Mais do que a obrigação é o que os grandes realizam*. Obrigado!

À minha irmã Renata, agradeço por aguentar paciente minhas inquietações.

À Bárbara, minha irmã e alma-gêmea, obrigado por ter nascido para mim.

À minha babá, *Fatinha*, o meu agradecimento por assumir a minha infância e por me ensinar o que a Escola não podia. Continue, por favor, daí de cima, me ninando. *Saudades!*

A Pedro Alves, agradeço pelas entrelinhas e pelos sentidos que, enfim, senti.

À Lorena Rodrigues, agradeço pela familiaridade tão ou mais verdadeira que aquela por sangue estabelecida. Muitas pessoas passam por nossas vidas, mas quando uma vida se encontra com outra, amigos se fazem.

A Guilherme Barbosa, a Adriano Vidal e a Pedro Simões, obrigado pelo bem-querer e pelas aventuras aqui inenarráveis!!!

À Karla Soatman e a Valmir Joaquim, agradeço a parceria e a gentileza na labuta diária de aulas, viagens, congressos, palestras, trabalhos...ufa! Obrigado!

À minha orientadora, Professora Medianeira Souza, por não me negar essa empreitada, por me guiar neste mergulho em águas tão turvas como é o passado do Brasil e, principalmente, por nunca duvidar de que valia a pena. Muitíssimo obrigado!

À Professora Beth Marcuschi, agradeço por ser o meu Moisés a abrir o Mar Vermelho. Não há como permanecer o mesmo após uma vivência como a que tive em suas aulas. É um efetivo ensino que transcende currículos, pois modifica e (re)humaniza.

À Professora Judith Hoffnagel, por provar que os últimos serão os primeiros. Que riqueza é a experiência de ouvir sobre sua visão do mundo. Ressignificou-me!

Aos professores do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (Linguística) da UFPE, agradeço por tudo o que me trouxeram à tona para aprender, assim como agradeço pelas lacunas que fizeram-me ir em busca de jamais me contentar com o fácil. Grato!

À Professora Jaciara Gomes e ao Professor Cléber Ataíde, agradeço por terem aceitado contribuir com este trabalho já em sua fase final, revisando com olhar clínico os postulados teóricos e as dimensões metodológicas que eirijem a pesquisa. Muito obrigado pelas contribuições e pela paciência.

A Jozaias Santos e à Diva Rego, da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, pelo bate-papo, pelos informes e dicas, pela paciência, pela dedicação, pela simpatia e pela amizade. Minha gratidão.

A CAPES pelo fomento à pesquisa e por possibilitar o decurso deste mestrado enquanto uma exclusiva atividade de pesquisa e investigação não apenas de uma temática, mas de mim mesmo enquanto ator de práticas de ensino, pesquisa e extensão significativas e significadoras: muito obrigado!

À Mary Del Priore, meus agradecimentos por estar sempre atenta e disposta a recuperar o passado brasileiro, permitindo-nos alguma lucidez a mais acerca de nossa identidade nacional.

À Família Imperial do Brasil, Dinastia de Orléans e Bragança, obrigado pelos seus ecos e por abrirem as suas portas à história e à curiosidade – minha e de outrem. Sempre fui muito bem recebido e amparado da forma que fosse possível. Agradeço pela gentileza.

À Princesa Isabel, *in memoriam*.

RESUMO

Este trabalho partiu de uma investigação realizada segundo a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) sobre as construções de *feminino* e *masculino* realizadas através de trabalhos de linguagem em gênero biográfico. Por meio do Sistema de Transitividade (ST) e seus *Componentes, Participantes e Circunstâncias*, bem como do Sistema de Avaliatividade (SA), realizou-se uma averiguação do modo pelo qual as personagens feminina e masculina são construídas e identificadas no texto biográfico. Os dados levantados a partir deste procedimento serão analisados segundo a LSF, observando questões de Ideologia e Poder subjacentes ao discurso. A pesquisa terá como *corpus* a biografia "O Castelo de Papel", em que Mary del Priore (2013) aborda a vida conjugal da Princesa Isabel do Brasil com o Conde d'Eu, da qual serão coletados casos de Processos (Materiais, Mentais, Relacionais, Existenciais, Comportamentais e Verbais) para compor o *corpus* da investigação. Através deste, pretende-se investigar o comportamento autoral frente à biografia da Princesa e de seu Consorte a fim de identificar se há ou não alguma marca de hierarquização de gênero ou de condicionamento de gênero no tratamento das personagens. O trabalho de linguagem de del Priore na composição e identificação de suas personagens será observado a partir da atitude autoral frente a quebra ou ao reforço de estereótipos de gênero, numa obra presente (séc.XXI) que remonta um passado (séc.XIX) ainda dissensual na história do Brasil. O trabalho de investigação aqui realizado concluiu que há um expressivo destaque a figura do Príncipe em detrimento à Princesa, com base na análise dos Processos ao longo da obra - o que pode ser entendido como uma perpetuação das estruturas sociais de privilégio do Masculino sobre o Feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero Biografia. Linguística Sistêmico-Funcional. Identidade de Gênero. Princesa Isabel.

ABSTRACT

This paper presents an analysis according to Systemic Functional Linguistics (SFL) on the female and male constructions carried out through language works in biographical genre. Through Transitive System (ST) and its Components, Participants and Circumstances, as well as the Appraisal System (SA), it will be an investigation of the way in which female and male characters are constructed and identified in the biographical text. The data collected from this procedure will be analyzed through the SFL about Ideology and Power issues underlying the speech. The research will have as a source the biography " O Castelo de Papel" in which Mary del Priore (2013) addresses the married life of Princess Isabel of Brazil with the Conde d'Eu , which will be collected cases of Representational Processes (Materials, Mental, Relational , Existential, Behavioral and Verbal) to compose the corpus of research. Through this, we intend to investigate the authorial behavior to the action of making a biography of Princess and her consort in order to identify whether or not a mark of gender hierarchy and gender conditioning in the treatment of the characters. The language work of del Priore in the composition and identification of your characters will be seen from the authorial attitude breaking or reinforcing gender stereotypes , in a present work (XXI century) dating back to a past (XIX century) still dissension in the history of Brazil. This research identified that there is accentuated prominence for the figure of the Prince. This data allows the conclusion that there is a male role on the Female in the work - Which would signal the maintenance of the masculine paradigm of male privilege over the Feminine in the Brazilian social structure.

KEY-WORDS: Biography. Systemic Functional Linguistics (SFL). Gender Identity; Princess Isabel of Brazil.

LISTA DE SIGLAS

ACD - Análise Crítica do Discurso

LSF - Linguística Sistêmico-Funcional

ME – Mandala da Experiência

PPGL – Programa de Pós-Graduação em Letras

SA - Sistema de Avaliatividade

ST – Sistema de Transitividade

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Variações Metafuncionais no Nível Léxico-gramatical.....	40
Tabela 2 – Processos e Participantes com exemplos.....	51
Tabela 3 – Tipos de Circunstâncias.....	52
Tabela 4 – O Subsistema da Atitude.....	56
Tabela 5 – As Variáveis da Apreciação.....	61
Tabela 6 – Processos de Isabel e Gastão em "O Castelo de Papel".....	68
Tabela 7 - Processos Materiais de Isabel e Gastão em "O Castelo de Papel".....	70
Tabela 8 - Processos Mentais de Isabel e Gastão em "O Castelo de Papel".....	70
Tabela 9 - Processos Relacionais de Isabel e Gastão em "O Castelo de Papel".....	71
Tabela 10 - Processos Existenciais de Isabel e Gastão em "O Castelo de Papel".....	72
Tabela 11 - Processos Comportamentais de Isabel e Gastão em "O Castelo de Papel".....	73
Tabela 12 - Processos Verbais de Isabel e Gastão em "O Castelo de Papel".....	74
Tabela 13 - Quantitativo Referencial de Isabel em "O Castelo de Papel".....	91
Tabela 14 - Quantitativo Referencial de Gastão em "O Castelo de Papel".....	93
Tabela 15 – Personagens Coadjuvantes e Quantitativo de Ocorrências na obra.....	107

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 - Organização Estratificada da Linguagem para Halliday.....	33
Esquema 2 – Sistema Paradigmático de Halliday.....	34
Esquema 3 – Nível Léxico-Gramatical.....	40
Esquema 4 – Tipos de processo em inglês (HALLIDAY, 1994 apud Souza, 2006, p 53).....	46
Esquema 5 – O Sistema de Avaliatividade dentro dos Estratos da Linguagem.....	55
Esquema 6 – O Sistema de Avaliatividade no Nível Léxico-Gramatical e Semântico.....	55
Esquema 7 – Julgamento e Apreciação como Afeto institucionalizado.....	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1 REVISÃO DA LITERATURA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	22
1.1. O TEXTO BIOGRÁFICO E OS ESTUDOS DE GÊNEROS NA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL.....	22
1.1.2. O Gênero Biografia	23
1.1.3. Os Gêneros Textuais Segundo a LSF.....	27
CONCLUSÃO DO TÓPICO I.....	31
1.2. A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL: O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE E O SISTEMA DE AFETIVIDADE.....	32
1.2.1 A Linguística Sistêmico-Funcional.....	32
1.2.1.1. Os Sistemas Léxico-Gramaticais.....	42
1.2.1.1.a. O Sistema de Transitividade.....	43
1.2.1.1.b. O Sistema de Avaliatividade.....	53
CONCLUSÃO DO TÓPICO II.....	62
2 EXPLORAÇÃO DO CORPUS & ANÁLISE DE DADOS.....	62
2.1. A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO EM 'O CASTELO DE PAPEL' E A ATITUDE AVALIATIVA AUTORA NA IDENTIFICAÇÃO GENÉRICA DE <i>MASCULINO</i> E <i>FEMININO</i>	62
2.1.1. Tópico I: Isabel e Gastão, os Processos através da Obra.....	66
2.1.1.1. Os Processos em Perspectiva: um panorama quantitativo.....	68
2.1.1.2. Processos e Identidades: uma análise qualitativa.....	75
CONCLUSÃO DO TÓPICO I.....	89
2.2. TÓPICO II: PAPEIS SOCIAIS DE FEMININO E MASCULINO EM "O CASTELO DE PAPEL"	90
CONCLUSÃO DO TÓPICO II	96
2.3. ISABEL E GASTÃO: AFETO, JULGAMENTO E APRECIÇÃO.....	96

CONCLUSÃO DO TÓPICO III	102
2.4. RESULTADO E DISCUSSÃO.....	103
CONCLUSÃO.....	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa averiguou a construção biográfica de duas personagens icônicas da história do Brasil: a Princesa Isabel e seu consorte, o Conde d'Eu³. O propósito é verificar como estas personagens serão edificadas segundo suas identidades de gênero pela autora da biografia investigada, "O Castelo de Papel", de Mary del Priore.

Para tanto, esta pesquisa partirá da teoria da Linguística Sistemico-Funcional (LSF) para se verificar o tratamento discursivo dado por Del Priore na representação discursiva de ambas as personagens biografadas enquanto protótipos do "homem" e da "mulher" do período oitocentista brasileiro - a análise dos dados será realizada segundo as diretrizes teórico-metodológicas da LSF.

Faz-se nodal à pesquisa ora em decurso a compreensão de que o gênero textual *Biografia* tem por natureza a construção de personagens da realidade histórica de dada cultura e sociedade, sobre as quais alguém escreve segundo seu ponto-de-vista e objetivo discursivo. Dessa forma, assim como em toda prática discursiva, no texto biográfico, o autor imprime sua visão de mundo, o que transparece na tessitura do discurso a sua orientação ideológica.

É neste sentido que deverá ser encarado, ao longo de todo este trabalho, o romance biográfico "O Castelo de Papel", o qual conta a vida privada da Princesa Isabel do Brasil, herdeira do único império latino-americano, e do Conde d'Eu, neto do último Rei da França e varão da Dinastia de Orléans. Ao longo de sua narrativa, Mary del Priore constrói mais do que apenas duas personagens históricas da controversa memória do Brasil Imperial, mas, sobretudo, ela desenha dois perfis representativos de gênero do século XIX, segundo as lentes do século XXI.

Ao observar que a autora realiza um traçado sócio-histórico implícito das identidades de gênero, ao moldar o *masculino* e o *feminino* através das personagens protagonistas de sua obra, este trabalho apresentará uma perspectiva científica para se entender os movimentos de significação do que vêm a ser estes *masculino* e o *feminino* representados discursivamente.

³ Dentro da nobiliarquia europeia, "consoite" é o termo dado aquele ou aquela que partilha dos direitos, deveres, responsabilidades e prestígio de poder advindos do título de seu cônjuge. Quando uma mulher é desposada por um nobre, seja ela nobre também ou não, sua condição nobiliárquica passa a ser a do marido, exceto quando esta mulher tem condição régia. Sendo herdeira de um trono, como no caso da Princesa Isabel do Brasil, a mulher oferta o seus *status* nobilitário ao esposo, a chamada *allure royale* (*Almanach de Gotha*. Justus Perthes Publishing House in Gotha; 175th ed.). Portanto, o Conde d'Eu era Príncipe Consoite da Princesa Imperial do Brasil, podendo ascender à condição de Imperador Consoite, segundo os termos da Constituição do Império, em havendo um filho varão saudável do casal quando da entronização e coroação de D. Isabel (SILVA, P.N.N. da. Monarquia: verdades e mentiras. São Paulo: Edições GRD, 1994).

Tal engenho se dará não segundo uma concepção biológica, mas, com efeito, evidenciando essas identidades humanas como produtos de matrizes socioculturais⁴.

Enquanto alguém que se identifica no gênero feminino, por si e através da personagem Isabel, Mary del Priore, por seu próprio gênero, dá voz à uma identidade milenarmente oprimida dentro da história ocidental (o ser *mulher*), partindo-se dos greco-romanos até a contemporaneidade - exceto a sociedade cretense, matriarcal, mas que não sobreviveu ao período macedônico⁵. Com vistas ao oprimido falando de sua condição e da condição de seu opressor, a biografia traz a possibilidade de investigar como, discursivamente, o feminino é abordado em sua representação identitária, bem como aquela a que se opõe, binariamente - o masculino.

É válido ratificar que o intuito desta pesquisa não é oferecer uma valoração, apreciativa ou depreciativa, seja para "O Castelo de Papel" seja para a Mary del Priore. Como nenhum sujeito compõe a si autônoma e livremente, alheio às memórias e às identidades de sua sociedade, em todos ecoam heranças culturais para as quais precisamos, ao longo de toda a consciência adulta, olhar com criticidade a fim de validar ou refutar tais concepções e comportamentos herdados. Essa atitude de autocrítica deve se manter por toda a vida, pois enquanto sujeitos somos alimentados ideologicamente a todo instante e uma triagem crítica consciente se faz necessária para acompanhar este processo de amadurecimento. Todo trabalho de envergadura historiográfica tem vasta aptidão para trazer à baila ranços culturais, ecos que foram apaziguados ao longo dos anos em uma determinada comunidade, mas que trazem consigo uma raiz significativa que merece ser avaliada. Como parte de uma cultura e historiografia nacional, Mary del Priore não está, pois, isenta destes intemperismos.

É possível que, desde o século XIX, as biografias nunca tenham estado tão em alta como na atualidade (HENRIQUES, 2014). Nesta primeira metade do século XXI, verifica-se uma crescente curiosidade ocidental concernente aos seus ícones de cultura e identidade. As

⁴ A Noção de Gênero e Identidade de Gênero aqui se aparta da compreensão biológica para defender que o gênero se constrói a partir das experiências sociais e das expressões identitárias por vias interacionais empreendidas pelo sujeito. Tal concepção dialoga com BUTLER (Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity, Routledge, London, 1990); com LOURO ("Teoria Queer-uma política pós-identitária para a educação". Estudos Feministas: revista da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, n. 2, 2001, p. 541-553) e com MOITA-LOPES (Identidades Fragmentadas: A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002).

⁵ Ainda que não seja um consenso na Antropologia, diversos estudos apontam para sociedades matriarcais, como a Civilização Minóica. Esta foi uma cultura pré-helênica da Idade do Bronze, situada na Ilha de Creta, às margens do Mar Egeu, a qual foi bastante estudada pelo arqueólogo britânico Sir Arthur Evans. Mais informações estão disponíveis em: <http://www.civilization.org.uk/minoans/sir-arthur-evans>.

produções variam drasticamente, com ídolos da música *pop* como Justin Bieber⁶, cuja primeira biografia foi lançada quando o artista possuía apenas 16 anos, passando por figuras de grande polêmica como Adolf Hitler⁷ e símbolos de esperança para uma sociedade global imersa em conflitos e devastação como os Papas João Paulo II⁸ e Francisco I⁹.

Figuras históricas sempre foram um prato cheio para os biógrafos e, desde a Antiguidade Clássica, figuras de nobreza e realeza são constantemente biografadas a fim de serem protagonistas de registros históricos do desenvolvimento de culturas, povos e modelos sociais. Porfírio (232 - 304 d.C.) e Eusébio (260 – 339 d.C.) foram importantes biógrafos do mundo greco-romano, os quais narraram personalidades socialmente destacadas tal qual semi-deuses, marcando a escrita biográfica até os finais do Romantismo, com uma apreciação heroica exaltada dos protagonistas dos textos (BARTH, 2010). Ao longo da Idade Média, foram os monges que desempenharam o papel de biógrafos, escrevendo hagiologias de Santos e Papas da Igreja Católica, assim como os cronistas – que narravam a vida de Reis, Príncipes e heróis das nações em formação (HENRIQUES, 2014). *Lato Senso*, a própria Bíblia cristã é um aglomerado de biografias, desde Adão, Abraão e Jó até a Sagrada Família e os doze apóstolos.

Um pouco mais a frente, já no Renascimento Europeu, Camões cantou a história do povo português em honra a Dom Sebastião através da biografia alegórica de toda uma nação. Essa epopeia, "Os Lusíadas", é um dos textos biográficos mais lidos de nossa cultura. Todo esse percurso, inserido até o momento, é tão somente para clarificar o quão ordinária é a presença de produções biográficas na cultura ocidental. E mais, não é correto crer que tal gênero textual, só por se reportar ao passado, nele vive. Hoje, nas mais cotidianas práticas sociais, o sujeito se vê frente a textos biográficos para as mais variadas finalidades.

Estamos cercados por produções biográficas a todo instante - quase sempre, sem nos darmos conta. Ao tomarmos um livro nas mãos, na segunda orelha já temos um pequeno texto biográfico do autor da obra. Como exemplo, tem-se um currículo acadêmico, um currículo profissional (*Lattes* ou *LinkedIn*, por exemplo), um folheto de propaganda eleitoral de um candidato a vereador ou a reitor de universidade, em uma reunião nos Alcolólicos Anônimos ou nos apresentando em um primeiro dia de aula em uma escola nova. Enfim, vivemos cotidianamente esses textos que falam sobre pessoas, "quem são, onde vivem, o que fazem,

⁶ (NEWKAY-BURDEN, Chas. Justin Bieber, uma biografia não autorizada. Ed. Primo: São Paulo, 2010).

⁷ (KERSAW, Ian. Hitler. Ed. Companhia das Letras: São Paulo, 2010).

⁸ (LECOMTE, Bernard. João Paulo II: uma biografia. Ed. Globo: Rio de Janeiro, 2005).

⁹ (HIMITIAN, Evangelina. A vida de Francisco – o Papa do povo. Ed. Objetiva: Rio de Janeiro, 2013).

suas trajetórias" (BARTH, 2010). Ainda que parcialmente, na escrita ou na oralidade, a prática de narrar a vida de um indivíduo, portanto biografá-lo (BARTH, 2010), se revela uma atividade corriqueira. Essa prática em caráter documental, porém, reveste-se de uma áurea solene¹⁰, herança dos imperadores romanos, como Ciro, dos reis bárbaros europeus e dos Românticos (HENRIQUES, 2014).

A hodierna evidência dada às questões de gênero pela sociedade brasileira, nesta segunda década do século XXI, conclama às academias o estudo do tema, suas significações, ressignificações, representações e reflexos na ordem social - incluindo o pensamento moral e a flexão cultural. Isto em virtude de haver uma forte desestabilização do paradigma binário de gênero (homem x mulher) no Ocidente, o que promove, também, uma reorganização social acerca dos papéis, dos lugares, das representações e das legitimidades relacionadas às questões de gênero em todo o Brasil. Não obstante, esse contexto nacional de atenção às questões de gênero permeia o interesse historiográfico pela subjetividade biográfica da Princesa Isabel. Assim, o "Castelo de Papel" fará esse percurso não apenas com a Princesa, mas também com seu marido, Conde d'Eu, glosando acerca de traços de personalidade e identidade de dois ícones da história do Brasil, os quais serão investigados aqui por meio de suas representações de gênero ao longo da biografia.

É nesse sentido que acompanhar o atual movimento historiográfico na reimpressão de identidades de ícones de cultura nacional, como é o caso de ambas as personagens da obra de del Priore em glosa, revela-se salutar ao ambiente atual de ebulição das identidades e de defesa das singularidades (de gênero, de sexualidade, de ideologia, de cultura *etc.*).

A escolha de "O Castelo de Papel" enquanto *corpus* de pesquisa, da qual advirão os dados que comporão o *corpus* a ser averiguado na seção das análises, é centrada na curiosidade em reconhecer como ainda são identificados o *masculino* e o *feminino*, não apenas enquanto elementos de um binarismo que, historicamente, representam uma hierarquização de gêneros, em que o primeiro simboliza a opressão (aquele que oprime a outrem) e o segundo a repressão (aquele que é reprimido por outrem).

A questão latente a esta pesquisa é, justamente, acessar a representação de gênero que está socialmente sedimentada na memória coletiva dos brasileiros, em sua identidade cultural (HALBWACHS, 1990). Isso aponta para uma nodal reflexão ao estudo aqui desenvolvido: de que maneira o *masculino* e o *feminino* são posicionados no discurso, são construídos e são

¹⁰ As biografias clássicas e sua tradição de cultuar a Reis, Imperadores, Heróis e povos pode ser melhor compreendida através da leitura de Barth (2010), disponível em: <http://www.classicas.ufpr.br/projetos/monografias/ViniciusBarth-Biografias.pdf>.

representados enquanto categorias que vão muito além do biológico, mas que abordam identificações sociais, direitos e alienações, deveres e obediência, cidadania e exclusão, legitimidade e apagamentos? Por meio desses questionamentos, que em verdade resumem-se ao “como o masculino e o feminino figuram nas representações de gênero em nossa sociedade enquanto elementos de um paradigma (ou estamento) sociocultural alicerçado em uma ideologia binária de gênero que hierarquiza e empodera tanto quanto subjuga e oprime”, a presente pesquisa busca compreender como, na narrativa de Mary del Priore, tais representações de gênero reafirmam ou põem em perspectiva a ideologia binária e biologicamente distintiva de “Homem” e “Mulher” dentro do social.

Por todo o exposto, esta Dissertação objetiva investigar, à luz da LSF, as representações discursivas de *masculino* e *feminino* realizadas por Mary Del Priore em 'O Castelo de Papel', como formas de categorização de gênero para a Princesa Isabel e o Conde d'Eu. E, para tal engenho, serão percorridos alguns caminhos perquiritivos que deverão promover a investigação central desta pesquisa: A) Investigar os constituintes léxico-gramaticais presentes na biografia 'O Castelo de Papel' para a identificação de gênero, sob a perspectiva do Sistema de Transitividade, com os seus componentes: *Processos*, *Participantes* e *Circunstâncias* (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014); B) Verificar como a Princesa Isabel e o Conde d'Eu são representados e identificados por Mary del Priore, em atenção à representação como uma explanação do ponto de vista do mundo *Material*, *Mental* e *Relacional*, atrelada à identificação de gênero; C) Identificar os referente nominal mais utilizados na orientação da identificação de gênero por Mary del Priore para a representação da Princesa Isabel e do Conde d'Eu, em atenção aos “lugares sociais” que estes lexemas apontam para as personagens através de seus gêneros; e D) Analisar a atitude da autora da biografia, Mary del Priore, frente ao seu objeto do seu dizer, a Princesa Isabel e o Conde d'Eu, através do "Sistema de Avaliatividade", com vistas à apreciação sistemática dos marcadores atitudinais de *Afeto*, *Julgamento* e *Apreciação*, atrelado à representação genérica das personagens biográficas.

Para tanto, o trabalho será dividido em duas Seções, cuja primeira dará conta do aporte teórico, e a segunda da análise dos dados que compõem o corpus. Assim, será explanado ao longa da **Revisão da Literatura e Fundamentação Teórico-Metodológica da Pesquisa** todo o suporte extraído da Linguística Sistêmico-Funcional concedeu à pesquisa, desde a concepção de gênero textual até as categorias de análise baseadas nos Processos como formas de ação ou estados de ser dos sujeitos. Por sua vez, **A Representação de Gênero em “O Castelo de Papel” e a Atitude Avaliativa Autorial na Identificação Genérica de**

Masculino e Feminino exporá o *corpus* analítico que corporificou a pesquisa, assim como também delineará a aplicação dos parâmetros e das categorias investigativas provenientes da LSF, mais precisamente do Sistema de Transitividade – Participantes, Processos e Circunstâncias + Sistema de Avaliatividade. Este percurso permitirá a visualização de um panorama complexo da obra pesquisada no que concerne às representações identitárias e identificadoras de gênero das personagens que protagonizam a narrativa.

1 REVISÃO DA LITERATURA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA

Esta Seção terá início com o tópico **O Texto Biográfico e os Estudos de Gêneros na Linguística Sistêmico-Funcional**, o qual caracterizará os estudos de gêneros textuais na perspectiva da LSF. Isto atuará como base para a investigação do percurso discursivo engendrado pela autora ao construir identidades para suas personagens, bem como identificações que situam seus protagonistas no contexto da obra. A partir do produzido neste momento inicial, partir-se-á para um aprofundamento teórico, o qual terá como foco **A Linguística Sistêmico-Funcional: o Sistema de Transitividade e o Sistema de Avaliatividade**. Esse segundo tópico vai trazer à baila a teoria de Halliday que confere alicerce a todo o engenho analítico da Dissertação. Por meio do Sistema de Transitividade, à luz dos Participantes, Processos e Circunstâncias, serão observados os modos pelos quais a autoria construiu suas personagens. Por sua vez, o Sistema de Avaliatividade vai permitir a seleção de categorias de análise que apontem para as relações que a autora mantém com o seu objeto de dizer, desvelando possíveis discursos ocultos.

1.1. O TEXTO BIOGRÁFICO E OS ESTUDOS DE GÊNEROS NA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Compreender o discurso biográfico, a interação dada por meio da materialização de um dizer através do gênero biografia, figura como nodal ao desenvolvimento de uma pesquisa que se propõe a analisar processos de construção de identidades e de identificações de pessoas cujas vidas foram textualizadas em uma obra tanto documental quanto ficcional.

Por tal discernimento, doravante, será explanado o gênero biografia tal qual ele é compreendido nesta Dissertação, bem como qual a orientação teórica que perpassa a visão do

trabalho aqui em glosa no tratamento linguístico conferido à biografia, de modo que se traz a noção de gêneros textuais para a LSF.

1.1.2. O Gênero Biografia

Como introduz Henriques (2014, p. 18), "contar a história de alguém é apresentá-lo a outrem, segundo a nossa forma de tomarmos aquele alguém, de encarmos este indivíduo em sua realização existencial conforme os nossos "filtros ideológicos". Assim, ao narrar a vida de alguém, o sujeito realiza escolhas, elencando um conjunto de aspectos, fatos, impressões e juízos de valor que tem concernentes à trajetória de vida do biografado (PORTILHO, 2013).

Entretanto, é válido ponderar que o desenho que se faz desse sujeito é decorrente de uma série de ações intersubjetivas do narrador, as quais se dão aliadas a outras ações de caráter objetivo. Isto porque aquele que conta a vida de alguém tem limitações quanto ao seu objeto do dizer, precisando operar com o que emerge à memória em virtude de referentes, de estímulos e de correspondências postas em contato no ato da representação discursiva do seu objeto de dizer.

É justamente pelo ora glosado que as biografias estão inseridas na máxima de que a história varia a partir de quem a conta (NERY, 2005). Ou seja, o sujeito biografado tem sua vida feita refém da edição realizada pela pessoa que dele fala. Com isso, cabe evidenciar que, no caso de uma narrativa sobre uma história, sobre fatos verídicos, parte-se da conjectura de que o dito é, sobretudo, uma invocação do real¹¹, um exercício de linguagem com vistas à erupção de uma realidade pretérita, quiçá um *flashback*. Nessas condições, a história se torna, em certa medida, uma narrativa que se pode provar e comprovar – "o que faz possível a afirmação de que contar a história de alguém é apresentar um retrato de sua vida, uma visão verdadeira acerca de alguém de maneira que quem veja tenha suas próprias conclusões sobre o narrado" (HENRIQUES, 2014, p. 18-19).

Pensando no gênero em si, tem-se a premissa de que a narrativa biográfica oferta uma ressurreição pela linguagem de um elemento humano, invocado por sua essência e personalidade extraídas das relações deste com os momentos e acontecimentos de sua trajetória. Em decorrência disso é que a narrativa biográfica se caracteriza pela presença de

¹¹ Problematizando a ideia de real, para o trabalho aqui desenvolvido, não é pertinente a relativização histórico-filosófica dos entendimentos que se têm, no senso comum, do "Real" e da "Realidade", haja vista que aqui aludirão sempre ao que se entende por "factual" e "factível", em oposição àquilo que advém do imaginário e da fantasia.

um narrador onisciente (ou parcialmente onisciente), o qual traz 'tudo' sobre o seu objeto do dizer e diz tal qual o supostamente fora quando acontecido.

Entretanto, é preciso atenção para um detalhe importante: o homem não se relaciona de modo direto com o mundo. Essa relação é feita pela linguagem, a qual é ambígua e polissêmica por constituição e funcionamento. Além do mais, os usos da linguagem estão a favor do seu usuário, o que permite uma "manipulação" do dizer pelo dizente de maneira a representar o objeto do dizer 'ao sabor do dizente', o que gera uma maquilagem no dito.

Nesses termos, o que o empreendimento textual traz consigo é o engendramento de um discurso. É insuportável a defesa de texto sem discurso e de discurso sem sujeito. Por sua vez, a discursividade carrega em si o labor da impressão de cultura do homem sobre o mundo, bem como comporta a própria historicidade cultural da qual faz parte este homem. A biografia, como discute Henriques (2014), tal qual um trabalho de tear retalhos da vida de alguém com linha e agulha ideologizadas (motivações, intenções e objetivos) recai em um exercício de sistematização simbólica. Nesse sistema, o autor biográfico vai “orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões”, haja vista que há um ponto de vista autoral sobre o biografado que se deseja defender e, além disto, propagar, lembrando-se que “a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia” (KOCH, 2004, pág. 17).

Partindo-se para uma análise mais aprofundada do gênero Biografia, tem-se a leitura da própria etimologia do gênero textual “Biografia”. Recorrendo-se aos morfemas latinos, tem-se a estrutura composicional *bio*, “vida”, e *grafos*, “escrita” (NERY, 2005). Etimologicamente, portanto, o gênero já apresenta a noção de qual engenho linguístico está embutido neste “artefato social”: contar a vida de outrem (MILLER, 1984). Por sua vez, Vygotsky aponta para a criação de instrumentos mediadores da interação social como uma faculdade humana de suprir demandas comunicacionais, e, neste sentido, o gênero *Biografia* emerge como um dispositivo de linguagem vocacionado à perpetuação de um saber social comum, com base na vida e nas obras de determinados sujeitos de destaque em uma dada cultura (VYGOTSKY, 1970, *apud* LIMA, 2009).

É preciso atenção quanto ao gênero em glosa, pois este é uma narrativa não ficcional, no qual os fatos podem ser contados em ordem cronológica – do nascer ao morrer –, ou por blocos temáticos – amor, vitória e derrota, carreira etc. (NERY, 2005). Todavia, não raro, encontram-se produtos biográficos romanceados, cujos exemplares são obras de exercício ficcional de linguagem, tocantes à literatura (NERY, 2005; DUARTE, 2013). Sendo assim, a intensão não é idêntica a da biografia em si, pois transporta os fatos de uma história para as

possibilidades factíveis que estabelecem a verossimilhança inerente às histórias (DUARTE, 2013).

Nery (2005) dá prosseguimento ao debate sobre a biografia, introduzindo-a como sendo uma miscelânea “jornalismo-literatura-história”, em que se observa uma narrativa da vida de alguém, à luz desta mesma miscelânea. É da referida tríade de onde partem os dados presentes na narrativa, cuja função é a de reconstituir e “contar-a-história-da-vida-de-alguém” que chamamos de biografia (NERY, 2005).

Detalhando o que se observa quanto à tríade apresentada, esclarece-se que a biografia consiste em um trabalho de linguagem em que se fazem presentes a linguagem jornalística, a literária e a histórica, alinhavadas em uma trança para o evento biográfico. Neste sentido, percebe-se a linguagem jornalística no concernente à investigação da vida da personagem biografada, com a pretensão de descobrir o biografado em suas características gerais, como tipo físico, profissão, naturalidade, família, estado civil *etc.*, e as suas minúcias, tais quais os locais prediletos, os gostos, as viagens, os romances, possíveis passagens contraditórias como crimes, escândalos ou traições *etc.* (HENRIQUES, 2014; BATH, 2010).

Assume-se que o texto biográfico é, também, um engenho literário de linguagem no intuito de assegurar o reconhecimento da ordenação do gênero a partir de uma função narrativa, a qual busca igualmente imprimir um valor estético do biógrafo sob a visão construída na obra para o biografado. Como afirma Henriques (2014, p. 22-23), "ao passo em que o autor vai expondo sequências de acontecimentos e nelas exerce suas impressões e percepções, tem-se um jogo de linguagem entre o facto e o factível", no sentido de que o fato narrado não é passível de ser revivido pelo leitor, mas a apreensão deste poder ser experienciada segundo os referentes lançados no texto. Através disto, "os elementos factíveis são reorganizados de maneira a se recriar o contexto do fato, possibilitando uma experiência nova a partir do evento primário", assinala o mesmo autor.

Em relação ao aspecto literário da linguagem biográfica, é interessante ressaltar que mesmo havendo um "reavivamente hipotetizador" de fatos da vida da personagem biografada, o que se dá segundo ações de falseamento, este se ocorre por meio de "uma sintaxe de lembranças que aciona uma criptografia do vivido para uma projeção daquele contexto, não há, contudo, um desempenho mimético" (HENRIQUES, 2014, p.23-24). Ou seja, o texto biográfico não é uma obra literária, contudo utiliza recursos literários para a reprodução de fatos, sensações, emoções, sentimentos e razões que não mais existe e que, geralmente, não foi vivenciada por quem a narra. Este engenho é fruto da necessidade de "promover uma nova experiência do contexto do fato através de referentes (factíveis)", como forma de transportar o

leitor para dentro do que é contado, cena após cena, tal qual ele estivesse na mesma posição de onisciência que o narrador (HENRIQUES, 2014, p.23-24).

Mas a *Biografia* também é um trabalho de linguagem histórica. Isto é perceptível em razão da "compreensão linguística de um fato e do que nele se faz presente e do que dele se delinea. A linguagem histórica deve partir de um fato para problematizar suas questões de contexto sócio-histórico-cultural", tal qual defende Henriques (2014, p.22-23) em ISABEL DO BRASIL: "Uma Princesa e suas Múltiplas Identidades Biográficas"¹².

Tal característica do texto biográfico de transportar o seu leitor para uma "realidade outra que não a sua, mas uma 3ª sobre ele projetada, que o traga a vivenciar experiências de outrem e sobre elas imprimir o seu *self*", aproxima o fazer deste gênero ao fazer literário - mas não vai além de uma mera aproximação (HENRIQUES, 2014, p. 27). Cabe ressaltar que por contar uma história, e não uma estória, ainda que sob processos que recorrem aos elementos verossimilhantes de reconstituição de contextos factíveis, a biografia não figura como um gênero de criação, mas de mencionar e descrever a vida de alguém (HENRIQUES, 2014; DUARTE, 2013; NERY, 2005).

O que não pode sair de cena é o entendimento de que as memórias e as identidades se imbricam na composição do texto biográfico (HENRIQUES, 2014). Assim, a biografia atua socialmente imprimindo um ponto-de-vista sobre a figura biografada, convertida em personagem, e gerando releituras que promovem ressignificações atuantes sobre a coletividade, em seus modos de perceber e interpretar memórias e identidades coletivas (HALL, 1999; HALBWACHS, 1990).

A problematização da autoria e da leitura biográficas percorrerão toda a investigação do corpus, não apenas por sua natureza frente à experiência do gênero, mas pelos efeitos discursivos que o gênero provoca – e nisso terão destaque as impressões tangíveis à memória e à identidade coletivas, como "efeito colateral" às marcações representacionais de gênero (Masculino e Feminino) na biografia da vida íntima da Princesa Isabel e do Conde d'Eu.

¹² Tal obra consiste na monografia deste autor, a qual analisa duas biografias da Princesa Isabel revelando contrastes acerca da apresentação de fatos, circunstâncias e imagens da princesa, por parte da autoria, em uma perspectiva que leva as diferenças de estilo, de processo narrativo, de momento histórico e de nacionalidade das obras a um plano analítico, tendo a autoria como foco da discussão.

1.1.3. Os Gêneros Textuais Segundo a LSF

Para a Linguística-Sistêmico Funcional, o contexto de uso da língua e a função social do dizer dentro da interação norteiam a visão teórico-metodológica quanto aos modos de ocorrência e às realizações linguísticas.

Dessa forma, o aspecto funcional, na LSF, deve ser encarado como a base de sua observância dos fenômenos linguísticos, sendo justamente o "trabalho que a linguagem realiza dentro de determinados contextos" (BAWARSHI & REIFF, 2013, p. 47). Por sua vez, o sistêmico vai mirar no aspecto estrutural e organizacional da linguagem, pois tais caracteres vão realizar as operações de linguagem pretendidas pelo sujeito dentro dos referidos contextos. Esta perspectiva sistêmica é alusiva, com efeito, aos "sistemas de escolhas disponíveis aos usuários da linguagem para a realização do sentido" (CHRISTIE, 1999, p. 759 apud BAWARSHI & REIFF, 2013, p. 47).

Refletir sobre as formas de realização da linguagem é um trabalho muito caro à LSF, uma vez que permitem à análise uma descrição das operações linguísticas de propósitos e contextos sociointeracionais, da mesma forma como são tais propósitos e contextos os elementos que materializam, que realizam a linguagem segundo uma prática social de produção de significados (MOTTA-ROTH & HEBERLE, 2005, p. 13). Pensar as formas de realização da linguagem é, por conseguinte, pensar em gêneros.

Os estudos de gêneros para a LSF têm forte peso teórico oriundo dos estudos de Halliday, os quais foram inseridos em contextos mais direcionados aos estudos dos gêneros através dos trabalhos de Martin, Rothery, Ventola e Hasan (BAWARSHI & REIFF, 2013, p. 47). Nesse sentido, a visão de gêneros para a Linguística Sistêmico-Funcional está ancorada na língua como um sistema sociosemiótico que representa linguisticamente a existência humana. É exatamente por isso que um trabalho de base linguística necessita averiguar os fatores relacionados aos contextos em que os sujeitos interactantes atuam e interagem uns com os outros (FIGUEIREDO, 2009).

Partindo do ora exposto, as investigações de gêneros se norteiam pelas análises do contexto de situação, o qual compreende elementos diversos concernentes à interação e que produzem sentido na interlocução. Nesses termos, o "contexto de situação determina o registro de linguagem ligado àquela situação humana em particular, ou seja, as variações no uso da linguagem de acordo com os diferentes contextos situacionais" (FIGUEIREDO, 2009, p. 9). A importância do contexto de situação é oriunda das ações significativas empreendidas dentro dele pelos sujeitos, de maneira que as formas de socialização pela linguagem

imprimem nos interactantes elementos que os tornam socializáveis e desenvolve práticas comunicativas contextualmente situadas.

Em se tratando do contexto de situação e sua importância para os estudos de gênero desenvolvidos pela LSF, Figueiredo (2009, p. 4 e 5) pontua que

Esse construto possui três elementos: campo, relação e modo. O campo é a organização simbólica do texto, a atividade social, o que está acontecendo, suas relações internas, o que ele representa. Já a relação mostra como os participantes interagem via linguagem em uma dada situação, como agem uns sobre os outros e sobre si mesmos, como se relacionam entre si; por fim, o modo diz respeito ao canal da mensagem, como a linguagem se estrutura em determinados textos, se através da oralidade, de recursos visuais ou verbais, ou até mesmo de forma híbrida, mesclando diferentes modos semióticos (MOTTA-ROTH & HEBERLE, 2005, p.13-14).

O desenvolvimento textual/discursivo das três variáveis do contexto de situação é realizado por meio das metafunções da linguagem, uma proposta teórica de Halliday (2004 apud FIGUEIREDO, 2009, p. 4), nos seguintes termos: i. Metafunção Ideacional = diz respeito à capacidade de a linguagem representar nossas experiências do mundo físico, mental e social; ii. Metafunção Interpessoal = diz respeito à forma como a linguagem possibilita que estabeleçamos, através de textos e gêneros, relações sociais uns com os outros; e iii. Metafunção Textual = diz respeito à estrutura e ao formato do texto, ou seja, à capacidade de a linguagem construir textos coesos, coerentes e compreensíveis utilizados como mensagens nos diferentes contextos sociais.

Essas metafunções serão vistas mais detalhadamente no Tópico II desta Seção I, na qual a Linguística Sistêmico-Funcional haverá de ser elucidada mais detalhadamente. Todavia, para o desenvolvimento deste tópico em glosa, é pertinente assinalar que não podem faltar as noções de que o Campo trata do que relatamos (estando atrelado à metafunção Ideacional), as Relações abordam os participantes da interação (inserida na metafunção Interpessoal), e o Modo lida com a forma pela qual organizamos as representações do mundo, do outro e de nós mesmos naquele dado momento (estando alicerçada na metafunção Textual). Mediante tais associações observa-se que as variáveis determinam os significados e as formas linguísticas utilizadas para sua expressão, sendo uma rica fonte de dados para a LSF investigar os contextos interlocutivos e os seus meios, como os gêneros (ANDRADE, p. 1998).

Entretanto, ainda que o contexto de situação disponibilize aos estudos de gêneros à análise do Registro, o qual leva à compreensão do texto enquanto “uma configuração de significados que estão tipicamente associados a uma configuração situacional específica”

(HALLIDAY & HASAN, 1989, p. 38 apud FIGUEIREDO, 2009, p. 5), é no contexto de cultura que se observa propriamente dita a noção epistemológica de gêneros empreendida pela LSF.

Para introduzir o Contexto de Cultura, cuja noção é adotada por Halliday com base nos estudos de Malinowski, tem-se a exposição de Martin, Vian Jr. e Lima Lopes (2005, p. 31-32):

O estudo do contexto de cultura envolve a observação de como a língua é estruturada para uso. Para tanto, é necessário estudar interações autênticas e completas, de forma a observar como as pessoas “usam a língua para alcançar objetivos culturalmente motivados” (EGGINS, 1994, p. 25), o que ocorre por meio da análise de diferentes gêneros. Ao desenvolver a análise do contexto de cultura, deve-se procurar descrever como o propósito geral da interação nos leva a organizar um texto em estágios, dado que não é possível transmitir todos os significados simultaneamente. O gênero, portanto, estrutura-se em estágios, conforme a definição de gênero proposta por Martin (1992, p. 505), que compreende um processo social orientado para um objetivo – teleológico, consequentemente -, organizado e realizado pelo registro.

Nesse sentido, dialogando com o contexto de situação, o registro se mostra uma instanciiação genérica, a qual é organizada conforme as escolhas realizadas nos níveis do campo, das relações e do modo, haja vista elucidarem o aspecto multifuncional da linguagem. E é por causa disso que "o gênero reflete a multifuncionalidade linguística no nível dos processos sociais, ou seja, do contexto da cultura. A própria cultura é vista por Martin como um sistema de gêneros e, portanto, de processos sociais" (FIGUEIREDO, 2009, p. 6). Assim, verifica-se que "o acesso aos gêneros depende de variáveis econômicas e socioculturais como classe, etnia, gênero social, sexo, entre outras" (MARTIN, 1992).

Essa arquitetura analítica dos gêneros pela LSF é justificada na ideia de, efetivamente, vir a promover uma investigação que compreenda o propósito social e a estruturação textual ligada àquela primeira. Sem deixar de averiguar o registro, em atenção aos usos e às escolhas linguísticas do interactante, a LSF realiza uma verdadeira análise linguística em prol de largamente visualizar os percursos léxico-gramaticais do sujeito na tessitura de seu discurso, na manipulação da essência genérica a fim de realizar um dizer. É neste sentido que a LSF não retira de cena a noção de que através dos gêneros há realizações ideológicas empreendidas discursivamente, as quais se configuram enquanto um "sistema de codificar as orientações que engendram subjetividade - num nível de abstração mais elevado do que o gênero" em si (MARTIN, 1997, p. 40 apud BAWARSHI & REIFF, 2013, p. 54).

Tomando a premissa de que os gêneros são fulcrais "na construção social da experiência" (CHRISTIE & MARTIN, 1997, p. 32 apud BAWARSHI & REIFF, 2013, p. 54), não se pode perder do foco que tanto as experiências sociais como os gêneros pelos quais elas se realizam precisam evidenciar as relações de ambos com as instituições sócio-políticas, as relações de poder e as subjetividades/ideologias. Noutros termos, como frisa Threadgold (1989, p. 102 apud BAWARSHI & REIFF, 2013, p. 54), a perspectiva de gêneros da LSF é importante na medida em que expõe "relações que ela permite/possibilita/restringe e recursa entre leitores e escritores, produtores e receptores de texto".

Essa essência social da concepção de gênero pela LSF os situa enquanto formas de realização das ações de linguagem dos sujeitos, sendo que os gêneros são vistos como "mutáveis, sofrendo influências das interações nos quais são utilizados, e cada ação social é realizada através de gêneros que a tornam particular, em função das variáveis de registro" (VIAN JR & LIMA-LOPES, 2005 *apud* FIGUEIREDO, 2009, p. 6). Com base no exposto, tem-se que "o gênero é instanciado mediante escolhas das variáveis de registro", assim como "pré-seleciona as variáveis de registro, associando-as a partes específicas da estrutura textual" (VIAN JR; LIMA-LOPES, 2005, p. 34 *apud* FIGUEIREDO, 2009, p. 6).

Pensar nos gêneros segundo a LSF é observá-los enquanto formas de realização de ações sociais linguisticamente produzidas e posicionadas em níveis contextuais. De acordo com o contexto de cultura, os gêneros atuam enquanto o lugar em que a interação se dá (levando-se em consideração todo o potencial semiótico de realização neste dado 'lugar'). Já conforme o contexto de situação, há uma impressão da ação de linguagem do sujeito através da impressão de uma atitude discursiva, textualmente realizada, verificada pelo registro.

Assim, os gêneros podem ser entendidos como uma expressão ou realização de linguagem que clarifica as relações existentes, sejam superficiais ou densas, entre o propósito social de um texto e a própria estrutura da língua. Desta forma, o propósito comunicativo e a função social dos eventos comunicativos acabam por ser determinantes na caracterização dos gêneros, o que os torna, por conseguinte, caracterizadores dos modos de agir cotidianos das pessoas.

Nas palavras de Ghio & Fernández (2008, p. 53), os gêneros são um guia cultural que orientam o desenvolvimento de textos, de discursos, de ações dos sujeitos. Cabendo ao estudioso dos gêneros, ao por as lentes da Linguística Sistemico-Funcional, enxergar nos

gêneros a representação de *"un evento o conjunto de eventos que llevan a la creación de un texto basado en un propósito u objetivo comunicativo/social común"*¹³.

CONCLUSÃO DO TÓPICO I

Esta seção teve por finalidade trazer à baila uma reflexão de ordem teórica acerca dos aspectos mais estruturais, composicionais e realizativos do discurso que compõe o corpus da análise desta pesquisa. Em se tratando de uma investigação alocada em uma obra biográfica, o gênero abriu a seção de modo a pôr o leitor já ciente do ambiente discursivo no qual emergirá mais a frente, na Seção II, quando da apreciação da análise do material selecionado para averiguação e tratamento dos dados relativos às representações de gênero.

Compreendendo o gênero biografia enquanto uma ação discursiva que é, igualmente, uma ação social tipificada e orientadora de comportamentos sociais acerca da construção de olhares (pontos-de-vista representacionais/percepções identitárias), destacou-se a natureza discursiva do texto biográfico. Este atua conforme uma tipificação trina, onde se reúnem características dos textos históricos, jornalísticos e literários, haja vista se tratar de narrativas que organizam, recriam e valoram fatos, dentro de um decurso situado no tempo e no espaço.

Evidenciada a importância do gênero no que concerne ao tratamento do discurso que será abalizado nas análises, fez-se necessário pôr em cena as visões de gênero defendidas pelos principais teóricos orientadores da investigação que aqui será desenvolvida. As definições de gênero para a Halliday e sua Linguística Sistêmico Funcional figuram de modo a explicar como uma investigação das representações e avaliações representacionais se engendram, instanciadas dentro dos gêneros

Por conseguinte, no Tópico 1.2, logo a seguir, ver-se-á a teoria supracitada, a LFS, desenvolvida com vistas a disponibilizar as bases teórico-metodológicas demandadas para o cumprimento dos objetivos deste trabalho de empreender uma análise das representações de gênero no discurso biográfico de Mary Del Priore sobre a Princesa Isabel e o seu esposo, o Conde d'Eu.

¹³ "Um evento ou conjunto de eventos que levam à criação de um texto baseado em um propósito ou objetivo comunicativo e sociais comuns" (traduzido pelo autor).

1.2. A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL: O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE E O SISTEMA DE AFETIVIDADE

Como aporte teórico basilar ao desenvolvimento da pesquisa corporificada nesta dissertação, toda a investigação discursiva realizou-se ancorada nos pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Em virtude disso, logo adiante, será abordada a LSF com enfoque no Sistema de Transitividade, somado a certo destaque para o Sistema de Avaliatividade, haja vista serem basilares à análise pretendida do *corpus*, para, por fim, apresentar-se o norteamento da investigação que será desenvolvida na Seção II.

1.2.1. A Linguística Sistêmico-Funcional

Como elencado no tópico anterior, dentre as vertentes teóricas do Funcionalismo Linguístico, situa-se a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Esta, por sua vez, configura-se enquanto componente fulcral dos subsídios conceituais para a pesquisa a ser aqui desenvolvida.

A partir de agora, trarei considerações importantes a este trabalho concernentes à LSF, desde já ofertando a relevância desta teoria para a realização de uma análise textualmente orientada, como é proposto para a investigação do *corpus* desta pesquisa.

Halliday, segundo Souza (2006), compreende a linguagem como sendo uma atividade reacional (por ser inerente ao ser humano), relacional (por partir da interação, das situações de relacionamento social via texto – oral ou escrito), sistêmica (por ocorrer através de uma rede de sistemas com base na tríade "signo-significado-significante": morfologia, gramática, discurso) e semântica (por estar concebida em estruturas constitutivas de significados). Pela complexidade de sua noção da linguagem, os seus estudos tomam-na como semiótica social, na medida em que é situada em metafunções, haja vista que são as demandas de uso o elemento de orientação e realização das representações linguísticas organizadas no código tanto pela gramática quanto pela fonologia (ao invés do atendimento aos moldes estruturais da visão formalista).

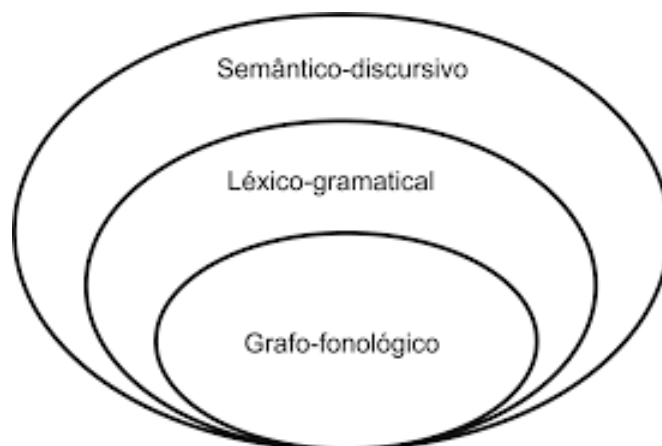
Desta forma, Halliday empreende uma visão sistematizada em que se evidencia o usuário, pondo-o como o protagonista do funcionamento linguístico ao passo que a língua vai ofertar possibilidades de representações significativas (cujo arcabouço é um produto contínuo das realidades socioculturais desta língua e seus falantes). Porém, é o sujeito interacional quem vai agindo sobre a língua por meio de seleções. Noutros termos, como afirmam Martin

e White (2005, p. 17), Halliday traz à baila que "a perspectiva do sistema coloca em primeiro plano a noção de escolha – a linguagem como um recurso".

Adensando as reflexões acerca da língua(gem) como recurso significativo e do uso como um processo complexo de escolhas simbólicas, Halliday desenvolve um modelo nocional "sistêmico-funcional", que nomeia a sua teoria, e que é atribuído com excelência à sua compreensão da gramática: um mecanismo linguístico que abarca diversificadas e refinadas seleções significativas advindas das múltiplas funções da língua, realizando-as segundo uma forma estrutural unificada (HALLIDAY, 1978). A alcunha "sistêmico-funcional" parte da reflexão de que esta gramática considera questões significativas (plano semântico) atreladas aos usos (plano funcional) da língua, além de reconhecer que vigem sistemas que regem a linguagem (plano sistêmico).

- **A visão de Língua(gem) e os Níveis Paradigmáticos**

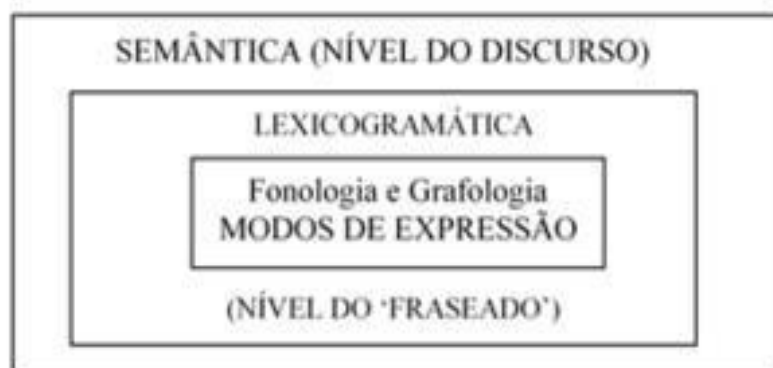
Com base nestes três planos (semântico, funcional e sistêmico), Halliday (2002, p. 262) assinala uma configuração epistêmica em seus estudos chamada de "*tristatal construct*" (constructo tristatal), engendrado entre a fonologia (cuja unidade considerada é o fonema), o léxico mais a gramática (cuja unidade é o texto) e a semântica (cuja unidade é o significado). Esta organização é orientada pela concepção de sistema paradigmático, pela qual Halliday tomou a língua enquanto um sistema semiótico, gerida em níveis diferenciados, mas indissociáveis, em que cada nível é organizado dentro de um sistema paradigmático (HALLIDAY, 2002):



Esquema 1 - Organização Estratificada da Linguagem para Halliday

O Esquema I esclarece como Halliday (1978) enxerga essa organização nivelar paradigmática essencial à compreensão de sua teoria. Vale a ressalva de que o nível intermediário, surge como "infragramatical", e a sua renomeação ocorre pela inserção da gramática como compreendendo o vocabulário junto às regras e mecanismos de ligação das estruturas da língua. Daí emerge a oração enquanto unidade analítica cerne da LSF (HALLIDAY & MATTHISSEN, 2014, p.7).

Nesta sintaxe proposta por Halliday para a compreensão de sua visão da língua(gem), salta aos olhos uma relação entre estes três planos visualizados na Figura I e um outro esquema apresentado por Moreira (2015, p. 31), com caráter mais didatizado:



Esquema 2 – Sistema Paradigmático de Halliday, por Moreira (2015)

A perspectiva sistêmica da teoria de Halliday fica clarificada na medida em que se veem relacionadas as nuances representativas da linguagem – plano grafo e fonológico –, a estruturação/composição do dizer – plano lexicogramatical – e a comunicação em si – a construção de sentidos. Trocando em miúdos, respectivamente, têm-se um "modo de expressão", um "fraseado" e um "discurso" (MOREIRA, 2015, p. 31).

Efetivamente, ambas as figuras (I e II) tratam da mesma organização nocional apresentada por Halliday para a sua teoria Sistêmico-Funcional. Cabe ressaltar ainda que existem três níveis paradigmáticos imbuídos em cada um daqueles estratos. Ou seja, o Sistema Paradigmático da Língua na visão da LSF é composto por três estratos em que cada qual abarca um sistema próprio vocacionado a um nível linguístico específico. Em direto, a teoria os elenca da seguinte forma: i. Fonologia & Grafologia = compreendem o sistema infragramatical, aquele que está inserido na gramática da língua e oferta ao seu usuário modos

alternativos de se expressar, o que resulta no alcance do nível seguinte – léxico-gramatical (HALLIDAY, 2002, p. 262); ii. Lexicogramática = abarca desde a gramática até o vocabulário da língua, buscando no enunciado o perímetro da oração e fazendo desta a sua unidade analítica básica (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014, p.7); e iii. Semântica = deve ser entendida enquanto uma "semântica do discurso", haja vista que se ocupa da produção de significados, realizada por meio da exploração de todo o potencial comunicativo presente no sistema da língua (MOREIRA, 2016, p. 32).

Com isto, deve-se conferir maior atenção ao lugar de destaque no qual a LSF põe a gramática. Isto por sê-la, nessa teoria, a essência interna da língua (MOREIRA, 2016), agindo como um mecanismo linguístico que disponibiliza ao usuário um universo significativo de modos de produção de sentido, derivado das várias funções da língua, realizando-as sob uma estrutura unificada e culturalmente partilhada (HALLIDAY, 1978, p. 157, *apud* MOREIRA, 2016). A partir deste entendimento, para a LSF é cara uma análise que objetiva dar conta do texto, por ser esta unidade linguística "formada pelos significados funcionais da linguagem" (MOREIRA, 2016, p. 31). Assim, o texto, a unidade de expressão linguística dos usuários da língua, toma uma dimensão privilegiada nos estudos funcionais por permitir que seja investigado o funcionamento da língua enquanto uma prática social, dentro de movimentos interacionais. Disto advém a particularidade da teoria em glosa frente outras que trazem a gramaticalidade como base nocional, haja vista que para a LSF são os usos aqueles que definem as referências para as análises linguísticas - diferentemente do que imprimem investigações de caráter chomskyano (mentalista), como assinalam Souza (2006) e Moreira (2015).

Graças a este postulado teórico, na LSF a frase é "estudada em seu ambiente discursivo" (HALLIDAY, 1997, p.02), o que permite ao analista uma compreensão dos recursos sistêmicos elencados pelo usuário da língua no momento em que realizou por esta frase o seu dizer. E nisto se torna possível, também, observar a relação do usuário com a língua, com o sistema linguístico e os recursos nele imbuídos, aludindo para as suas habilidades, competências e níveis de autonomia. E mais, parafraseando Martin & White (2005), citados por Moreira (2015, p. 32), investigar os textos é realizar uma investigação concernente aos meios pelos quais os sujeitos se expressam e expressam sua relação com o sistema da língua, seus mecanismos de aprendizagem deste sistema e de interação através dele, nas mais corriqueiras e complexas situações de comunicação.

- **Um olhar para os Sistemas da língua(gem)**

O movimento elucidado por Martin & White (2005) é importante para a LSF por que aponta para um ponto-de-vista que perpassa toda a teoria:

"El conocimiento se transmite, se crea y se recrea em contextos sociales, através de relaciones sociales (...), que son definidas por las ideologias y por los sistemas de valores de la cultura. Y las palabras que se intercambian em estos contextos adquieren significado em las actividades em las que se insertan, que también son actividades sociales..." (HALLIDAY y HASAN, 1985, p. 5, *apud* GHIO e FÉRNANDEZ, 2008)¹⁴.

A citação acima traz a defesa de que fazer uso da língua é, sobretudo, realizar uma série de operações linguísticas as quais demandam do usuário um conhecimento advindo das experiências comunicativas que este indivíduo soma ao longo de sua vida, no protagonismo de plurais atividades sociais demandantes de uma interação verbal significativa. É necessário perceber que o modo de pensar de Halliday, expresso nesta afirmação em conjunto com Hasan, alude para perspectivas de letramento linguístico, o que não figura enquanto uma extrapolação teórica, haja vista que, nas palavras do próprio Halliday (1985), as questões que a ele interessam em especial são aquelas de natureza educativa e, em decorrência disto, tornam-se para a LSF particularmente relevantes as dimensões sociais da linguagem, os usos que compõe, vivificam e transformam a língua viva.

Em suma, o interesse do teórico supracitado acerca da estruturação sistemática da língua, seus usos e comportamentos no plano interacional em muito advém do objetivo de ofertar uma compreensão mais clarificada, funcional e didática, com vistas ao atendimento das *"complejas relaciones entre enseñar, aprender y hablar"*¹⁵ (HASAN & PERRERT, 1994).

É fatídico que, com o desenvolvimento da teoria e o passar dos anos, o propósito educacional deixou de ser o único dessa teoria, bem como a incursão didatizada e/ou mapeadora de sua estrutura. Assim, parece razoável que, como defende Moreira (2015), o delineamento estrutural interno da língua absorve, paulatina e progressivamente, mais e novos recursos linguísticos cuja finalidade é prestar serviço às demandas interacionais do sujeito, advindas de sua vida social, posto que seja a língua, portanto, compreendida como um sistema comunicacional ordinário às práticas interacionais.

¹⁴ "O conhecimento se transmite, se cria e recria-se em contextos sociais, através de relações sociais (...), que são definidas pelas ideologias e pelos sistemas de valores da cultura. E as palavras que se trocam nestes contextos adquirem significado nas atividades em que estão inseridas, as quais também são atividades sociais" (traduzido pelo autor).

¹⁵ "Complexas relações entre o ensinar, o aprender e o falar" (traduzido pelo autor).

Em virtude disso, tornam-se caras para a LSF todas as atividades sociais empreendidas e/ou embasadas em práticas de interação verbal, por nelas se delinearem as diversas operações linguísticas orientadas às produções de significado em que ocorrem as produções de texto veridicamente relevantes para esta teoria. Resumindo com as palavras de Souza (2006, p.37), nestas práticas linguísticas cotidianas e espontâneas, a LSF realiza o seu objetivo de "estudar a língua em uso", haja vista a Linguística Sistêmico-Funcional privilegiar "análises de produtos autênticos da interação social, aos quais ela chama de texto".

Justamente por meio dessa unidade de análise, o texto, é que Halliday assevera a realização de um estudo em nível mais elevado, o qual atende ao seu propósito da semântica do discurso, por atender a mais do que uma mera análise da oração, uma ênfase para com o significado desta oração e para as operações paradigmáticas realizadas na urdidura daquele significado através da disposição das unidades sintagmáticas que formam o dito (MOREIRA, 2015; SOUZA, 2006). É nessa direção que apontam as reflexões de Halliday quando o mesmo defende o aspecto social da língua(gem) e uma análise linguística que tenha como unidade básica não o texto ideal, mas o produto de uma interação real e espontânea. Assim, a produção de significados mexe com uma gama de potencialidades distribuídas entre os três níveis linguísticos: Grafo-fonológico, Léxico-gramatical e Semântico-discursivo (BUTT *et al.*, 2000), com destaque para os sistemas experienciais, interpessoais e textuais (MOREIRA, 2015).

Dando prosseguimento ao tema, os sistemas experienciais, interpessoais e textuais alicerçam-se no nível léxico-gramatical, o que aponta para a importância da gramática da língua. Isto por ela ser, numa perspectiva funcionalista, relacionada diretamente com a semântica, e organizada segundo funções motivadas em relação às possibilidades e às potencialidades de uso nos contextos sociais diversificados de interação (HALLIDAY, 2002). Segundo esse olhar, a faculdade da linguagem é acionada pelo sujeito com o estrito propósito de interagir com seus semelhantes, em busca de estabelecer novos contatos e relações, através de escolhas paradigmáticas que trazem à tona interpretações e representações de mundo, de si e de outrem (MOREIRA, 2015). A gramática, por conseguinte, atua enquanto uma totalidade, edificando todas as experiências do sujeito possíveis de serem comunicadas, assim como pondo em ação todas as relações intersubjetivas do sujeito inseridas no processo comunicativo (GHIO & FERNÁNDEZ, 2008).

Para tanto, a gramática funcionalista de Halliday (2002) enxerga a língua organizada em duas possibilidades alternativas que são a *cadeia* (o sintagma) e a *escolha* (o paradigma). Quanto a isto, Souza (2006, p.36) sentencia que uma "gramática sistêmica é, sobretudo,

paradigmática, isto é, coloca as unidades sintagmáticas apenas como a realização e as relações paradigmáticas como o nível profundo e abstrato". Nisso está implicado o nível sistêmico da língua permitir ao seu usuário fazer escolhas entre os termos do paradigma na hora de compor o sintagma, e estas escolhas carregam significados consigo, bem como produzem sentidos específicos ao invés de outros que adviriam de escolhas paradigmáticas distintas. Souza (2006) frisa que as escolhas ocorrem quando pretendemos e quando não pretendemos fazê-las, e evoca Butt et al (2000, p.2) para ratificar sua ressalva: "Estamos certos que, mesmo inconscientemente, as escolhas linguísticas são influenciadas em certos aspectos pelo contexto no qual são usadas".

Sendo premissa basilar à LSF estudar a língua(gem) em situações de autêntica interação social, tendo, por isso, o texto como unidade analítica, a gramática funcional figura como um recurso de análise, e não enquanto um conjunto de regras. Com isto, a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) deve ser entendida como uma série de recursos para descrever, interpretar e fazer significados (SOUZA, 2006), atenta à natureza paradigmática da língua e de uma visão de linguagem que favorece o significado e os propósitos de uso (MOREIRA, 2015).

- **Uma abordagem contextualizada**

Uma verdade fulcral à LSF é a de que a gramática deve investigar a língua através de seus usos, tendo consciência de que o produto desta interação social, o texto, "ocorre em dois contextos, um dentro do outro: o contexto de cultura e o contexto de situação" (BUTT et al, 2000 p.3). O Contexto de Cultura pode ser traduzido como o resultado de todas as possibilidades de produção de sentido em uma dada cultura. O Contexto de Situação, por sua vez, abarca as características extralinguísticas dos textos, das quais advêm a substância das palavras e os padrões da gramática da língua. É com base neste *know-how* extralinguístico que os sujeitos falam e escrevem, fazendo uso consciente ou inconscientemente do mesmo, inclusive mobilizando saberes do sistema linguísticos ao construir, identificar, classificar e utilizar os diferentes gêneros discursivos e tipologias textuais (SOUZA, 2006, p.38).

O contexto de situação possui uma organização interna pautada em três variáveis discursivas: a) Campo – concentra-se nas práticas institucionais (MOREIRA, 2015), dando conta do que "diz respeito à natureza da prática social, corresponde ao que é dito ou escrito sobre algo" (SOUZA, 2006, p.38); b) Relação – foca-se nas relações sociais estabelecidas (MOREIRA, 2015, p.32), orientando sua atenção para a ligação entre os participantes que compõem cada da situação comunicacional (SOUZA, 2006); e c) Modo – busca dar conta do

canal (MOREIRA, 2015), atentando para a natureza do meio de transmissão e mensagem pelo qual se dá a comunicação (SOUZA, 2006).

Com base nestas três variáveis que compõem o contexto de situação, as quais atam o sistema léxico-gramatical da língua ao seu nível discursivo (MOREIRA, 2015), principalmente por ser o contexto de situação o que mais afeta as nossas escolhas linguísticas (SOUZA, 2006), veem-se neles refletidas as três funções constitutivas dos principais propósitos da linguagem (HALLIDAY, 1985). Tais propósitos são orientados para questões que elucidem sobre o *como* e o *por quê* os sujeitos fazem uso da língua(gem), de que modo se fazem presentes nela e por ela se tornam quem são (MOREIRA, 2015). Ou seja, visam abordar uma propriedade singular da linguagem em uso: a linguagem vivifica o sujeito.

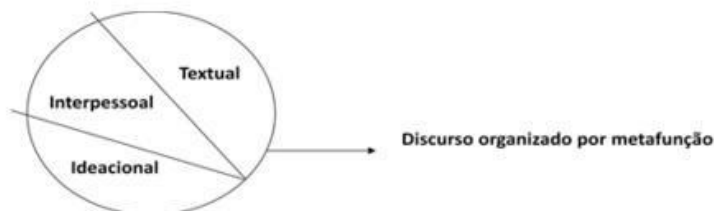
- **A propósito das Metafunções, alguns aprofundamentos**

Os propósitos da linguagem concentram-se nas motivações que nos levam ao exercício desta faculdade humana, com vistas ao estabelecimento de cultura, a partir das relações interpessoais erigidas através da comunicação. Inserido no contexto funcionalista, deve-se compreender a capacidade comunicativa por um viés social, o qual figura como *"um requerimiento esencial para proponer un modelo de la lengua que dé cuenta del carácter multifacético del lenguaje, al mismo tiempo que físico, biológico, social y semiótico"*¹⁶ (HALLIDAY, 1978, *apud* HASAN & PERRERT, 1994, *apud* GHIO & FERNÁNDEZ, 2008, p.18). É pelo exposto que se racionaliza a preocupação da LSF com "o como as pessoas usam a linguagem" + "como ela é estruturada para o uso" (MOREIRA, 2015, p.32).

Para alcançar as respostas, a GSF faz uso do contexto de situação e das três metafunções que dele fazem parte: 1. Metafunção Ideacional: "representa ou constrói os significados de nossa experiência do mundo exterior ou interior por meio do sistema de transitividade (SOUZA, 2006, p.38-39); 2. Metafunção Interpessoal: "expressa as interações e os papéis assumidos pelos usuários, revelando as atitudes desses usuários para com o interlocutor e para com o tema abordado por meio do sistema de modo e modalidade" (SOUZA, 2006, p.39); e 3. Metafunção Textual: "ligada ao fluxo de informação e organiza a textualização por meio do sistema de tema" (SOUZA, 2006, p.39).

¹⁶ "Um requisito essencial para propor um modelo de língua que dê conta do caráter multifacetado da linguagem, o qual é ao mesmo tempo físico, biológico, social e semiótico" (traduzido pelo autor).

A organização multifuncional proposta para a gramática da experiência por Halliday acaba sendo explicada pela tríade metafuncional do contexto de situação, vistas acima e graficamente representadas abaixo:



Esquema 3 – Nível Léxico-Gramatical (MOREIRA, 2007, p.37 apud MOREIRA, 2015, p.37)

Assim, tem-se na oração uma "unidade base de análise, cuja organização semântica é realizada num espaço multifuncional *continuum*" (MOREIRA, 2016, p.37). O discurso observado segundo as lentes metafuncionais da LSF é compreendido enquanto uma unidade de sentido na qual as três metafunções elucidadas acima atuam simultaneamente. Disto, Souza (2006, p.39) dá a saber que toda oração é fruto de: uma *representação* (significado no sentido de conteúdo); uma *troca* (significado como forma de ação); e uma *mensagem* (significado como relevância para o contexto).

Organizando-se as metafunções dentro do plano léxico-gramatical, tem-se a seguinte tabela:

Função Semântica		Aspectos Estruturais da Oração	Sistema léxico-gramatical projetado
Ideacional	Experiencial	Como representação	Transitividade Ergatividade
	Lógica	Abaixo da oração	Grupos e orações
		No Nível da oração	Complexos de palavras
		Acima da oração	Complexo de orações
Interpessoal	-	A interação	Modo
Textual	-	A mensagem	Estrutura Temática (Tema/Rema) Organização da informação (Dado/Novo) Foco

Tabela 1 – Variações Metafuncionais no Nível Léxico-gramatical

Visualizado o plano acima, cabe a ressalva de que, segundo Souza (2006) baseada nos princípios da LSF, as línguas do mundo apresentam-se organizadas de modo a apresentarem dois significados principais: o ideacional e o interpessoal. Com isso, ambos os componentes, aos quais está associado o textual, constituem as manifestações, cujo papel no sistema

linguístico é atender a dois propósitos basilares aos usos da linguagem: entender o ambiente e influir sobre os outros.

Assim, mesmo que as metafunções ideacional e interpessoal recebam algum destaque perante os usos, não se pode conceber que uma oração não esteja concretamente realizada se nela não houver aspectos oracionais estruturais característico do sistema léxico-gramatical que apontem para as três funções semânticas constitutivas do contexto de situação: ideacional, interpessoal e textual. Portanto, reforça-se a noção de que as três metafunções do sistema semântico se manifestam em simultaneidade na estrutura oracional, sendo esta o cerne do extrato léxico-gramatical, haja vista por meio dela todas as demais unidades adquirem significado (GHIO & FERNÁNDEZ, 2008, p.91).

As três metafunções acima ocorrem no plano estrutural da oração conjuntamente, e estabelecem relações com o nível léxico-gramatical do sistema linguístico, como já elucidado anteriormente. Todavia, o modo pelo qual estas relações se dão é um constructo de três sistemas (GHIO & FERNÁNDEZ, 2008, p.92):

1. Sistema de Transitividade = realiza o significado ideacional, especificamente o subcomponente *experencial*, o qual expressa as experiências dos sujeitos enquanto "processos" em que há um "ator" como participante ativo e os "elementos circunstanciais" do dado processo. Entretanto, já pelo subcomponente *lógico*, permite a realização de complexas formações gramaticais dentro do nível paradigmático da língua;
2. Sistema de Modo = realiza o significado interpessoal, o dizer propriamente dito, expressando as relações estabelecidas entre os interactantes. Nisto se compreende a atitude do usuário da língua frente ao seu dizer, em atenção ao modo como representa a si mesmo e a sua audiência, bem como ao modo pelo qual se posiciona nas situações comunicativas diversas;
3. Sistema Temático (Tema/Rema)/Sistema de Informação (Dado/Novo) = realiza o significado textual, criador do discurso. Desta forma, o tema é o ponto de partida da mensagem, o elemento que elege o usuário da língua para promover suas escolhas (paradigmáticas) dentro do universo de possibilidades do sistema linguístico. Ademais, o usuário também detém a prerrogativa de dizer da maneira que melhor o apeteça, assim como que permita a sua audiência um reconhecimento de um informe novo e a recuperação de um informa previamente dado.

Assim, como já havia sido adiantado na Figura IV, as metafunções se presentificam na estrutura oracional, vendo-se nisto o sistema léxico-gramatical projetado claramente em favor de um sistema significativo paradigmático. Com isto, entende-se a motivação para a importância da oração dentro da teoria da LSF: por meio da frase partem os sistemas de transitividade, modo e tema, erigidos por meio de três estruturas constitutivas respectivas – estrutura transitiva, estrutura modal e estrutura temática, conferindo a natureza multifuncional desta abordagem.

Sob uma perspectiva analítica, podendo sê-la igualmente didática, tem-se no sistema de transitividade uma especificação dos papéis de cada componente da oração (Participante, Processos, Circunstâncias *etc.*), sendo este o que expressa as experiências de mundo dos sujeitos – o que une sistema à metafunção ideacional. Já o sistema de modo clarifica as funções dos componentes da oração, determinando o sujeito, o predicado, o complemento *etc.* Neste percurso, o sistema de modo acaba por dizer respeito aos papéis da fala, que cabem à metafunção interpessoal. Por sua vez, o sistema de tema e informação atua especificando as relações dadas no enunciado, entre o enunciador e o enunciado, a audiência e a situação. Por conta disto, este sistema atua coligado à metafunção textual (SOUZA, 2006, p.40).

Esta organização multifuncional permite à LSF situar-se enquanto "uma teoria que relaciona linguagem, situação e cultura, sistematicamente" (SOUZA, 2006, p. 40), cujo objetivo analítico é sempre o texto, observado "em relação ao contexto social e cultural no qual eles são negociados" (SOUZA, 2006, p.40).

Para ofertar maior maturidade teórica e, por consequência, solidificar as bases analíticas do trabalho aqui em desenvolvimento, ter-se-á, a seguir, uma explanação detalhada referente aos três sistemas léxico-gramaticais que atuam atrelados às metafunções vistas neste tópico.

1.2.1.1. Os Sistemas Léxico-Gramaticais

Em uma perspectiva sistêmico-funcional de observação da linguagem, parte-se do princípio de que a língua tem consigo elementos e modos de operação com vistas ao suprimento das necessidades comunicativas de seus usuários. Nesse sentido, Halliday (1994, p. 13) afirma que "a linguagem satisfaz as necessidades humanas e é organizada funcionalmente respeitando essas necessidades e não de forma totalmente arbitrária". Tal premissa deixa claro que é a língua que empreende movimentos em seu âmago a fim de se orientar segundo as demandas de práticas de linguagem dos sujeitos em seus abundantes contextos comunicativos.

Em virtude disto, a teoria da Halliday para a LSF vai guiar o pesquisador por um caminho que Moreira (2015), parafraseando Eggins (2004), delinea como sendo o que possibilita analisar e explicar os processos constituidores dos sentidos produzidos nas interações ordinárias dos sujeitos. As ações que o pesquisador deve realizar ao longo do percurso preparado pela LSF estão calcadas nas três metafunções que já vimos anteriormente (MOREIRA, 2015; PANICHELLA, 2015): Ideacional, Interpessoal e Textual.

Também já foi enunciado aqui que estas metafunções dialogam expressamente com a chamada léxico-gramática introduzida por Halliday, sendo processos naturais à produção de textos dos mais banais aos mais complexos, dos mais espontâneos aos mais elaborados e editados. Justamente por isso, para retomar o quadro e avançar rumo aos sistemas em si, tem-se um resumo desta associação; assim, segundo Moreira (2015, p. 58):

Todas essas (meta)funções são realizadas na estrutura da oração e se relacionam diretamente com a léxico-gramática de uma língua através de três sistemas: *Sistema de Transitividade*, *Sistema de MODO* e *Sistema Temático* (tema/remata) ou *Sistema de Informação* (dado/novo), conferindo-lhes um caráter multifuncional. Em qualquer texto, apresenta-se a ocorrência simultânea dessas três metafunções – a separação, para efeito de estudo ou análise, é opção simplesmente didática (MOREIRA, 2015, p. 58)

Em virtude da proposta da pesquisa, evidenciar-se-ão os Processos através do Sistema de Transitividade¹⁷, haja vista ser este o que dispõe das categorias analíticas suscitadas pelo *corpus* da pesquisa realizada em “O Castelo de Papel”. Por meio da transitividade, esta pesquisa encontrou condições teórico-metodológicas basilares à exploração das ilustrações e das construções de perfis, identidades e comportamentos os quais se propõe investigar linguisticamente.

1.2.1.1.a. O Sistema de Transitividade

É o Sistema de Transitividade que permite ao analista uma exploração textual de base mormente gramatical. Portanto, com base em aspectos composicionais da oração, torna-se possível, através da investigação dos Processos do Sistema de transitividade, observar como os sujeitos realizam representações de suas experiências de mundo, desde as experiências do plano material até aquelas do plano das ideias, da consciência. Por este motivo, tal sistema está atrelado à metafunção ideacional (HALLIDAY, 2002).

¹⁷ Acerca dos Sistema de Modo e Sistema de Tema/Informação, maiores informações podem ser obtidas através de HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. M. **An introduction to functional grammar**. 4. ed. London: Routledge, 2014.

Souza (2006, p. 50), citando Beaugrande (1991), afirma que "a transitividade é a gramática da oração, como uma unidade estrutural, para expressar uma gama particular de significados ideacionais ou cognitivos". Ou seja, muito mais do que tão somente abarcar questões meramente de ordem das convenções gramaticais, como transitividade e valência verbal, a transitividade acaba por dar conta de expressar um processo de ordenamento semântico elaborado por meio de uma pluralidade de tipos e processos oracionais com transitividades de diferentes naturezas.

O Sistema de Transitividade (ST) é caro para uma investigação discursiva que prioriza os dados presentes no dito, na composição deste dito e não tão somente nos significados do dizer, por compreender que um estudo da transitividade possibilita a identificação e o acesso às ações e às atividades humanas que se realizam ou que são retratadas através da linguagem (SOUZA, 2006). E mais, o ST traz ao centro como que a experiência interacional dos sujeitos com outros sujeitos, com objetivos, qualidades, estados emocionais e tipos de relações pessoais e interpessoais significa é significada segundo as práticas discursivas do próprio sujeito sobre cada experiência que teve.

Para a identificação das ações e das atividades que compõem as experiências humanas expressas pela linguagem, a LSF se utiliza da aplicação do Sistema de Transitividade sobre a Gramática da Experiência, de maneira que se observam os *processos*, os *agentes* e as *circunstâncias* de cada representação. Estas três categorias analíticas permitem investigar *quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias* (SOUZA, 2006, p. 50), por meio de uma averiguação dos comportamentos linguísticos evidenciados, respectivamente, pelas seguintes classes gramaticais: verbo, substantivo e advérbio (SOUZA, 2006, p. 51).

Quanto a isto, Moreira (2015, p. 38) completa afirmando que os *processos*, os *agentes* e as *circunstâncias* são "categorias semânticas que explicam, de modo geral, como os fenômenos do mundo real são apresentados como estruturas linguísticas, que podem ser textualmente analisadas". Dessa forma, o empreendimento desta análise do texto se efetua da seguinte forma: a) Analisando a transitividade por meio dos tipos de Processos: investiga a seleção de verbos e a sua função no texto (expressar ações, eventos, relações, estados de espírito, sensações, sentimentos e ideias (CUNHA & SOUZA, 2007, p. 54 *apud* MOREIRA, 2015, p. 39); b) Analisando a constituinte interacional através dos participantes: investiga a seleção e a representação dos participantes, envolvidos ou não no processo, por meio do comportamento dos grupos nominais (MOREIRA, 2015, p. 39); e c) Analisando o contexto circunstancial segundo os advérbios e os sintagmas preposicionais: exploram os diversos tipos de circunstâncias exprimíveis pela Gramática da Experiência (MOREIRA, 2015, p. 39).

Destacando processos oracionais baseados em usos nominais, verbais e adverbiais da língua, é possível contemplar uma série de estruturas oracionais do português, inclusive o tradicional modelo Sujeito + Verbo + Objeto/Predicado/Complemento (SVO), dando conta, ainda, das locuções adverbiais e preposicionais.

Assim, a maneira pela qual o sujeito representa o mundo, orientada textualmente pela transitividade, abaliza os procedimentos categórico-semânticos de *processo*, *participante* e *circunstância* de modo que "cada processo é associado com diferentes papéis dos participantes, ocorrendo em diferentes configurações" e, desta forma (EGGINS, 2004, p. 214 *apud* MOREIRA, 2015, p. 39)¹⁸, evidenciado no modelo da Célula da Transitividade (MOREIRA, 2007, p. 39; MOREIRA, 2015, p. 39).

A célula, como Moreira (2015; 2007) define o esquema dos Padrões de Experiência na Oração de Eggins (1995), traz à baila os **Processos** como centrais à representação das experiências dos sujeitos através do discurso. Isto por ser o verbo uma categoria gramatical de ocorrência indispensável às orações. Assim, não há como exprimir experiências senão através de ações (ações de linguagem que representam ações do sujeito e do mundo) e não há oração sem processo, como elucida Moreira (2015) acerca do entendimento da LSF quanto à posição dos processos verbais na Célula da Transitividade.

No que concerne aos **Participantes**, há uma facultatividade dos mesmos na análise das representações de mundo marcadas pelo Sistema de Transitividade. Isto porquê sua ocorrência ou não depende dos tipos de processos verbais e dos próprios contextos de uso. Em se tratando das **Circunstâncias**, por sua vez, verifica-se uma menor exigência das mesmas dentro da estrutura oracional, haja vista que os elementos circunstanciadores são atrelados aos tipos de processos, podendo ocorrer ou não, e ao nível de detalhamento na reprodução linguística do contexto experienciado pelo sujeito (MOREIRA, 2015, p. 39).

Por isso, conclui-se que cada tipo de processo organiza um esquema próprio quanto ao "domínio particular da experiência como um quadro experiencial" (SOUZA, 2006, p. 52). Sobre às experiências, chega-se à conclusão de que o Sistema de Transitividade as representa conforme engenhos de linguagem orientados à retratação das vivências do sujeito sobre o mundo, considerando a sua experimentação tanto concreta (a dos fatos em si) quando abstrata

¹⁸ Mais detalhes acerca desta configuração do Sistema de Transitividade quanto às categorias semânticas de Processo, Participante e Circunstâncias podem ser obtidos através do quadro experiencial de Eggins in EGGINS, S. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. London: Pinter Publishers, 1995.

(a das percepções e implicações subjetivas que promovem identificações, classificações e apreciações), em um atrelamento das vivências do mundo que circunda o sujeito e as do mundo da consciência do sujeito (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004 *apud* SOUZA, 2006, p. 52).

O Sistema de Transitividade é composto de três tipos de processos tidos como principais: os materiais, os mentais e os relacionais; e três tidos como secundários: os comportamentais, os verbais e os existenciais (SOUZA, 2006, p. 52). Os principais são aqueles que efetivamente revelam ações de linguagem como ação representacional, já os secundários são aqueles que intermediam, sofrendo forte influência dos processos principais com quem fazem fronteira (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, *apud* SOUZA, 2006)

Observem-se os processos principais e secundários componentes do ST:



Esquema 4 – Tipos de processo em inglês (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004 *apud* SOUZA & MENDES, 2012, s/p)

Souza (2006, p. 53) afirma que o esquema acima representa os tipos de processo tal qual fossem um espaço semiótico, havendo neles diferentes regiões a representarem diferentes processos. Assim, tais regiões podem ser entendidas como áreas centrais, as quais correspondem aos processos prototípicos. Entretanto, o referido espaço semiótico é contínuo e suas fronteiras, marcadas pelas sombras entre as áreas, dizem respeito ao fato de que os processos são categorias indistintas. Portanto, há nisso um princípio fundamental ao sistema como um todo: o princípio da *indeterminação semântica* (SOUZA, 2006, p. 53).

E, neste sentido, o que se percebe é a constituição de um contínuo entre os processos, cuja base do mesmo é o princípio da Indeterminação Semântica já ofertado por Souza (2006) anteriormente. Mas esta natureza circular, contínua, entre os processos evidencia as várias representações possíveis da Gramática da Experiência, em virtude da pluralidade de tipos de vivências e de Processos da linguagem.

Os meios de representar as experiências, calcados nas escolhas lexicais do sujeito para textualizá-las, exprimem formas de enxergar o mundo material e o subjetivo (da consciência), trazendo à baila identificações, classificações e valorações quando às vivências do sujeito. Observar o comportamento discursivo na construção linguística das realidades experienciadas se mostra, portanto, basilar aos estudos da LSF, haja vista que tal comportamento manifesta discursivamente as mudanças sociais em curso.

Pelo exposto, é preciso compreender conceitualmente cada um dos seis processos do Sistema de Transitividade, tanto os três principais como os três secundários, a fim de clarificar como opera a Célula da Transitividade para guardar o mundo das experiências de cada um dos sujeitos em sociedade.

- **Processos Materiais**

"Os *processos materiais* referem-se aos processos onde uma entidade faz algo" (SOUZA, 2006, p. 54), de maneira que tais processos tratam de ações concretas, eventos e acontecimentos fatídicos. Neste processo, o participante (quem realiza a ação) é o Ator, o qual é estabelecido por um sintagma nominal com função sintática expressa de sujeito. O participante a quem é endereçada a ação se denomina Meta.

Moreira (2015, p. 42)¹⁹ apresenta dois exemplos acerca da realização dos processos materiais:

i.a. Com participante Meta:

Ela	me	dava	conselho	né
Ator	Beneficiário	Processo Material	Meta	-

i.b. Sem participante Meta:

Eu	Moro	com minha avó e minha mãe	sempre, desde pequeno
Ator	Processo Material	Circunstância de companhia	Circunstância de tempo

- **Processos Mentais**

¹⁹ Este trabalho trará com base a Tese de Miguel Ângelo Moreira (2015), realizada na Universidade Nacional de Brasília (UNB), a qual traz um estudo de vozes sociais da periferia analisadas segundo o Sistema de Transitividade da LSF. Os exemplos disponibilizados nesta seção teórica da dissertação são excertos do *corpus* de Moreira, um dos autores que fundamentam a pesquisa aqui em curso.

Enquanto os processos materiais tratam de experiências do mundo físico, os processos mentais vão dar conta das experiências subjetivas, por meio de uma "experiência cognitiva sobre o mundo" (MOREIRA, 2015, p. 43).

Desta forma, os processos mentais são aqueles que realizam representações do mundo da consciência dos sujeitos, ofertando à análise pelo Sistema de Transitividade da visão de mundo do sujeito analisado frente às situações diversas que compõem a sua Gramática da Experiência. Com isto, tem-se um trabalho de linguagem que constrói um discurso carregado de crenças, valores, expectativas, ideários e sonhos. Para Halliday (1985 *apud* SOUZA, 2006, p. 55), estes são os processos "do sentir, os quais incluem processos de percepção (ver, ouvir, perceber *etc.*); de afeição (gostar, amar, odiar, assustar, agradar *etc.*); e de cognição (pensar, saber, compreender, perceber, imaginar *etc.*)".

Nesses processos, os participantes são chamados de Experienciador (aquele que sente, portanto um ser de consciência) e Fenômeno (aquilo que é sentido). O participante Fenômeno pode assumir funções diferentes na oração em virtude de sua capacidade discursiva. O **Fenômeno Ato** se configura através de sintagmas nominais, enquanto que o **Fenômeno Fato** realiza-se oracionalmente, tendo um verbo como núcleo sintagmático (em discurso direto ou projetado/relatado).

Verifiquem-se dois exemplos de Processos Mentais (MOREIRA, 2015, p. 43):

ii.a. Fenômeno Fato

Eu	vi	que num dava certo pedi
Experienciador	Processo Mental	Oração projetada (Fenômeno Fato)

ii.b Fenômeno Ato

Eu	queria	O revolve
Experienciador	Processo Mental	Fenômeno Ato

Cabe frisar que os Processos Mentais atuam também como uma forma de expressão de atitudes, como no exemplo "Eu gosto do meu professor", onde *Eu* é o Experienciador e *Gosto* é o Processo Mental (MOREIRA, 2015, p. 44). Pondo a LSF em diálogo com a Análise Crítica do Discurso, tem-se tal processo como sendo um "Processo Mental Afetivo ou Avaliação de Apreço", na perspectiva de Fairclough, em que ambos apontam para avaliações afetivas (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014; FAIRCLOUGH, 2003 *apud* MOREIRA, 2015, p. 45).

• Processos Relacionais

Os processos relacionais são aqueles que promovem elos entre entidades, de maneira a promover identificações e classificações das mesmas, conforme as experiências dos sujeitos são postas em contato (SOUZA, 2006). Ou seja, são os processos que têm o verbo "ser" como destaque, haja vista que atua sobre os significados gerados a partir dos "estados de ser" (EGGINS, 2004, p 237 *apud* MOREIRA, 2015, p. 45).

De acordo com a natureza dos elos estabelecidos entre as entidades no discurso, Souza (2006, p. 56) faz as seguintes elucidações:

Essa relação pode denotar: intensidade (quando uma qualidade é atribuída a uma entidade: *A inclinação brasileira nesse sentido está **nítida** há anos*); circunstância (quando uma circunstância de tempo ou lugar é atribuída a uma entidade: ***Nos arquivos da Câmara de Vereadores** está um livro com os Termos da Vereação de 1714 a 1738*); e possessividade (quando existe uma relação de posse: *Todos os dias penso como é bom tê-lo **como namorado***) (SOUZA, 2006, p. 56).

Os processos relacionais distinguem-se por duas naturezas oracionais:

1. Orações Atributivas: em que se estabelece um atributo ou qualidade para o participante Portador;
2. Orações Identificativas: em que há um participante Identificado por um termo Identificador (marcado pelo verbo *Ser*).

• Processos Existenciais

Também está relacionado aos "estados de ser", como os Processos Mentais. Todavia, no caso dos existenciais, há a representação de algo que existe ou que acontece, sendo o seu único participante o Existente (MOREIRA, 2015). O participante Existente é oracionalmente marcado através do verbo *haver* significando existência, ou pelo próprio verbo *existir*, havendo em Souza (2006, p. 57) os seguintes exemplos: "Afinal **existe** coisa mais fantástica do que pegar na mão do gato, olhar nos olhos dele" e "O estoque de riqueza no planeta cresce e **há** uma diminuição das desigualdades".

Entretanto, Moreira (2015, p. 45) frisa que no "português falado no Brasil, os verbos 'Ter' e 'Ser' podem assumir valores semânticos correspondentes ao verbo "Haver", o que denota a importância de considerar o contexto de uso".

E tem-se o seguinte exemplo ofertado pelo autor:

<i>Eu</i>	<i>prefiro</i>	<i>as regras</i>	<i>que</i>	<i>tem</i>	<i>dentro de casa</i>
Experienciador	Processo Mental	Existente	-	Processo Existencial	Circ.
				Oração projetada	

- **Processos Comportamentais**

Os *processos comportamentais*, segundo Souza (2006, p. 58), são aqueles situados entre os processos materiais e mentais, dentre os Tipos de Processos. "Tais processos são os responsáveis pela construção de comportamentos humanos, incluindo atividades mentais como *ouvir* e *assistir* e atividades verbais como *conversar* e *fofocar*". Pode-se concluir que os processos comportamentais dão conta, em parte, de ações e, noutra parte, de experiências da ordem do *sentir*.

Portanto, tratam-se de processos que aludem à comportamentos fisiológicos e psicológicos inerentes ao ser humano (MOREIRA, 2015). Neles, há a obrigatoriedade de um participante consciente, o Comportante, e, facultativamente, de um participante chamado Fenômeno.

Para exemplificar, duas proposições de Souza (2006, p. 58), nas quais o Comportante está sublinhado: Daniel assistiu ao jogo São Paulo e Liverpool; e Eu conversei bastante ontem.

Contudo, Moreira (2015, p. 46) chama a atenção para uma particularidade:

Opcionalmente pode haver também um comportamento que funciona como uma extensão do processo, a exemplo do processo Material, que no processo Comportamental foi denominado por Halliday de **Comportamento (Behaviour)**. Na oração Bruno dá uma risada ao deixar a Vara da Infância e Juventude em Contagem, o Comportante está sublinhado e o **Comportamento** encontra-se em negrito (FUZER & CABRAL, 2014, p. 78 *apud* MOREIRA, 2015, p. 46).

Assim, os processos comportamentais abarcam as expressões que, por manifestações de linguagem, materializam sensações do sujeito.

- **Processos Verbais**

Estes processos concernem aos constituídos pelos verbos *dicendi*: falar, dizer, contar... Via de regra, o uso destes verbos marca tipos textuais narrativos, muito presentes em textos conversacionais e salientam "relações simbólicas construídas na mente e expressas em forma de linguagem" (CUNHA & SOUZA, 2007, p. 59 *apud* MOREIRA, 2015, p. 46).

Esses processos, situados entre relacionais e os mentais, têm seus participantes "chamados de: Dizente - participante inerente que diz, comunica, aponta algo. Receptor, participante opcional para quem o processo verbal se dirige. E Verbiagem participante que codifica o que é dito ou comunicado" (SOUZA, 2006, p. 56). Desta forma, logo o Dizente é o participante responsável pelo processo Verbal; o Receptor é o participante para quem o

processo se dirige; e a Verbiagem corresponde ao que foi dito ou comunicado, conforme Moreira (2015).

Em atenção às particularidades de cada processo, Moreira (2015, p. 46) alude para um comportamento peculiar dos processos verbais:

o processo Verbal comporta-se semelhantemente ao processo Mental, no que diz respeito à possibilidade de projetar outras orações. A diferença é apenas funcional. Enquanto o Verbal projeta “a voz” direta ou indiretamente do **Dizente**, o Mental projeta “pensamentos”, “sensações”, “desejos” ou “emoções” (MOREIRA, 2015, p. 46).

No que diz respeito às ocorrências mais típicas, o mesmo autor oferta o seguinte caso:

Ela[a mãe]	Nunca	conversô	comigo	Não
Dizente	Circ.	Processo Verbal	Receptor	Circ.

Como conclusão acerca do explanado, de modo que foram apresentados os seis processos componentes do Sistema de Transitividade proposto por Halliday, sendo três principais (Material, Mental e Relacional) e três secundários (Existencial, Comportamental e Verbal), pode-se compreender que as escolhas de cada sujeito, quando da sua expressão linguística da Gramática da experiência,

(...) revelam significações que podem estar encapsuladas na própria construção sintática. A opção pelo uso de uma sentença transitiva que externa uma ação que *passa* de um participante para outro já carrega um tipo de significado, o mesmo se dando com as intransitivas, e com as passivas, dentre outras (SOUZA, 2006, p. 58).

Acerca destas opções de uso do sujeito vistas há pouco são as determinantes dos processos analíticos de transitividade. Este são apresentados em resumo na tabela a seguir:

PROCESSOS	PARTICIPANTES ENVOLVIDOS	EXEMPLOS
Material	Ator, Meta, Escopo, Beneficiário	<i>Minha mãe vai trabalhar.</i> <i>Minha mãe</i> = Ator <i>vai trabalhar</i> = Processo Material
Mental	Experienciador, Fenômeno	<i>Eu não conheço ele.</i> <i>Eu</i> = Experienciador <i>não</i> = Circunstância de Negação <i>conheço</i> = Processo Mental <i>ele</i> = Fenômeno
Relacional	Portador, Atributo; Identificado,	<i>Família é uma união.</i> <i>Família</i> = Portador <i>é</i> = Processo Relacional

	Identificador.	<i>uma união</i> = Atributo
Verbal	Dizente, Receptor, Verbiagem	<i>Falava que a vida do crime não compensa.</i> [Alguém] = Dizente <i>falava</i> = Processo Verbal <i>que a vida do crime não compensa</i> = Verbiagem
Comportamental	Comportante, Extensão	<i>Ele olhou para cima.</i> <i>Ele</i> = Comportante <i>Olhou</i> = Processo Comportamental <i>para cima</i> = Extensão
Existencial	Existente	<i>Há pessoas no parque.</i> <i>Há</i> = Processo Existencial <i>pessoas</i> = Existente <i>no parque</i> = Circunstância de Lugar

Tabela 2 – Processos e Participantes com exemplos (MOREIRA, 2007, p. 52 apud MOREIRA, 2015, p. 47)

A análise da Tabela 2 acima oferta um quadro descrito da nomenclatura orientada pela Gramática da Experiência no tocante à descrição de seus casos de transitividade. Com isto, têm-se contemplados os *Processos* e os *Participantes*, faltando, portanto, glosar acerca das *Circunstâncias*.

Moreira (2015) inicia sua abordagem das circunstâncias elencando-as como componentes da chamada Célula da Transitividade que não possuem uma associação direta com os processos obrigatoriamente. Souza (2006), por sua vez, afirma que as circunstâncias aparentam ser menos fundamentais ao processo do que os participantes, haja vista que as circunstâncias não têm condições de atuar enquanto sujeitos oracionais.

Pelo fato de ser marcada oracionalmente através de sintagmas adverbiais e ou preposicionados, as circunstâncias efetivamente possuem uma posição gramatical que as desprivilegia quanto à função sintática de sujeito – em sendo mantidas as suas naturais característica idiossincráticas.

No que concerne às tipologias circunstanciais, Souza (2006, p. 59) oferta um cenário sistemático das ocorrências significativas no Sistema de Transitividade:

TIPO DE CIRCUNSTÂNCIA	SIGNIFICAÇÃO	EXEMPLOS
DE EXTENSAO Duração espacial Distância temporal	Constroem desdobramentos do processo em espaço (a distância no espaço no qual o processo ocorre) e tempo (a duração no tempo durante a realização do processo)	Nadou 4 quilômetros Caminhou por sete horas
DE CAUSA	Constrói a razão pela qual o processo se atualiza	Não fui ao trabalho por causa da chuva
DE LOCALIZAÇÃO Tempo Lugar	Constroem a localização espacial e temporal na qual o processo se realiza	Pedro acordou às sete horas Mauro caminha na praia
DE ASSUNTO	Relaciona-se aos processos verbais e é um equivalente circunstancial da verbiagem	Discutiam sobre política
DE MODO	Constrói a maneira pela qual o	Almoçamos tranquilamente

	processo é atualizado	
DE PAPEL	Constrói a significação deseroutornar- secircunstancialmente	Vim aqui como amigo
DE ACOMPANHAMENTO	É uma forma de juntar participantes do processo e representa os significados de adição, expresso pelas preposições “com” ou “e”, ou de subtração expresso pela “sem”	Amélia foi ao cinema com o namorado João saiu sem o filho

Tabela 3 – Tipos de Circunstâncias (SOUZA, 2006, p. 59)

Por todo o exposto, vê-se que a conjugação dos três elementos que compõe o Sistema de Transitividade possibilita uma "visualização das experiências/conteúdos codificados no texto e que vão contribuir para a construção de seu significado global" (SOUZA, 2006, p. 59). Mais do que isso, viabilizando um acesso orientado textualmente à Gramática da Experiência de cada sujeito social, o ST oferta ao analista ferramentas para compreender como os sentidos foram construídos. Desta forma, torna-se factível a descrição dos diversos dizeres enquanto discursos que constituem e são constituídos por discursos sociais, sendo o trabalho descritivo e analítico-crítico destes dizeres o que permite uma compreensão científica de como as mudanças na construção dos significados sociais estão sendo realizadas.

1.2.1.1.b. O Sistema de Avaliatividade²⁰

O limiar desta subseção incite um esclarecimento. O que aqui haverá de ser tratado, o Sistema de Avaliatividade (SA), não se configura um conceito teórico autônomo, mas um componente, dentro da Linguística Sistêmico-Funcional, atrelado à interseção entre o Sistema Semântico e o Sistema Lexicogramatical – fundindo os níveis extralinguísticos e linguísticos – na compreensão do caráter paradigmático da língua(gem). Noutros termos, “Trata-se de um sistema na interface entre semântica do discurso e lexicogramática, da realização dos significados no texto através dos recursos disponíveis na semântica do discurso” (VIAN JR., 2009).

O Sistema de Avaliatividade consiste em "um conjunto de significados interpessoais que se debruça sobre os mecanismos de avaliação veiculados pela linguagem", havendo uma formatação destes mecanismos de modo a ofertar aos interactantes uma variedade de ferramentas de avaliatividade (avaliação e apreciação) dos discursos que compõem suas

²⁰ A disposição dos tópicos concernentes aos Sistema de Transitividade e Sistema de Avaliatividade podem dar a entender que há um pareamento entre os dois sistemas, o que seria equivocado. Contudo, a topicalização desta dissertação os põe em paralelo, através dos tópicos 1.2.1.1.a e 1.2.1.1.b, apenas para efeito de didatização e correspondência para com o percurso analítico que virá na seção seguinte.

interações do dia a dia (VIAN JR *et All*, 2011). Conforme a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, os sujeitos encontram múltiplas formas de expressarem, linguisticamente, as suas "emoções, crenças, desejos, avaliações" e valores sobre os discursos em suas situações comunicativas (MOREIRA, 2015, p. 51).

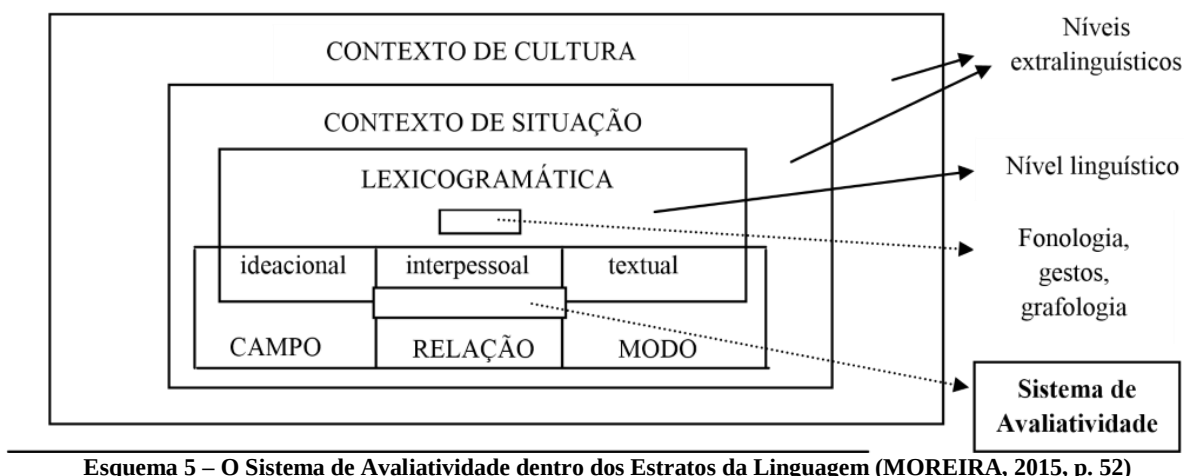
Em atenção às atitudes avaliativas no discurso, Halliday (2002) tem destacado o comportamento dos recursos linguísticos dos quais os interactantes fazem uso para expressarem suas apreciações quanto aos discursos, de maneira que salienta as transformações que tais ações de linguagem (avaliativas) provocam no que tange ao olhar para o interior do sujeito e o afloramento de sua visão de mundo através da apreciação que faz dos dizeres nas situações de interação.

A natureza desta oferta de avaliações dos dizeres por parte dos interactantes, nos mais diversos contextos comunicativos em que se encontram no dia a dia, é frisada por White & Martin (2005, p. 34 *apud* MOREIRA, 2015, p. 51) quando estes reconhecem que o princípio da Avaliação linguística consiste em "um dos três principais recursos semântico-discursivos na construção do significado interpessoal (ao lado do envolvimento e da negociação)", de modo que ambos complementam a avaliação nos seguintes termos:

- a. Negociação: evidencia os aspectos interativos do discurso, conferindo destaque aos movimentos troca, de agenciamento dentro do dizer;
- b. Envolvimento: tem foco nos recursos não-graduáveis concernentes às negociações das relações interpessoais marcadas pelo discurso.

A combinação entre os princípios da Avaliação, da Negociação e do Envolvimento, enquanto recursos linguísticos de base e função semânticas erigem o Sistema de Avaliatividade do discurso. O referido sistema atua como um recurso que promove as Relações dentro do processo interacional, haja vista que instancia o Contexto de Situação nas relações que emergem pela Matefunção Interpessoal (WHITE & MARTIN, 2005, p. 31 *apud* MOREIRA, 2015, p. 51).

Moreira (2015, p. 52) introduz uma visão esquemática da organização sistêmico-funcional de compreensão dos sistemas linguísticos em relação ao discurso. Este esquema identifica o "local" do Sistema de Avaliatividade dentro da visão da LSF:



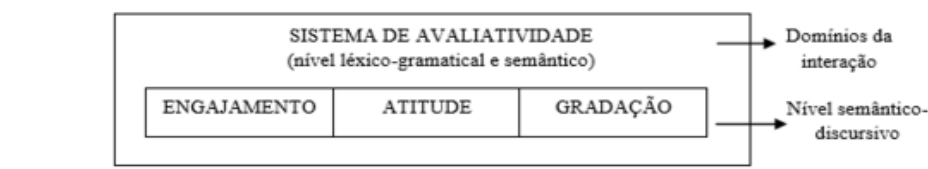
Esquema 5 – O Sistema de Avaliatividade dentro dos Estratos da Linguagem (MOREIRA, 2015, p. 52)

Com base no apresentado no Esquema VII, verifica-se que o Sistema de Avaliatividade encontra-se instanciado no sistema semântico do discurso (Nível Extralinguístico), bem como que é, por sua vez, acionado inserido no sistema léxico-gramatical (Nível Linguístico) em função de como é expressado no sistema Grafo-Fonológico (MOREIRA, 2015).

Em razão do exposto, tem-se a seguinte afirmação de Vian Jr. (2009, p. 113–114) sobre a natureza funcional do Sistema de Avaliatividade:

Ao selecionar o léxico avaliativo quando julgamos algo, partimos de sistemas semânticos, que são realizados léxico-gramaticalmente de forma a reforçarmos, ampliarmos ou reduzirmos aquilo que avaliamos (...) Trata-se de um sistema na interface entre a semântica do discurso e léxico-gramática, da realização dos significados no texto através dos recursos disponíveis na semântica do discurso (VIAN Jr, 2009, p. 113-114).

Esta realização dos significados do texto está diretamente relacionada ao Sistema de Avaliatividade (SA), o qual atua com base em três recursos tanto semânticos quanto discursivos, conforme o esquema VIII (MOREIRA, 2015, p. 53):



Esquema 6 – O Sistema de Avaliatividade no Nível Léxico-Gramatical e Semântico (MOREIRA, 2015, p.53)

Desta forma, tem-se na composição do SA três subsistemas (MOREIRA, 2015): 1) Engajamento - são os modos de atribuição de valores às fontes do discurso; 2) Atitude - são os tipos de atitude negociadas no discurso; e 3) Gradação - são as oscilações da intensidade de sentimentos envolvidos, assim como os níveis de clareza do foco em que se projetam as categorias semânticas.

A atividade avaliativa referente a textos falados ou escritos concerne, por sua vez, em uma avaliação propriamente dita do sujeito que fala, do produtor do discurso. Nessas condições, quando se observa uma interação de terceiros, pode-se avaliar o produtor e o receptor da mensagem ao mesmo tempo, enquanto que em situações comunicativas, cada interactante avalia o seu destinatário em função das performances. Moreira (2015, p. 53) aponta que, em virtude da heterogeneidade de circunstâncias e posições avaliativas, as avaliações podem vir a ser "mais ou menos intensas, pouco ou muito enfáticas, mais ou menos distantes do interlocutor e assim por diante".

A Atitude, conforme Moreira (2015, p. 53), é um subsistema da Avaliatividade com função basilar ao processo avaliativo em virtude de exercer um papel de expressar, através do discurso, "os posicionamentos avaliativos dos atores sociais envolvidos numa situação de interação". Com base nisso, a LSF vê nas Atitudes um diálogo com a semântica discursiva, visto que as avaliações se realizam léxico-gramaticalmente de acordo com distintas estruturas gramaticais. E mais, a expressão de uma atitude por meio da linguagem é passível de ser contemplada como "sentimentos institucionalizados" (afeto), havendo um juízo (julgamento) estabelecido no conjunto das declarações sobre as condutas, com atenção para o estabelecimento dos valores atribuídos para tais declarações (apreciação), de modo sistemático e concomitante (MARTIN & WHITE, 2005, p. 44-45; VIAN JR, 2011, p. 20).

Para clarificar visualmente o traçado no enunciado anterior, mais uma vez Moreira (2015, p. 54) apresenta uma tabela bastante didatizada:

Nível semântico-discursivo	Subsistema	Domínios da interação	Realização no nível léxico-gramatical
Sistema de Avaliatividade	Atitude	<i>Afeto</i>	<u>Emoções</u> - é um recurso semântico utilizado para realizar as emoções linguisticamente no discurso. Exemplo: <i>O capitão se sentia triste</i> ³³
		<i>Julgamento</i>	<u>Ética</u> - constrói linguisticamente as avaliações de comportamento das pessoas. Exemplo: <i>nós podemos te descrever como brutal, porém honesto.</i> ³⁴
		<i>Apreciação</i>	<u>Estética</u> - refere-se à maneira pela qual os falantes avaliam o texto (oral ou escrito) ou o processo (fenômeno), segundo Eggins e Slade, 1997, p. 125. Exemplo: <i>Ela não é uma criança bonita.</i>

Tabela 4 – O Subsistema da Atitude (MOREIRA, 2015, p.53)

À luz do que foi elucidado por Martin & White (2005), Vian Jr. (2011) e Moreira (2015), o Sistema de Avaliatividade tem seu subsistema de Atitude três elementos categóricos referentes aos domínios da interação, sendo eles o Afeto, que lida com as emoções e permite que as mesmas sejam identificadas linguisticamente no discurso e apreciadas em positivas e negativas; o Julgamento por sua vez oferece indícios acerca do comportamento dos

interactantes quanto à avaliação que fazem do caráter de outrem, considerando questões que incorrem na ética do sujeito em relação ao contexto discursivo em que se dá a interação; e a Avaliação é identificada na expressão avaliativa em si, podendo ser contemplada em ações opinativas de linguagem, em que se faz uma apreciação estética sobre algo ou alguém.

Vian Jr (2011) considera o Afeto como sendo o centro das atitudes em que os sujeitos expressam atos de linguagem avaliativos, de maneira que o põe nos seguintes termos:



Esquema 7 – Julgamento e Apreciação como Afeto institucionalizado (VIAN Jr et Al, 2011, p.21)

Diferentemente dos componentes dos subsistemas Engajamento e Gradação, as características, o comportamento e as funções discursivas dos três elementos que compõem o subsistema Atitude serão doravante aclarados individualmente. Tal engenho tem fins de didatização e embasamento teórico-metodológico para a pesquisa em desenvolvimento, pois são o Sistema de Avaliatividade e o subsistema da Atitude basilares à apreciação dos modos de representação discursiva que serão trabalhados na análise do *corpus*, em seção mais adiante.

- **O Afeto**

Esta categoria dá conta dos recursos linguísticos de natureza semântica direcionados à expressão de emoções no discurso. Desta forma, como já visto na tabela do Subsistema da Atitude de Moreira (2015), o elemento Afeto ocorre ligado às emoções, de maneira que atua como uma avaliação centrada nas proferições de sentimentos, as quais denunciam o comportamento emocional do sujeito em relação ao seu objeto de dizer (pessoas, objetos, fatos, memórias *etc*). Mais do que isto, o Afeto compreende os registros, as demarcações de sentimentos e emoções positivas e negativas no discurso (excitado/entediado, feliz/triste, corajoso/medroso, esperançoso/desesperançoso *etc.*), atinando para as manifestações destes sentimentos (afetos positivos e afetos negativos) sob formas explícitas ou implícitas no discurso (VIAN JR ET AL, 2011, p. 101).

A ocorrência do afeto nas orações pode variar de acordo com a avaliação pretendida pelo interactante, de modo que são possíveis diversas ações afetivas modificadoras de componentes oracionais, como os participantes, os processos e os adjuntos.

Eis algumas exemplos (VIAN JR ET AL, 2011, p. 102): a) Afeto como expressão de qualidade (qualificação por epíteto) - *Criaturinha **feliz***; b) Afeto como atributivo de qualidade (qualificação por participante) - *Depois que aprendi a ler e comecei a ler os jornais, comecei a ficar **triste***; c) Afeto como qualificador de processos apreciativos (qualificação por adjunto) - *Atravessamos a rua **num trote** e saímos para a rua debaixo deixando a mãe de Shirley de boca aberta e olhos arregalados sem entender coisa nenhuma*.

Em A, tem-se o sentimento de Felicidade realizado linguisticamente através do léxico epíteto "feliz"; Já em B, o léxico destacado possui função atributiva, "triste", cuja função no textual é a de realizar discursivamente o sentimento *Tristeza*; quando ao caso em C, o afeto é marcado por meio do processo material *Atravessar*, cuja modificação por apreciação afetiva se dá evidenciada linguisticamente pelo adjunto circunstancial "num trote", havendo neste a incumbência de denotar um sentimento de felicidade, dentro do contexto discursivo presente no texto (VIAN JR ET ALL, 2011, p. 102).

A análise da estrutura textual que realiza o Afeto no discurso advém da identificação dos tipos de sentimentos envolvidos: i. Onda ou ímpeto de emoção - *Eu **rolei de rir** quando Shirley acabou de arrumar o anjinho, com um pequeno travesseiro amarrado na barriga para servir de pança* (constrói o Afeto no discurso); ii. Processos mentais como expressão de sentimentos - *Impossível **conformar-me** com a perda do meu anjinho* (o Afeto é expresso através de processos mentais de manifestação de sentimentos); iii. Comentário desiderativo (via adjunto modal) - ***Felizmente**, ele tirou um cochilo* (o Afeto é manifestado por adjuntos que expressam desejos, aspirações).

Os três exemplos acima, ofertados por Vian Jr. et all (2011, p 103), trazem os casos afetivos mais comumente realizados, em que a autoria da avaliação é do falante/escritor. Mas existem outros processos afetivos em que a avaliação se dá projetada (fala ou pensamento) de terceiros, como exemplifica o mesmo autor:

iv. declaração consciente (via terceiros) - *Dona Benta declarou que eu **tenho coisas de verdadeiro filósofo*** (o afeto é manifestado da posição do avaliador, terceira pessoa).

Portanto, é necessário salientar que toda atitude discursiva pode trazer à baila expressões de emoções e sentimentos institucionalizados, de modo que há uma construção ideológica acerca destas expressões que são "postas à prova" em situações avaliativas. Estas têm por base uma apreciação, um julgamento sobre comportamentos "positivos" e/ou "negativos" quanto

ao que é tratado no discurso - pessoas, objetos, circunstâncias, memórias *etc.* (MOREIRA, 2015, p. 58).

- **O Julgamento**

Esta categoria da Atitude tem por função linguística a construção das avaliações concernentes aos comportamentos dos interactantes. Por sua base semântica, o Julgamento acaba evidenciando as qualidades do falante/escritor por meio dos epítetos e atributos (VIAN JR ET AL, 2011, p. 104).

Para bem frisar a natureza do Julgamento, bem como a sua função no discurso, Moreira (2015, p. 58) oferta um apontamento elaborado por White (2004, p. 187) que afirma sê-lo o campo de significados pelos quais se constroem os posicionamentos dos sujeitos concernentes ao comportamento humano. Isto implica uma ação de linguagem orientada à aprovação/condenação do comportamento humano com base em padrões de aceitabilidade e das normas sociais. Também se verificam Julgamentos baseados em avaliações do caráter de alguém, ou do atendimento ou não dos sujeitos às expectativas e às exigências sociais (WHITE, 2004, p. 187).

Com base no elucidado acima, vê-se no Julgamento uma coadunação entre as funções "convenção"²¹ e "prescrição"²², haja vista que todo julgamento é uma atividade avaliativa acerca do comportamento dos interactantes em atenção às prescrições sociais reguladoras destes atos de linguagem nos diversos contextos discursivos (MOREIRA, 2015, p. 58).

Para melhor compreender o Julgamento é *sine qua non* ter bem amadurecido o conceito de *Atitude de Julgamento*: esta é a ação avaliativa que se debruça sobre questões alusivas à Moralidade, à Legalidade, à Capacidade e à Normalidade, sendo estas determinadas pela cultura (sistema de crenças e ideologias compartilhados socialmente). Desta forma, a Atitude de Julgamento está intimamente atrelada às questões éticas estabelecidas e compartilhadas por um dado grupo cultural. Isto ressalva ainda mais o local do Julgamento dentro do *Know-how* das prescrições, das normas comportamentais cuja função social é a de

²¹ De acordo com Moreira (2015), as convenções sociais são as normas culturais que demandam aos interactantes uma forma de representação definitiva, de objetos, pessoas, circunstâncias, memórias *etc.*, bem como orientam e situam uma dada categoria, de modo a gerar um modelo tipológico compartilhado por todos e que é, portanto, posto em prática nos eventos comunicativos.

²² Moreira (2015) apresenta a Prescrição enquanto uma ação linguística também de cunho normativo social que atua na interação de modo a externar as representações avaliativas segundo a prescritividade, ao modo de agir linguisticamente no ato da avaliação do discurso de outrem. O mesmo autor afirma que essa característica da avaliação tem um peso social bastante denso, demo que ela impõe-se "com uma força irresistível" sobre o sujeito que imprime uma avaliação por força de sua naturalização nos processos interativos.

nortear as pessoas quanto às formas de agir na interação - atitudes de julgamento enquanto sentimentos institucionalizados, materializados em representações sociais (MOREIRA, 2015, p. 58).

Por consequência do elucidado acima, concernente à Atitude de Julgamento, tem-se depreendido o conceito do *Julgamento por Estima Social*, o qual envolve a "Admiração" e a "Crítica". De acordo com Vian Jr *et all* (2011, p. 106), este julgamento envolve admiração e crítica sem um cunho legal, ao passo que o Julgamento de Sanção Social implica em elogios e condenações, quase sempre com possíveis implicações legais. Quanto ao tipo de julgamento, se por estima social ou por sanção social, o mesmo autor afirma que o que determina a sua ocorrência na apreciação do discurso é a posição institucional do avaliador, haja vista recair neste ator o respaldo para o julgamento positivo e/ou negativo acerca de outrem (VIAN JR *ET ALL*, 2011, p. 106).

Ainda no tocante ao Julgamento por Sanção Social, é preciso destacar que há uma natureza escrita para codificar as bases desta avaliação (julgamento), como legislaturas, dogmas religiosos, códigos de ética e do consumidor, constituições *etc.* E mais, sua realização discursiva se bifurca em duas realidades semânticas distintas: a) A **veracidade** – qual o nível de veracidade no dizer de alguém; b) A **propriedade** – qual o nível de ética no comportamento de alguém.

Estes dois subtipos de julgamento apontados por Moreira (2015) configuram a avaliação como sendo um dispositivo da linguagem que incide sobre o comportamento dos sujeitos em atenção ao contexto interlocutório, atuando, assim, como um marco regulatório de seus discursos a fim de estarem adequados às regras sociais atribuídas ao trato de certos temas, ou a certas instituições e pessoas institucionalizadas. As regras que norteiam o Julgamento por Sanção Social, ancorado por estes subtipos, podem ter valor morais ou legal, sendo esta a base desta modalidade de julgamento (moralidade e legalidade), havendo tanto uma prescrição dos comportamentos adequados quanto das sanções, da penalidades relativas ao desvio das regras pré-estabelecidas (WHITE, 2004 *apud* MOREIRA, 2011, p. 59).

O que é nodal registrar, concordando com os apontamentos de Moreira (2015) quando ao Julgamento, é que estas representações são espelhos da visão de mundo dos sujeitos, as quais implicam em suas formas de agir no mundo, inclusive linguisticamente. Para compreender a atitude responsiva dos sujeitos em relação às prescrições assentadas no Sistema de Julgamento, seus subsistemas e subtipos, portanto em relação ao seu modo de atuar socialmente, é evidente a importância do Sistema de Avaliatividade pois é este que vai evidenciar as avaliações do sujeito sobre mundo através das ações discursivas.

- **Apreciação**

Através da Apreciação, as avaliações são erigidas sobre as coisas, os objetos e os fenômenos. Desta forma, ela dá conta de apreciar as reações dos falantes – e as suas avaliações, por conseguinte – acerca da realidade, da factualidade, sendo este tipo atitudinal um dos mais importantes dentro das atitudes de linguagem, por aludir à forma pela qual os sujeitos avaliam o texto (oral ou escrito) e/ou o processo (fenômeno), discursivamente (EGGINS & SLADE, 1997 *apud* VIAN JR ET AL, 2011, p. 108).

Dito isto, é preciso introduzir a Apreciação de maneira a deixar claro que esta é uma forma avaliativa que contempla objetos, fenômenos e situações/circunstância cotidianas: "shows, filmes, livros, CDs, obras de arte, casas, prédios, parques, recitais, espetáculos ou performances de qualquer tipo, fenômenos da natureza, relacionamentos e qualidades da vida" (MARTIN & ROSE, 2007,p.37 *apud* VIAN JR ET AL,2011,p.108). A diferença entre o Julgamento e a Apreciação é que o segundo dá conta de avaliações positivas e/ou negativas de objetos, artefatos, processos ou estados, não havendo um "julgamento ligado à ética, mas sobre a avaliação sobre o padrão ligado à estética" (MOREIRA,2015, p.59).

Com base nisto, apresenta-se na tabela a seguir uma organização da Apreciação conforme as variáveis situacionais que a geram na interação, bem como dos tipos de apreciatividade que são operacionalizados em cada variável:

Apreciação (O que você acha de x?)	Variáveis	Tipos	Exemplos
	<i>Reação</i>	Impacto	O filme prendeu minha atenção? O filme correspondeu as minhas expectativas?
		Qualidade	O filme me agradou?
	<i>Composição</i>	Proporção	O enredo/roteiro é bem costurado? As partes fazem sentido? A perspectiva é adequada? O ritmo é bom? Os personagens são bem construídos?
		Complexidade	O enredo é complicado, difícil de acompanhar?
	<i>Valor</i>	Relevância	O filme levanta questões sociais, filosóficas, etc. importantes?
		Originalidade	O filme é original?

Tabela 5 – As Variáveis da Apreciação (MOREIRA, 2015, p.60)

Dialogando-se com os dados ofertados por Moreira (2015) na Tabela 5, verifica-se que o valor apreciativo ofertado pelos sujeitos às coisas, pessoas e fenômenos vincula-se ao modo pelo qual o objeto da apreciação valorativa é concebido socialmente, é aceito com base nos preceitos culturais compartilhados por uma dada comunidade.

Por todo o exposto, cabe frisar que a apreciação de pessoas, objetos, fenômenos *etc.* consiste em uma atitude também aproximada do Julgamento no tocante à institucionalização de sentimentos, havendo, porém, um elemento marcador de distinção: na apreciação, os sentimentos apreciativos dizem respeito "à forma, à aparência, à composição, ao impacto e ao valor dos objetos naturais ou abstratos (processos) e performances" (VIAN JR *ET AL*, 2011, p. 109).

CONCLUSÃO DO TÓPICO II

Estando delineadas as bases teóricas referentes à LSF, com destaque para as dimensões da linguagem e a premissa do discurso como sendo uma prática social, assim como para a léxico-gramática como campo da expressão linguística dos sujeitos – contemplando as Metafunções Ideacional, Interpessoal e Textual, atreladas à Gramática da Experiência e aos processos avaliativos que os sujeitos, ordinariamente, realizam em seu cotidiano, calcados no Sistema de Avaliação, avançar-se-á mais um passo.

As leituras destas maneiras de enxergar, interpretar e representar a si e a outrem é o que se verá adiante, numa perspectiva igualmente funcional, comumente alicerçada na Linguística Crítica, pautada em evidenciar o comportamento paradigmático do usuário da língua frente ao sistema linguístico. O próximo passo é despertar uma dimensão crítico-interpretativa a fim de evidenciar, analiticamente, o comportamento do dizer, do dizente e das escolhas para compor o dito.

2 EXPLORAÇÃO DO *CORPUS* & ANÁLISE DE DADOS

2.1 A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO EM 'O CASTELO DE PAPEL' E A ATITUDE AVALIATIVA AUTORAL NA IDENTIFICAÇÃO GENÉRICA DE *MASCULINO* E *FEMININO*

A partir das páginas a seguir, o presente trabalho dará início ao processo de análise de dados propriamente dito. Pata tal engenho, serão vistas as personagens **Isabel e Gastão, os Processos através da Obra**, no intuito de averiguar como a autora da biografia dispõem ao seu leitor imagens das personagens segundo Processos que dão conta de ações, de estados de espírito e experiências de intersecção do concreto e do subjetivo. Em virtude da inviabilidade de uma pesquisa por software que capturasse excertos em que Isabel e Gastão ocupassem tão somente a posição de Participante 1 (P1), o levantamento dos dados foi realizado através de leitura minuciosa e marcação, classificação, tabulação e interpretação de ocorrências. É

pertinente salientar que, no que alude aos Processos, a classificação realizou-se observando tanto os usos prototípicos quanto os contextuais, em que esses últimos podem alterar a semântica ordinária do grupo nominal em função de uma situação discursiva com carga semântica culturalmente orientada em função de variáveis extralinguísticas.

Em momento seguinte, será explanada a análise concernente aos **Papéis Sociais de Feminino e Masculino em "O Castelo de Papel"** com base no que é apresentado para Isabel e Gastão ao longo da obra como sendo um lugar social genuíno de seu gênero, bem como de possíveis transgressões ao *status quo* de identidade de gênero à época da contemporaneidade do casal.

Por fim, esta seção trará uma investigação acerca da autoria, de modo a averiguar o as personagens segundo categorias da LSF constituintes do Sistema de Afetividade. Assim, em **Isabel e Gastão: Afeto, Julgamento e Avaliação**, será apresentado um panorama da relação entre biógrafo e biografados, sob uma perspectiva analítica do discurso através da materialidade da língua, como é caro aos estudos sistêmico-funcionais.

2.1. A Representação de Gênero em 'O Castelo de Papel' e a Atitude Avaliativa Autoral na Identificação Genérica de Masculino e Feminino

A pesquisa desenvolvida nesta Dissertação deu-se através da imersão analítico-crítica em um dado *corpus* de interesse ao tema glosado. Souza (2006), baseada em Sardinha (2004), elucida que o termo "*Corpus*", para a Ciência da Linguagem, refere-se a todo e qualquer corpo linguístico autenticamente concebido, o qual apresente condições para ser manipulado como base de pesquisa científica em Linguística.

O *corpus* específico deste trabalho é conjunto de enunciados extraídos do livro "O Castelo de Papel" (Rocco, 2013), cuja autoria é da Mary del Priore. Essa obra trata da vida conjugal da Princesa Isabel do Brasil e de seu consorte, o Príncipe Gastão de Orléans, conde d'Eu. Por isso, tem-se para o presente trabalho que o seu *corpus* é a biografia em si (gênero), enquanto que os dados analíticos são enunciados estratificados. E cabe ainda ressaltar que a escolha da obra deveu-se por sê-la a primeira a fim de tratar da vida doméstica de D. Isabel, atentando para sua existência em pleno século XIX, na sociedade patriarcal brasileira, machista, na qual ela tinha o dever de origem, uma responsabilidade

por *Noblesse Oblige*²³ como herdeira do Trono Imperial, mas buscando enxergar a singularidade daquela mulher que também era filha, irmã, esposa, mãe, 'dona de casa'.

A pesquisa aqui delineada terá caráter qualitativo na medida em que apura dados investigativos dentro de uma investigação de base discursiva. Entretanto, a apreciação dos dados terá um alicerce também quantitativo, através de quadros numéricos absolutos (valores reais) em virtude deste serem dados explicativos ratificadores ou retificadores de pontos-de-vista. Por meio de uma investigação bibliográfica, buscou-se investigar como Mary del Priore representa os gêneros *masculino* e *feminino* ao narrar a vida da Princesa Isabel e do Conde d'Eu em "O Castelo de Papel", bem como qual a atitude da autora frente ao Processo das figuras biografadas.

Elucidando acerca das categorias²⁴ de análise da pesquisa, tem-se um conjunto de parâmetros que lançam olhos para o plano discursivo da obra, através dos elementos léxico-gramaticais do discurso. Como já apresentado anteriormente, o *corpus* analítico é formado por enunciados que trazem as figuras da Princesa Isabel e do Conde d'Eu, mas somente quando na posição de Atores (LSF).

A partir disto, os casos são analisados segundo a sua composição, à luz do Sistema de Transitividades (ST), em observação aos itens lexicais em situação de Processo, Participante e Circunstância²⁵. O que se pretende com a análise desses casos é investigar como se encontra textualmente marcada a representação de *masculino* e *feminino* na obra, a qual opera enquanto mecanismo de produção de identidades e de identificações feitos por Mary del Priore concernentes à Dona Isabel e ao Conde d'Eu. Tudo isto age como uma explanação do ponto de vista do mundo Material, Mental e Relacional expressados pela autora sobre as Questões de Gênero vinculadas às personagens.

Em um momento seguinte, a pesquisa confere os termos referente nominal usados para referenciar a ambas as personagens, buscando identificar se ocorrem ou não casos de

²³ "Noblesse Oblige" significa, em tradução livre, "nobreza manda". O uso desta expressão vinculada aos membros do Gotha, a Realeza Europeia e suas extensões nas Américas, na Ásia e na Oceania, concerne a um conjunto de normas comportamentais e regras de etiqueta tanto relacionadas ao decoro quanto à manutenção de certas alianças entre as Dinastias. Assim, seria algo como o conjunto de obrigações que se impõe a alguém por fazer parte da aristocracia, por ser um Nobre. Mais sobre isto pode ser conferido em <http://www.france-pittoresque.com/spip.php?article5453>.

²⁴ As categorias analíticas desta pesquisa, advindas da LSF, dialogam com os dados encontrados em Henriques (2014), quando a representação da Princesa Isabel foi investigada em duas biografias, sendo uma de autoria nacional e outra internacional.

²⁵ Estas três categorias analíticas da LSF são, justamente, as categorias observadas nesta pesquisa para a exploração da biografia e coleta dos dados que compõem o corpus.

referenciação por meio de grupos nominais que configuram identificadores de gênero. Assim, pretende-se verificar possíveis construções identitárias do casal segundo imagens do chamado *senso comum* para as identificações de gênero sob a ótica binária alicerçada nos gêneros biológicos e nos papéis sociais historicamente dados a cada qual.

Para a realização de tal engenho analítico, esta seção divide-se em três tópicos distintos. Com isto, tem-se **A representação de gênero em 'O Castelo de Papel' e a atitude avaliativa autoral na identificação genérica de masculino e feminino** explorando o *corpus* com vista à realização do tratamento dos dados para a obtenção de conclusões quanto às proposições específicas que delineiam o objetivo do trabalho.

Neste sentido, inicialmente, no **Tópico I** serão apresentados dados gerais, tabulados em valores absolutos (reais), acerca das personagens no que concerne aos Processos em suas seis variações, na seguinte ordem: Processos Materiais, Processos Mentais, Processos Relacionais, Processos Existenciais, Processos Comportamentais e Processos Verbais. Com isto, teremos uma panorâmica acerca do comportamento da autora frente à construção das identidades biográficas de suas personagens.

Em seguida, ocorrerá o aprofundamento no *corpus*, abalizando-se os processos verbais e evidenciam os Processos e as referências (grupos nominais) que compõem as identidades das personagens através das escolhas textuais realizadas por Mary del Priore. Para tanto, os dados serão apresentados em paralelo, traçando um perfil quantitativo (as ocorrências de cada processo para cada personagem) que embasará o trabalho qualitativo posterior.

No consecutivo **Tópico II**, havendo as discussões já levantados os Processos que identificam as personagens da *biografia*, expõe-se o verificado quanto ao modo como a autora do livro faz referências às personagens principais de sua obra. Isto é relevante no sentido de que os referentes – grupos nominais - conferem uma singularidade, uma identificação ao seu referenciado.

A categorização destes referentes também poderá vir a constituir um dado basilar à compreensão das escolhas realizadas por Mary del Priore, ainda que oferte um horizonte mais interpretativo do que efetivamente assertivo quanto aos "porquês" de tais usos em detrimento de outros. Como afirma Fairclough²⁶ (2012), são as escolhas que o sujeito

²⁶ A ACD figura nesta pesquisa como um aporte teórico que orienta a leitura dos dados com vistas à uma análise crítica, mais consciente dos movimentos discursivos relacionados às questões de Ideologia e de Poder, considerando o contexto de representação identitária através do discurso

realiza o que evidencia a sua posição frente ao seu objeto do dizer.

Por fim, o **Tópico III** analisará a autoria à luz da atitude discursiva expressa no texto léxico-gramaticalmente. Por meio do Sistema de Avaliatividade, será contemplada a atitude de Mary del Priore em referência à biografia, investigando a apreciação sistemática dos marcadores atitudinais de *Afeto*, *Julgamento* e *Apreciação*, atrelado à representação genérica das personagens.

Portanto, a Seção II consiste na realização da análise e na oferta dos seus resultados, com vistas à ofertar o quadro científico da pesquisa após o engenho teórico-metodológico decorrente de se produzir uma resposta ao desafio do objetivo-geral da pesquisa. Este, é retomado nas discussões conferentes às considerações finais, em que se exporão os reflexos da pesquisa para a sociedade, seja acadêmico-científica ou aquela além das universidades.

2.1.1. Isabel e Gastão, os Processos através da Obra

A história do casal Isabel e Gastão, ela princesa herdeira do Império do Brasil, ele príncipe da Dinastia de Orléans, neto do então exilado rei Luís Filipe da França, é iniciada por Mary del Priore através da personagem masculina. Gastão de Orléans é o fio condutor das primeiras páginas de "O Castelo de Papel". A obra inicia-se com o capítulo "Mudança de Pele", em que a biógrafa vai dar atenção ao príncipe e ao trâmite para o casamento com uma das filhas de Dom Pedro II.

É relevante sublinhar que a obra de del Priore é a primeira em décadas que confere tamanho destaque à figura de Gastão de Orléans. Ao longo das produções bibliográficas acerca da monarquia no Brasil, ele ocupou, via de regra, a sua posição de mero "consorte", estando em segundo plano, atrás da Princesa que desposara. Ademais, a figura masculina que é encarada como central neste período da história do Brasil é, certamente, o Imperador Dom Pedro II, não cabendo a Gastão qualquer condição de disputar espaço neste contexto. Na literatura brasileira, foi apenas Câmara Cascudo quem devotou ao príncipe francês algum espaço na memória nacional, ainda nos idos da década de 1930²⁷, pouco depois do falecimento de Gastão a bordo do navio Massília que o trazia de volta do exílio. Algumas obras sobre a Guerra do Paraguai, por sua vez, trazem a figura de Gastão enquanto general do exército brasileiro, sendo que escassos são os trabalhos que trazem à baila alguma reflexão no

biográfico. Portanto, não são retiradas desta teoria as categorias analíticas da investigação empreendida nesta Dissertação, mas sim da LSF (Processos, Atores e Circunstâncias).

²⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. **Conde d'Eu**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

tocante à pessoa de Gastão, ao seu ponto de vista sobre a própria guerra e às suas impressões e registros de então. Quiçá Dionísio Cerqueira (1980) tenha sido um dos raros autores que ofertara espaço para esta questão da historiografia e da monarquia nacional segundo os olhos do príncipe²⁸.

Como será visto mais à frente, por meio tanto no desenvolvimento da narrativa quanto através da averiguação dos dados do *corpus*, Gastão tem um ascendente protagonismo na narrativa de del Priore, estando sempre em cena, tendo constantemente trazida à baila a sua voz e as suas impressões sobre os mais diversos fatos e assuntos que povoaram a vida do casal imperial. Quando não é sobre ele que a autora está a glosar, muitos são os casos em que é a falar de Isabel que a autora aborda a personagem masculina de sua obra. Isabel é insistentemente urdida enquanto uma personagem que "adorava" (DEL PRIORE, 2013, p.11) o marido, sendo apresentadas diversas colocações da princesa acerca de seu marido, de seu estado conjugal e da sua vida com e sem o esposo.

Esse horizonte da obra é descortinado logo no primeiro enunciado, haja vista que a biografia começa com a oração "O Jovem apoiou-se na janela do Lake Hotel" (Capítulo 1, p. 9). Há, portanto, um sintagma com Ator, Processo e Circunstância, em que o sujeito "Jovem" é o Participante de uma ação expressa pelo Processo Material contido na ação contida em "apoiar (-se)" e complementado pela Circunstância de Lugar "na janela do Lake Hotel". Gastão é introduzido por meio de um lexema nominal que é tanto Agente quanto Atributo, pois não apenas oferta um sujeito de quem se fala, mas o especifica através de atributos caracterizadores. É possível que o pouco conhecimento do leitor brasileiro quanto à figura de Gastão de Orléans tenha levado a autora a escolhê-lo como ponto de partida. O certo é que muito de "O Castelo de Papel" é a biografia desse príncipe pouco familiar em comparação à memória historiográfica que se tem da Princesa Isabel.

Ao longo dos onze capítulos da obra, Mary del Priore busca equilibrar o foco narrativo entre as duas personagens. Verifica-se a alternância constante entre as duas figuras biografadas ao longo do cerne de cada capítulo. Desta forma, verifica-se que o número de menções a um e a outro se reflete na quantidade de Processos analisados no *corpus*, isto em virtude de que há uma razão diretamente proporcional entre o sujeito base da narrativa de cada capítulo e a sua posição como Participante dos processos.

Logo, quando a autora toma o casal como um referente nominal único, torna-se inviável sinalizar questões de gênero, pois estas ficam apagadas e subjugadas às regras

²⁸ CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblieux, 1980.

dêiticas da gramática da língua portuguesa, a qual exigirá que o masculino dê conta da representação e das referências de todo coletivo em que houver um participante com variação de gênero masculino. Por isso, só compõem o *corpus* excertos onde há uma clara menção a uma personagem ou a outra, realizada através de grupos nominais agentivos (substantivos ou pronominais)²⁹.

2.1.1.1. Os Processos em Perspectiva: um panorama quantitativo

Em uma análise através dos capítulos da obra investigada, resultou em uma coleta de dados que gerou um perfil dos Processos ao longo da narrativa de Mary de Priore. Com esse cenário em mente, a abordagem dos capítulos resultou em um cenário quantitativo³⁰ nos seguintes termos:

O Castelo de Papel	Isabel	Gastão
Capítulo	Processos	Processos
1- Mudança de pele	9	127
2- Retrato de príncipes quando jovens	38	27
3- De pombos e de tombos	28	64
4- Duas partidas	26	50
5- A estrada de poeira e ossos	18	94
6- Fluxos e Refluxos	40	14
7- A suave e perigosa deriva	56	53
8- Lições daqui e de lá	28	28
9- Visões de redenção, caminhos de perdição	60	42
10- O relógio invisível	32	57
11- "O dia da maior infelicidade de nossas vidas"	62	58
Total	397	614

Tabela 6 - Processos de Isabel e Gastão em "O Castelo de Papel"³¹

²⁹ Também por isto, essa pesquisa faz uso de Processos para a composição do seu *corpus* em que as personagens Isabel e Gastão figuram como Participante 1 e não como Participante 2. Para a seleção destes dados, não seria possível uma investigação de casos através de softwares de busca, havendo sido realizada a coleta através da exploração lectural da obra.

³⁰ A apuração dos Processos, em virtude do caráter da investigação computar apenas ocorrências em que as personagens estão em posição de Participante 1 dos Processos, foi realizada através de contagem manual, ao longo da leitura e das releituras da obra nos dois anos da pesquisa. A peculiaridade da natureza dos dados inviabilizou o uso de softwares do tipo WordSmith.

³¹ Esta pesquisa faz uso de número absolutos, de modo que assinala, quantitativamente, o expoente de casos verificados no *corpus* e o utiliza enquanto dado analítico qualitativo.

O cenário exposto pela Tabela 6 traz à baila uma visão geral de “O Castelo de Papel” concernente aos Processos, tanto os 3 principais quanto os 3 secundários, de modo a apresentar um vislumbre da construção identitária realizada por del Priore para as suas personagens.

Conferindo destaque à diferença apresentada entre Isabel e Gastão no que alude ao quantitativo de Processos em que estão em posição de Participante 1 (aquele que empreende o Processo, ao invés de ser aquele que sofre suas implicações), tem-se uma visão do protagonismo da personagem Masculina em detrimento da Feminina. Ao longo de toda a análise, será problematizada esta constatação em virtude da discrepância identificada.

A visão holística dos Processos identificados ao longo de “O Castelo de Papel”, organizados na Tabela 6, permite que se comprove o direcionamento da biógrafa em dar a Gastão de Orléans um considerável espaço dentro da narrativa da vida do casal. O príncipe supera sua esposa em 217 Processos constitutivos do *corpus*, o que sinaliza para um protagonismo na obra. Dona Isabel tem uma média de 36 Processos por capítulo enquanto que Gastão tem 55. A presença da princesa na obra cresce na medida em que a narrativa caminha para o desfecho da monarquia, com o caudilho militar de 1889. As três Regências, em virtude de viagens do pai ao exterior, a Campanha Abolicionista e a Lei Áurea em 1888, o Exílio para a Europa e a chefatura da Casa Imperial com a morte de Dom Pedro II são momentos de notória ascensão da figura de Dona Isabel ao centro da narrativa. Esses são fatos enunciados a partir do sétimo capítulo do livro, quando há uma maior estabilidade entre as figuras de Isabel e Gastão na biografia.

É curioso que a posição de Gastão de Orléans no Brasil era a de Príncipe Consorte, aquele que estaria sempre dois passos atrás de sua esposa ou, como assinalou del Priore em seu texto, alguém cuja função era ser "esquivo, calado, doméstico, inútil, sem opinião e sem 'temperamento' forte" (2013, p.16). Contudo, em "O Castelo de Papel", o príncipe parece estar senão um passo à frente, ao menos lado a lado com sua esposa. Contudo, devotando maior atenção aos dados da pesquisa, é o esposo quem apresenta posição mais ativa do que passiva, sendo o Participante 1 de 614 Processos.

A partir disso, doravante, será exposta a análise dos Processos empreendidos por Isabel e por Gastão, capítulo após capítulo, explanando os percursos pelos quais foram conduzidos os protagonistas da biografia, levando-se em conta o número de ocorrências de cada um.

- **Processos Materiais**

Ao longo dos 11 capítulos de "O Castelo de Papel", foram contabilizados os seguintes dados alusivos aos Processos do tipo Material:

Capítulo	Isabel	Gastão
1- Mudança de pele	5	55
2- Retrato de príncipes quando jovens	17	15
3- De pombos e de tombos	5	20
4- Duas partidas	10	16
5- A estrada de poeira e ossos	8	40
6- Fluxos e Refluxos	10	4
7- A suave e perigosa deriva	21	19
8- Lições daqui e de lá	10	7
9- Visões de redenção, caminhos de perdição	21	9
10- O relógio invisível	7	26
11- "O dia da maior infelicidade de nossas vidas"	12	19
Total	114	227

Tabela 7 - Processos Materiais de Isabel e Gastão em "O Castelo de Papel"

O cenário exposto pela tabela acima revela que Gastão supera Isabel no protagonismo de Processos de natureza Material 6 dos 12 capítulos, mais da metade da obra. Isso pode significar que mais da metade da biografia tem o cuidado de se dedicar a uma figura agentiva do protagonista masculino. Além disso, abaliando o todo, o marido (227 casos) ultrapassa os 100 Processos Materiais em uma comparação com sua esposa (114 casos). Assim, como preconiza o imaginário coletivo e historiográfico do “masculino”, Gastão é um homem de ação, nas lentes de Del Priore.

- **Processos Mentais**

Quanto aos Processos do tipo Mental, a exploração da obra chegou ao seguinte quadro:

O Castelo de Papel	Isabel	Gastão
Capítulo	Processos Mentais	Processos Mentais
1- Mudança de pele	1	31

2- Retrato de príncipes quando jovens	7	5
3- De pombos e de tombos	11	11
4- Duas partidas	7	9
5- A estrada de poeira e ossos	7	22
6- Fluxos e Refluxos	10	5
7- A suave e perigosa deriva	19	18
8- Lições daqui e de lá	6	3
9- Visões de redenção, caminhos de perdição	9	11
10- O relógio invisível	8	11
11- "O dia da maior infelicidade de nossas vidas"	21	16
Total	106	142

Tabela 8 - Processos Mentais de Isabel e Gastão em "O Castelo de Papel"

Neste caso, verifica-se que, ainda que o Masculino tenha quantitativo superior de Processos Mentais que o Feminino, a diferença não é tão expressiva quanto nos casos materiais. Desta forma, pode-se inferir que a autoria buscou expor as subjetividades de suas personagens com certo cuidado e atenção. Isto pode ser devido ao fato de os Processo Mentais dizerem muito das identidades dos seus Participantes 1, o que é demasiado pertinente à escrita biográfica (VIEIRA, s/d).

- **Processos Relacionais**

A contabilização dos Processos Relacionais na análise do *corpus* gerou o cenário abaixo:

O Castelo de Papel	Isabel	Gastão
Capítulo	Processos Relacionais	Processos Relacionais
1- Mudança de pele	1	20
2- Retrato de príncipes quando jovens	8	2
3- De pombos e de tombos	3	9
4- Duas partidas	3	5
5- A estrada de poeira e ossos	1	5
6- Fluxos e Refluxos	0	0
7- A suave e perigosa deriva	6	5

8- Lições daqui e de lá	5	3
9- Visões de redenção, caminhos de perdição	9	2
10- O relógio invisível	8	6
11- "O dia da maior infelicidade de nossas vidas"	17	6
Total	61	63

Tabela 9 - Processos Relacionais de Isabel e Gastão em "O Castelo de Papel"

Os Processos Relacionais protagonizados por Isabel e Gastão evidenciam suas ações objetivas e subjetivas consigo, com outrem e com o mundo. À luz dos dados, identifica-se uma paridade entre as personagens no que tange ao quantitativo absoluto dos Processos deste tipo em que estão na posição de Participante 1. Novamente, um evidente caso de cuidado autoral na exposição da intersubjetividade dos biografados, o que não foge à regra da escrita biográfica, como visto na Seção I, a partir de Henriques (2014).

- **Processos Existenciais**

Ao longe de "O Castelo de Papel", foram consideravelmente poucos os casos de Processos Existenciais, como vê-se a seguir:

O Castelo de Papel	Isabel	Gastão
Capítulo	Processos Existenciais	Processos Existenciais
1- Mudança de pele	0	4
2- Retrato de príncipes quando jovens	0	0
3- De pombos e de tombos	1	3
4- Duas partidas	0	0
5- A estrada de poeira e ossos	0	0
6- Fluxos e Refluxos	0	0
7- A suave e perigosa deriva	0	0
8- Lições daqui e de lá	0	1
9- Visões de redenção, caminhos de perdição	0	0
10- O relógio invisível	1	0
11- "O dia da maior infelicidade de nossas vidas"	1	1
Total	3	9

Tabela 10 - Processos Existenciais de Isabel e Gastão em "O Castelo de Papel"

Tal qual encontrado nos Processos Materiais, os Existenciais expõem uma discrepância no número absoluto de ocorrências. Gastão aparece vinculado a Processos desta natureza três vezes mais do que Isabel. O dado por si só revela um trabalho da biógrafa em dar relevo à figura Masculina de sua obra, cuja realidade em outras obras sobre o Brasil Imperial é demasiado oposta, haja vista que Gastão de Orléans figura sempre à margem de outras personalidades da historiografia monárquica do país.

Contudo, faz-se necessário explicar que a peculiaridade dos Processos Existenciais o deixou de fora da análise que virá no tópico a seguir. Isto em virtude de não haver nestes Processos o Participante 1, pois seu foco é dar conta de representações de algo que existe ou acontece, sendo marcado no português brasileiro pelos verbos “Haver”, “Existir”, “Ser” e “Ter”, conforme Souza (2006, p.57) e Moreira (2015, p. 45).

- **Processos Comportamentais**

As ocorrências de Processos do tipo Comportamental, nos 11 capítulos da obra analisada, foram contabilizadas no panorama a seguir:

O Castelo de Papel	Isabel	Gastão
Capítulo	Processos Comportamentais	Processos Comportamentais
1- Mudança de pele	1	13
2- Retrato de príncipes quando jovens	3	4
3- De pombos e de tombos	7	8
4- Duas partidas	4	11
5- A estrada de poeira e ossos	1	12
6- Fluxos e Refluxos	4	1
7- A suave e perigosa deriva	8	4
8- Lições daqui e de lá	4	5
9- Visões de redenção, caminhos de perdição	10	6
10- O relógio invisível	6	6
11- "O dia da maior infelicidade de nossas vidas"	10	10
Total	58	80

Tabela 11 - Processos Comportamentais de Isabel e Gastão em "O Castelo de Papel"

Os Processos Comportamentais, retomam a hegemonia do Masculino sobre o Feminino no que tange à posição de Participante 1, vista nos Processos Materiais. Gastão tem

protagonismo em 80 ocorrências, ao passo que Dona Isabel apresente mesma situação em apenas 58 casos. Esse cenário serve para corroborar o entendimento extraído da leitura da Tabela 6 que revelou a imensa inequidade entre os Processos vinculados ao Príncipe e a sua esposa.

- **Processos Verbais**

Por sua vez, os Processos Verbais reuniram um quantitativo expressivo no tocante às identidades das personagens:

O Castelo de Papel	Isabel	Gastão
Capítulo	Processos Verbais	Processos Verbais
1- Mudança de pele	1	4
2- Retrato de príncipes quando jovens	3	1
3- De pombos e de tombos	1	13
4- Duas partidas	2	9
5- A estrada de poeira e ossos	1	15
6- Fluxos e Refluxos	10	4
7- A suave e perigosa deriva	2	6
8- Lições daqui e de lá	2	9
9- Visões de redenção, caminhos de perdição	11	14
10- O relógio invisível	2	8
11- "O dia da maior infelicidade de nossas vidas"	6	1
Total	41	84

Tabela 12 - Processos Verbais de Isabel e Gastão em "O Castelo de Papel"

A análise dos quantitativos de ocorrência dos Processos Verbais revelam que o Masculino teve duas vezes mais espaço de fala do que o Feminino, o que reafirma o lugar social do gênero hegemônico em detrimento do seu antagonista, sob uma perspectiva binária. A Gastão parece genuíno o direito de fala, ao passo que para Isabel, apresentar sua própria voz parece ser mais delicado. Em uma biografia que se propõe a apresentar um casal, quais conclusões se pode conferir de um destaque tão explícito ao marido, ainda mais quando é ele um Consorte daquela que, de fato, era relevante ao contexto da época?

As sete tabelas apresentadas acima descortinam o comportamento das personagens principais de “O Castelo de Papel”, mas também evidenciam o projeto de construção

identitária e de projeção de identificações urdido pela autora para os seus protagonistas. Com base no contexto quantitativo ora abalizado, terá início um aprofundamento nos casos que compõem o *corpus* da investigação, tanto para a realização de uma leitura e/ou explanação dos dados tabulados nesse tópico, a fim de apresentar a compressão da pesquisa acerca do que foi encontrado, quanto para a exposição de exemplos que comprovem os resultados desta investigação.

2.1.1.2. Processos e Identidades: uma análise qualitativa

Falar em textos biográficos é falar em passado, em lembranças, em interpretações e apreensões à própria vida do lido acerca do biografado. Logo, tratam-se de memórias que serão acionadas a fim de urdirem um discurso dialético e dialógico sobre alguém. Por vezes, as memórias são próprias, mas, em outros casos, são pseudomemórias, haja vista que a tomamos emprestadas de outrem, através do arcabouço cultural que cada indivíduo possui em seu grupo social.

No sentido do exposto acima, Halbwachs (1990) defende que a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo/social, a qual é construída coletivamente e submetida às transformações provenientes da relação sujeito e sociedade. Dessa forma, “tudo o que é lembrado e julga-se ser do universo subjetivo, bem verdade não o é, por que, na realidade, é determinado socialmente” (HALBWACHS, 1990), além de que “a memória humana não é uma reprodução do vivido, tão somente, mas uma construção dialógica entre o presente e o passado, pois o passado possui sua continuidade no momento presente” (BLONDEL, 1966 *apud* HENRIQUES, 2014).

O trabalho de reconstituir a vida de alguém é, também, uma ação de ressurreição deste alguém, pois não será a própria pessoa, mas um espectro dela, um ponto de vista. Isto produz uma identidade sobre quem se fala, a qual é construída através dos processos de identificação aos quais se atribuem a pessoa biografada. Assim, a apresentação de alguém é realizada na medida em que se fala dela, o que edifica sua identidade para o leitor por meios discursivos em que se põem em diálogo referentes intratextuais (os Processos a que estão ligados os biografados) e os extratextuais (as memórias e o arcabouço sociocultural do leitor).

É neste sentido que, a fim de melhor interpretar a situação de Isabel e de Gastão na obra, será iniciada uma explanação dos processos contabilizados de modo que se conheça mais aprofundadamente a sua natureza e os seus significados no que aponta para a construção das identidades de cada uma das duas personagens protagonistas, bem como para as identificações de gênero realizadas.

- **Processos Materiais**

Pelo exposto na Tabela 7, vê-se novamente que Mary Del Priore orientou a figura de Gastão como um agente de ações reais, como uma personagem que "faz algo" (SOUZA, 2006, p.54). Com 227 processos materiais contra apenas 114 da Princesa Isabel na mesma categoria, Gastão se revela uma personagem que age concretamente sobre o contexto em que está situado. Noutros termos, é possível dizer que a autora da biografia traz para o príncipe francês uma identificação orientada por ações concretas, eventos e acontecimentos fatídicos (HALLIDAY, 1985; SOUZA, 2006; MOREIRA, 2015).

Sendo enunciado como um "Homem que faz", um "Homem de ação", Gastão atua como o Ator/Agente do Processo, aquele que realiza uma ação:

Ex.1.: [Gastão] Servia nas fileiras no Exército espanhol, em Segóvia (p.10)

Gastão	Servia	Nas fileiras no Exército espanhol em Segóvia
Ator	Processo Material	Circunstância de Lugar

Verifica-se que Gastão é aquele que atua sobre algo, que modifica concretamente a realidade em seu entorno através de uma atitude, de um fazer. Ao contrário de uma vida passional, como bem era permitido aos nobres de sua época, o príncipe tinha vida ativa, buscando construir uma reputação louvável e tornar-se um homem com grandes feitos.

Dona Isabel, com 113 Processos Materiais a menos que a figura do marido, é apresentada como uma figura menos agentiva, no sentido em que a pouca fração de ações concretas representadas em Processos do tipo Material aludem para um comportamento menos proativo que o do seu consorte.

Ex.2.: Em 1860, aos 14 anos de idade, Isabel prestou juramento à Constituição Política do Império diante das Câmaras. (capítulo 1, p.22)

Isabel	prestou	juramento à Constituição Política do Império	diantes das Câmaras
Ator	Processo Material	Meta	Circunstância de Lugar

Dentre os apenas cinco Processos Materiais atribuídos à Princesa Isabel no capítulo primeiro da obra, é interessante realçar que ou se faz alguma menção às práticas de boas maneiras da jovem ou é ilustrado um cumprimento do dever cívico de sua situação nobiliárquica, como no exemplo trazido acima. Dona Isabel é o Ator que realiza um processo cuja Meta é um juramento constitucional, ou seja, a realização de uma cena protocolar já oficialmente elaborada em que a atitude da princesa não é genuína ou espontânea, mas fruto dela estar seguindo um *script* que lhe fora anteriormente repassado. Com isto, a apresentação

da personagem ao seu leitor é realizada de modo a que este a enxergue como alguém de pouca atitude, de quase nenhuma imperatividade, tal qual se é discutido no tópico anterior ao se expor o protagonismo de Gastão nesses Processos. E este tipo de representação da princesa não se restringe às páginas iniciais da obra, como pode ser comprovado a seguir

Ex.3.: Na época em que Isabel enterrara sua filhinha, anestésicos e analgésicos começavam a ser descobertos (capítulo 7, p.154).

Isabel	Enterrara	sua filhinha
Ator	Processo Material	Meta

Nos idos do sétimo capítulo, veem-se ainda as confirmações de uma representação identitária ilustrada na abertura da biografia. Enterrar um filho não é uma ação concreta decorrente de uma atitude de escolha do sujeito, mas o cumprimento de uma obrigação decorrente de uma fatalidade incontornável. Além do mais, é bastante crível a sublimação do grupo nominal que compõe o Processo Material, haja vista que se trata de uma figura de linguagem: Dona Isabel não enterrou a filha propriamente, pois não segurou a pá e cavou o chão para depois cobrir de terra o caixão com a infanta defunta. Em bem verdade, a princesa cumpriu o doloroso dever de estar presente às exéquias e ao funeral, assistindo ao evento. Como expectadora, Isabel foi mais passiva do que ativa, ainda que a autora tenha escolhido narrar esta passagem através de um Processo Material.

São as diversas escolhas empreendidas no processo enunciativo as que permitem diferentes construções de realidades a partir de um mesmo fato ou evento. Destas realidades, emergem as interpretações e, por conseguinte, as ressignificações dos diversos objetos do dizer. Nisso, concordam Halliday & Hasan (1985, p.04 *apud* MOREIRA, 2015,p.21) e Fairclough (2003) sobre serem os enunciados e seus discursos formas de agir do sujeito sobre si, sobre o outro e sobre o mundo ao seu redor, ancoradas pelas seleções realizadas ao longo da urdidura destes enunciados concretos que são situados no tempo e no espaço, assim como são iminentemente compostos pela estrutura social e pelo sistema sociocultural na medida em que tais enunciados também são elemento constitutivo deste sistema e daquela estrutura. Portanto, as seleções de Mary del Priore na composição e apresentação de suas personagens ao leitor são parte de um trabalho de identificação, de produção ou de projeção de uma identidade que se tem interesse (autoral) de firmar, socializar e consolidar no imaginário social.

- **Processos Mentais**

Dando continuidade à análise dos dados, passa-se agora para a investigação dos Processos Mentais, os quais dão conta das ditas "experiências cognitivas sobre o mundo" (MOREIRA, 2015,p.43). Nesse sentido, os Processos que representam as experiências apontam para as ações de linguagem que trabalham com as crenças, os valores, as expectativas, os ideários e os sonhos, através de expressões sensoriais de base perceptiva, afetiva e cognitiva (HALLIDAY, 1985 *apud* SOUZA, 2006, p.55).

Pensar nos Processos Mentais dentro de "O Castelo de Papel" é tratar da imagem dos sentimentos que a autora contrói das personagens, haja vista ser impossível saber o que de fato esses personagens pensavam em suas vidas cotidianas. Assim, a obra expôs as particularidades idiossincráticas de cada uma de suas personagens. Através de explanação dos modos de pensar, de sentir, de perceber, de sublimar e de esperar de Dona Isabel e de Gastão de Orléans, del Priore constrói para o seu leitor um panorama objetivo das subjetividades dessas figuras biografadas. É justamente através da revelação dos pensamentos, dos desejos, dos sonhos, dos anseios e das leituras de fatos e eventos que o livro constrói as identidades do casal protagonista.

Assim como o concluído na abordagem dos Processos Materiais, no referente às construções de personalidade e de identidade das personagens de sua obra, Mary del Priore também priorizou o elemento masculino, conforme Tabela 8. Gastão de Orléans consta como o Experienciador de 142 Processos Mentais em relação à Dona Isabel que protagoniza apenas 106 casos dessa mesma natureza.

Através da soma de 36 casos de Processos Mentais a mais que a Princesa Isabel, a personagem de Gastão, conde d'Eu, tem apresentadas ao leitor suas formas de expressão de atitudes, de experiências, de projeções e de sensações (MOREIRA, 2015, p.44), disponibilizando ao leitor de "O Castelo de Papel" maiores condições de compreender a personalidade e a subjetividade deste sujeito que encorpa a personagem biográfica ("sonhar", "angustiar", "saber", "crer" etc.). Além do mais, vale clarificar que através dos Processos Mentais é perceptível o comportamento apreciativo do Experienciador ("lamentar", "gostar", "preferir) frente ao que é experienciado, o fenômeno.

Com base no exposto, vejamos os seguintes excertos da obra investigada

Ex.4.: O príncipe [Gastão] via a tempestade chegando. Em carta ao pai, angustiava-se com os destinos da nação. (capítulo 7, p.160)

O príncipe [Gastão]	Via	a tempestade chegando
Experienciador	Processo Mental	Fenômeno Ato

O enunciado acima traz uma ação perceptiva bastante clara pela qual o Experienciador toma nota de uma situação que estava se concretizando e, em breve, tomaria alguma dimensão desagradável. O termo "tempestade", núcleo do Fenômeno Ato, realiza uma metáfora no sentido em que não anuncia ou mesmo enuncia um fenômeno da natureza. É interessante, porém, abalizar que o modo como Del Priore esboça essa percepção de Gastão frente a um evento que está se encaminhando para um determinado fato concreto futuro traz sinalizada uma interpretação dessa personagem para o que vem adiante. O desenrolar de uma "reforma eleitoral" traria em breve à tona diversos descontentamentos sociais e políticos de uma sociedade binária cujo poder oscilava entre Conservadores e Liberais. Tais tensões, apaziguadas por um tempo, não haveria de durar muito mais e foi sobre o fim dessa trégua que Gastão chamou de "tempestade". Portanto, é notória a avaliação realizada pelo príncipe da situação por vir, mas também da apreciação que del Priore realiza sobre o fato futuro e sobre a personagem em si. Ao trazer a avaliação de Gastão, a autora permite ao leitor ter uma opinião quanto ao protagonista. Mais do que isso, a autora disponibiliza elementos para compor o julgamento do leitor sobre a figura biografada.

Ex.5.: Ao voltar à capital, Gastão chocou-se com a indiferença da população. Ninguém no Arsenal para ovacioná-lo, num contraste com o carinho que recebera nas províncias. (capítulo 10, p.256)

Gastão	chocou-se	com a indiferença da população
Experienciador	Processo Mental	Fenômeno Ato

Nesse excerto, há uma clara posição do Experienciador frente ao Fenômeno experienciado, tem-se em “chocar” uma apreciação e uma Avaliação do cenário exposto. Como afirmam Halliday & Matthiessen (2014) e Fairclough (2003), trata-se claramente de um "Processo Mental Afetivo" ou de uma "Avaliação de Apreço" em que o Experienciador tem externada a sua percepção acerca do Fenômeno. Nesse trecho, mais uma vez, Mary del Priore ressalta a identidade accional de Gastão de Orléans. Sendo ele um "homem de atitude", não conseguia compactuar, não podia não se "chocar" (2013, p.256) com a inércia, com a referida indiferença das massas frente ao contexto político que se descortinava.

Por sua vez, a apresentação feita de Dona Isabel quanto ao mesmo contexto é muito afastada da tecida para o marido.

Ex.6.: Por seu lado, Isabel exultava em colocar um fim a sua regência. Os jornais da situação louvaram o fato de nada ter dado errado. (capítulo 6, p.142)

Isabel	Exultava	em colocar um fim a sua regência
Experienciador	Processo Mental	Fenômeno Fato

A autora por diversas vezes traz à tona o desgosto da Princesa em participar de eventos, reuniões, viagens, visitas e cerimônias de trabalho. Toda a oficialidade dos compromissos de Estado e os jogos políticos da Corte brasileira de finais do século XIX a deixavam queixosa (DEL PRIORE, 2013, p.141). Neste sentido, enquanto Gastão era acometido de choques frente à falta de atitude dos brasileiros quanto às questões políticas que acometiam toda a sociedade, Dona Isabel é retratada como uma mulher que não possuía interesses políticos. O Processo Mental exposto acima ratifica este diagnóstico após a leitura de "O Castelo de Papel": o Experienciador exulta, celebra, comemora o dado Fenômeno. O texto de del Priore (2013, p. 197) orienta o leitor a conceber Isabel como apenas "uma senhora que é filha, é esposa, é mãe".

Outra passagem da obra merece destaque, pois assinala uma incoerência no discurso tecida por del Priore. A biógrafa aponta que assim como a esposa, Gastão de Orléans não apresentou "qualquer afinidade com as questões políticas" (2003, p. 124), mas em diversas outras passagens trouxe a figura do Conde d'Eu questionando e reclamando do comportamento do sogro, Dom Pedro II, que não o ouvia, que não dava atenção aos seus conselhos e que não o deixava participar das questões de Estado.

O certo é que, de fato, para a Princesa Isabel, segundo a biografia em análise, as coisas do Estado lhe "atormetavam" (p.137). Dos mais banais ao mais extraordinário dos assuntos do Império, quase nada a chamava atenção na política. Foi preciso que o marido, o sogro e a imprensa a forçassem a ter visão e atitude.

Ex.7.: "Ela [Isabel] nem se interessava pelos escravos antes", acusavam os jornalistas. (capítulo 10, p.243)

Ela [Isabel]	Nem se interessava	Pelos escravos	Antes
Experienciador	Processo Mental	Fenômeno Ato	Circunstância de Tempo

Neste fragmento, a autora traz um Processo Mental curioso sobre a Princesa Isabel, pois a traz como Experienciador de um Fenômeno que acabou por eternizá-la na História como "A Redentora", graças a alcunha do termo por José do Patrocínio ainda em 1888. Segundo Mary del Priore, até pouco antes de sua terceira regência, D. Isabel não assumia qualquer posição enfática sobre a escravidão, havendo participado de eventos ligados à causa, mas em formatos de quermesses, exposições, saraus e similares que compõem a vida social de uma mulher burguesa.

Ao mesmo tempo em que, ao longo do mesmo capítulo e do seguinte, a autora busca sempre reafirmar o mérito da princesa com relação à assinatura da Lei Áurea, haja vista que seu pai há décadas procrastinava os assuntos ligados ao fim da escravidão, também se

verificam comportamentos discursivos em que a figura de Dona Isabel como pilar da abolição é desconstruída, fugindo a regra do texto e dando agentividade à princesa. Isto configura uma excessão a fugura pouco agentiva da Princesa ao longo da obra. A defesa da Redentora dá-se através de diálogos entre a voz da autora, a voz da Princesa e a voz de seu marido, enquanto que a desmistificação de sua posição como basilar ao evento de 13 de Maio de 1888 conta com falas de Joaquim Nabuco, de Rui Barbosa, do Barão de Cotegipe e de jornais da época.

- **Processos Relacionais**

Alguns dos excertos mais interessantes de "O Castelo de Papel" contém Processos Relacionais que muito dizem acerca da imagem que a obra busca erigir para as suas personagens. São esses processos os que apresentam "identificações e classificações" sobre os objetos do dizer (SOUZA, 2006). Além do mais, de maneira objetiva, através desses processos emergem os "estados de ser" dos sujeitos (EGGINS, 2004, p.237), realizando ações discursivas de caráter atributivo e/ou identificativo (MOREIRA, 2015, p.45).

Também nos Processos Relacionais vem se confirmando a preponderante presença do Conde d'Eu nas orações, conforme a Tabela 9. Ainda que com uma pequena diferença desta vez, apenas 2 casos, o príncipe francês é o Participante 1 de 63 casos quando sua esposa é o Participante 1 de outros 61. Isso permite supor, novamente, que para Mary del Priore a figura de Gastão é aquela que tem necessidade ou que merece ser classificada, qualificada e identificada mais precisamente, em e Isabel - talvez por ela já ser íntima do público leitor.

Nos casos relacionais, tem-se a possibilidade tanto de estabelecer elos com finalidades classificativas e/ou qualificadoras, em que o Participante 1 tem a função de *Portador*, quando com finalidades identificativas, nos quais o Participante é o *Identificado* (SOUZA, 2006, 56). A seguir, tem-se alguns casos retirados do *corpus*.

Ex.8.: Isabel já tinha 30 anos! E seguia embaralhando o público e o privado. (capítulo 7, p.163)

Isabel	já tinha	30 anos!
Portador	Processo Relacional	Atributo

No enunciado acima, vê-se que o processo relaciona o sujeito (Portador) a uma caracterização atributiva (Atributo). O núcleo do sintagma nominal (Isabel) está recebendo uma classificação através do seu atributo denotador de intensidade apresentado no núcleo do predicado (30 anos!). Observe-se a exclamação (!) agregada à idade da princesa. O tom dado

ao fato de Dona Isabel já ser uma "mulher balzaquiana"³² em muito contrastava com a imagem de maturidade, experiência e respeitabilidade de seu esposo, que já passara das três décadas de existência.

É bem verdade que são muitas as apreciações positivas apresentadas sobre Gastão de Orléans ao longo da obra. Mary del Priore busca apresentar o príncipe como uma pessoa que tenha diversas qualidades de berço, de personalidade, de educação, de carreira e de gênero. Na passagem "[Gastão] 'é alto, de físico modesto e reparado, e [ele] veste com desenvoltura o uniforme espanhol. [ele] Monta bem, [ele] cavalga com graça sobre o cavalo e [ele] parece possuir grande severidade e firmeza' (capítulo 1, p.12), tem-se claramente uma série de processos relacionais cuja função discursiva é introduzir diversos atributos qualificadores ao então jovem pretendente da Princesa Imperial. Identificam-se os Processos Relacionais através do verbo "Ser", podendo alguns verbos de ligação exercerem igual função no discurso. Assim, tem-se em "Ele é alto, [é] de físico modesto e reparado" um período com dois sintagmas contendo casos de Processos Relacionais com função atributiva, pois traz atributos, dotes do seu Portador. Já em "[Ele] parece possuir severidade e firmeza", tem-se um Processo Relacional estabelecido através do verbo de ligação *Parecer*, em que se verifica o estabelecimento de uma impressão, de um ponto de vista hipotético.

Ex.9.: Ele [Gastão] é alto, forte, belo moço, bom, doce, muito amável, bem instruído (capítulo 1, p. 23)

Ele [Gastão]	é	alto, forte, belo moço, bom, doce, muito amável, bem instruído
Portador	Processo Relacional	Atributo

Neste exemplo, tem-se um caso de Processo Relacional no qual se constata um novo trabalho de Del Priore em ofertar elementos que respaldem uma boa apreciação da personagem masculina de sua obra. O verbo de ligação "Ser" está justamente atando o Portador a nada mais nada menos que sete atributos. Com um rol de tão bons elementos qualificadores, não se esquivia a consciência de que tem-se aqui uma avaliação apreciativa da autora na construção de seu protagonista aos olhos do leitor.

Ex.10.: Era o dia 28 de Abril de 1842 e ele[Gastão] foi batizado como Luís Filipe Maria Fernando Gastão. Era um Orléans e Saxe-Coburgo-Gotha (capítulo 2, p.37)

[Gastão]	Era	Um Orléans Saxe-Coburgo e Gotha
Identificado	Processo Relacional	Atributo

³² O termo "Balzaquiana" ou "Mulher Balzaquiana" provém da repercussão ao livro *A Mulher de 30 Anos*, publicado na década de 1930, escrito por Honoré du Balzac. A personagem principal da obra, Júlia d'Àiglemont, é uma mulher de 30 anos que busca um novo fôlego para sua vida imersa em desconfortos domésticos e tédio conjugal.

Agora, tem-se no exemplo logo acima um novo caso em que o Processo Relacional é atributivo, pois constrói-se a partir da exposição de atributos. Mary del Priore expõe a linhagem de Gastão através deste enunciado que tem no sujeito o Identificado e no predicado um Identificador, alinhavados pelo verbo de ligação que configura o processo em questão.

Ex.11.: Mas, apesar de [D. Isabel] ser declarada futura imperatriz, sua vida nada mudou. Vivia enclausurada. (capítulo 2, p.50)

Apesar de [D.Isabel]	ser	Declarada futura imperatriz
Identificado	Processo Relacional	Identificador

Este caso exemplifica, novamente, o Processo Relacional em sua modalidade identificadora, pois observa-se o verbo "Ser" estabelecendo um elo entre o sujeito Identificado e o predicativo Identificador. Isabel não era qualquer Isabel, ela era a futura imperatriz do Brasil e isto mais do que um atributo ou uma qualidade, vinha arraigado a sua condição de filha do Imperador Dom Pedro II. Sua situação de herdeira a identificava no mundo. Diferentemente de seu esposo, que era neto de um rei destronado e que tinha que lutar em exércitos de outras nações para provar seu valor, D. Isabel era a continuidade de um regime, de Estado, de uma Dinastia, de um Império, pois, como afirma a própria biógrafa em mais um exemplo de Processo Relacional: "Isabel *tinha* um lugar legítimo" (capítulo 4, p.86 - grifo do autor).

Ex.12.: Só a Virgem Maria, de quem Isabel era devota, concebeu sem homem e não sofreu ao dar à luz (capítulo 7, p.173)

Isabel	Era	Devota
Identificado	Processo Relacional	Identificador

Uma das relações mais recorrentes no texto atreladas à Princesa Isabel é a que estabelece sua personalidade. Um elemento identificador constante na obra de Mary del Priore é a ênfase na religiosidade de D. Isabel e no quanto que isto influenciava na visão que a sociedade tinha da mesma. No exemplo acima, tem-se um enunciado bastante curto, direto e expresso. O verbo "Ser" liga Isabel à devoção que lhe era característica inexorável. Como será verificado mais à frente nesta **Seção II**, foram identificados três lexemas com significado religioso usados pela biógrafa para fazer menção à princesa: carola, beata e católica.

Ex.13.: Se antes, na *Semana Ilustrada*, Isabel era "dotada de graça e inteligência naturais", passou a "criatura histérica, fanática e pouco inteligente, nas páginas da *Gazeta da Tarde*. (capítulo 10, p.237)

Isabel	Era	"dotada de graça e inteligência naturais"
Portador	Processo Relacional	Atributo

Algumas passagens vão tratar da imagem da princesa, da sua fisiologia e fisionomia, quase sempre acompanhadas de certa noção comportamental. Como hábito da época, as mulheres da sociedade de Isabel tinham o dever da graça, da beleza e das artes. No exemplo apresentado há pouco, tem-se justamente um juízo de valor publicado na revista *Semana Ilustrada* e nele D. Isabel tem atribuídos a ela "graça e inteligência naturais", dotes ou dons que eram valiosos às moças da sociedade burguesa e à nobreza e à realeza. Contudo, Mary del Priore traz, pouco depois das ofertas desta Avaliação de Apreço contida no Processo Relacional Atributivo um outro nada positivo: [Isabel] passou a ser "criatura histérica, fanática e pouco inteligente" (capítulo 10, p.237).

Com isto, verifica-se que os Processos Relacionais acabam por atuar decisivamente na construção de identidades e de identificações de Isabel e Gastão ao longo da obra. Por meio de processos realizados em orações atributivas e/ou orações identificativas, Mary del Priore produz para o seu leitor uma imagem permeada de classificações, qualidades, atributos, especificidades, especialidades e caracterizações de modo a ofertar uma leitura, um ponto de vista sobre seus protagonistas.

- **Processos Comportamentais**

Através dos Processos Comportamentais, o Sistema de Transitividade traz à baila as experiências humanas que aliam o “pensar” com os "Estados de Agir". Portanto, através das realizações enunciativas enquadradas neste tipo de processo, é possível acessar as construções de comportamento e personalidade que Mary del Priore oferta ao seu leitor quanto às identidades das personagens principais de sua obra.

Também nos Processos Comportamentais, Gastão de Orléans supera a esposa no número de ocorrências, conforme Tabela 10. Com uma diferença de 22 casos, o príncipe é representado como o Comportante de 80 processos ao passo que sua esposa é representada em somente 58. Com isto, tem-se ratificada a leitura quanto ao comportamento da autora frente à personagem masculina. Del Priore parece buscar de todas as formas tornar mais palpável a desconhecida identidade do Príncipe Consorte do Brasil que nunca viu a esposa ou o filho reinarem.

Ex.17.: O clã passou os últimos anos no Castelo emprestado pela Rainha Vitória. Ali, Gastão riu e chorou: brincou nos parques e enterrou a mãe e o avô (capítulo 1, p.10)

Ali	Gastão	Riu e chorou
------------	---------------	---------------------

Circunstância de Lugar	Comportante	Processo Comportamental
------------------------	-------------	-------------------------

A figura de Gastão, através deste exemplo, é apresentada ao leitor logo no início da biografia, como uma pessoa normal, sem as amarras preconizadas ao seu gênero. Mary del Priore explicita um comportamento do jovem príncipe que quebra com uma das máximas da cultura familiar da Casa de Orléans: seus homens eram educados sob o colosso do “militar viril” (capítulo I, página 10). Além disto, fica evidente que a vida do consorte da Princesa Isabel não foi um mar de rosas, mas uma trajetória cheia de alegrias e de tristezas também – marcadas pelos Processos “Rir” e “Chorar”, os quais também esboça avaliações da personagem em relação aos fatos experienciados. Ao contrário da esposa que teve uma infância protegida da maioria dos infortúnios da vida graças aos muros do Paço de São Cristóvão, Gastão de Orléans é introduzido na biografia como um rapaz que, com menos de 20 anos de idade, sofreu o exílio pátrio, a perda da mãe, a separação da família por casamentos entre reinos e as glórias e os dramas de diversas campanhas militares.

Ex.18: Ele [Gastão] assumia plenamente o papel que se esperava de um marido: superioridade absoluta no lar (capítulo 3, p.70)

Ele [Gastão]	Assumia	plenamente	O papel que se esperava de um marido
Comportante	Processo Comportamental	Circunstância	Fenômeno

Em mais uma passagem, observa-se o uso do Processo Comportamental para esboçar uma imagem de Gastão de Orléans como um sujeito de valor e de valores. Aqui, o príncipe é o Comportante de um comportamento que lhe era expectado pelos brasileiros: o bom *Consorte*. Através do Fenômeno, atribui-se ao Participante a qualidade de ser "um bom marido", de atender aos protótipos de uma sociedade que ainda respirava os ares do Romantismo.

Ex.19.: Isabel não perdeu tempo e apontou as contradições (capítulo 4, p.103)

Isabel	não	Perdeu	Tempo	e	Apontou	As contradições
Ator/ Comportante	Partícula de negação	Processo material	Meta	-	Processo Comportamental	Fenômeno

O exemplo acima vai apresentar um Processo Comportamental instanciado em uma oração hipotática, a qual é subsequente a um Processo Material, em que se têm ambas vinculadas ao mesmo Ator através do elo produzido pela conjunção aditiva “e”. Por isto, o lexema "Isabel" é tanto Ator (Processo Material) quanto Comportante (Processo Comportamental). Salta às vistas, entretanto, verificar que a autora confere a D. Isabel um

comportamento mais ativo, mais proativo, depois de diversas outras passagens nas quais a princesa é concebida como alguém de pouca atitude e quase nenhum engajamento senão nas causas votivas. Neste episódio, Dona Isabel questiona ao pai a repentina mudança de comportamento do Conselho de Ministros acerca da condução da Guerra do Paraguai – notadamente em função dos reflexos desta mudança sobre Gastão de Orléans, que seria nomeado General do Exército Brasileiro e assumiria a campanha em lugar do Duque de Caxias.

Ex.20.: [D.Isabel] trombava com o Imperador, que respondeu ao genro: “não!” (capítulo 5, p.116)

[D. Isabel]	trombava	com o Imperador
Comportante	Processo Comportamental	Fenômeno

Por sua vez, neste caso, tem-se a autora revelando uma postura mais assertiva de Isabel acerca de um posicionamento pessoal. Aqui, a princesa (Comportante) apresenta um comportamento adversativo à opinião do pai (Fenômeno). Ao afirmar que ela "Trombava" com D. Pedro II, Mary del Priore confere uma atitude expressa da princesa, uma posição mais firme do que costumeiramente a obra atrela a sua protagonista feminina – outro exemplo de exceções à imagem pouco agentiva que a Princesa traz no conjunto da obra. Refletindo acerca do verbo *Trombar*, chega-se ao imaginário popular com a expressão "*criar tromba*" que significa uma implicância, uma birra, uma espécie de "estado de antipatia". Justamente por isto, o verbo acaba sendo situado nos Processos Comportamentais dentro da Gramática da Experiência, pois não é apenas uma ação material ou somente um "Estado de Ser", mas sim um posicionamento que é tanto psicológico quanto fisiológico (MOREIRA, 2015).

- **Processos Verbais**

Os Processos Verbais são aqueles em que se verificam as vozes diretas, as manifestações discursivas de sujeitos em ações que evidenciam "relações simbólicas construídas na mente e expressas em forma de linguagem" (FURTADO DA CUNHA & SOUZA, 2007, p.59). Sendo assim, estes processos haverão de revelar os espaços e os tratamentos realizados por Mary del Priore para as vozes da Princesa Isabel e do Príncipe Gastão ao longo de sua obra cuja intenção é a de, enfim, revelar a vida doméstica e íntima do casal para o público brasileiro.

A contabilização dos Processos Verbais existentes em "O Castelo de Papel", vista na Tabela 11, atrelados às figuras da Princesa Isabel e do Conde d'Eu, assim como ocorreu nos demais processos analisados ao longo deste **Tópico I**, assinalou a diferente proporção

existente entre os espaços dedicados para cada uma das duas personagens protagonistas da obra. É visível a preponderância de atenção ofertada pela autora para a personagem masculina em detrimento da feminina. Gastão de Orléans consta como o Dizente de 84 Processos Verbais e D. Isabel ocupa a mesma posição interlocutória em tão somente 41 casos.

Percebe-se, portanto, que o espaço dado a voz da princesa é inferior à metade do que foi dedicado ao Conde d'Eu. Isto pode ser interpretado de diversas formas. Uma delas é a de que a autora deixou a personagem menos conhecida do público, Gastão de Orléans, falar mais por si, dar a saber de si através de suas próprias palavras, em um discurso direto orientado pela 1ª Pessoa Gramatical. Neste raciocínio, a Princesa Isabel, muito familiar a todos os brasileiros, recebeu um tratamento discursivo mais reportado, indireto, pelo qual a autora falou por Isabel ou trouxe a voz de outrem para da princesa ofertarem notas. Contudo, também pode-se concluir que a notável disparidade de casos de Processos Verbais entre as personagens reflita um certo apagamento da voz dessa protagonista feminina³³. Fica a cargo do leitor mais atento tirar suas conclusões concernentes a esta "exclusão" das palavras da própria princesa.

Ex.21.: [Gastão] disse a todos que a guerra iria durar anos e que por isso precisava de uma licença de três meses. (capítulo 5, p.118)

Gastão	disse	a todos	que	a guerra	Iria	durar anos
Dizente	Processo Verbal	Receptor	-	Ator	Processo Material	Meta

O Processo Verbal apresentado acima traz o mais conhecido dos chamados Verbos *Dicendi*. O próprio termo cunhado para nomear o conjunto dos verbos que anunciam ou marca linguisticamente a fala de alguém deriva deste verbo "Dizer". O fato é que o exemplo, embora oferte um exemplo clássico de Processo Verbal, acaba por ser mais interessante ao ser observado atrelado à Oração Projeta que o segue, edificada sobre um Processo Material. A despeito do que afirmavam os conselheiros do Império, ao tomar parte no alto escalão do Exército Brasileiro a fim de tomar a sua frente na Guerra do Paraguai, Gastão (Dizente) expõe sua visão do conflito, permeada pela experiência militar que obteve na Europa, e contraria os ministros (Receptor) ao verbalizar (Processo Verbal) sua descrença que a guerra (Ator) iria (Processo Material) solucionar-se rápida e "indolor".

³³ Vale salientar que é a personagem masculina quem abre e quem fecha a obra. O primeiro capítulo da biografia fala de um jovem rapaz a mirar o horizonte pela janela de um hotel. O último capítulo, por sua vez, se encerra com o falecimento do conde d'Eu a bordo do navio que o traria regresso ao Brasil e fecha a narrativa com a transladação dos corpos para a Cripta Imperial, na Catedral de Petrópolis, em 1971.

Ex.22.: (...) “e Vossa Excelência não quer que sejam os fornecedores”, [Gastão] esbravejava com Rio Branco (capítulo 5, p.116)

[Gastão]	esbravejava	com Rio Branco
Dizente	Processo Verbal	Receptor

Em mais este caso, o Processo Verbal vem marcado por um verbo cuja essência é comumente atrelada à um acesso de fúria que culmina na vociferação de palavras com ou sem sentido. Naturalmente, sua classificação tenderia para um Processo Comportamental, pois teria uma base psicológica o tanto quanto fisiológica, como defende Moreira (2015) serem tais processos. Todavia, em analisando a extensão do processo em glosa, verifica-se que há uma fala direta do príncipe dirigida ao nobre Ministro de Estado: "'Alguém há de ser responsável perante Deus e o Brasil de tantas desgraças. E Vossa Excelência não quer que sejam os fornecedores', [Gastão] esbravejava com Rio Branco". Desta forma, Mary del Priore assinala o tom de indignação do conde d'Eu para com a postura do ministro através de uma interpretação de sua atitude marcada no Processo Verbal: ao invés de assinalar que Gastão "afirmou" ou "contestou", a autora parte para o uso de um verbo que denota algum descontrole emocional de Gastão - "Esbravejar". O que deve ficar claro, porém, é que a classificação aqui ofertada ao verbo que materializa o Processo Verbal se dá em virtude de ele atuar no discurso, no enunciado apresentado na obra, como um marcador enunciativo da personagem mais do que propriamente uma demarcação linguística de um estado de espírito. Questões como esta são de nodal importância, pois ratificam a validade de estudos que têm por base uma compreensão funcional dos usos da linguagem, superando a mera etimologia lexical e as prescrições normativas atribuídas à língua.

Outro ponto que vale a pena frisar neste exemplo é que, mais uma vez, vê-se a postura proativa de Gastão de Orléans quanto aos rumos políticos do Brasil, o que mais uma vez quebra com o discurso levantado por Mary de Priore sobre ser o conde d'Eu desinteressado e esquivo aos assuntos de Estado (p.124).

Ex.24.: "Mas que vida a de Paris", dizia ela [Isabel] ao sogro (capítulo 6, p.145)

"mais que vida a de Paris"	Dizia	ela [Isabel]	ao sogro
Verbiagem	Processo Verbal	Dizente	Receptor

Dona Isabel aqui é o Participante do Processo Verbal, assumindo a posição, portanto, de Dizente. A princesa vai expor ao seu sogro, o Duque de *Nemours*, Príncipe de Orléans, o quanto ficou excitada pela euforia social que encontrou em Paris. A Verbiagem aqui vem para conflitar com a imagem da Princesa Herdeira como sendo uma beata ultramontana. O

comportamento sóbrio, severo e, quiçá, maçante era um diálogo direto com o temperamento do Imperador Dom Pedro II e com as reservas e excessiva discricção da Imperatriz Teresa Cristina. Ainda que Isabel fosse igualmente religiosa e fervorosa quanto ao culto católico, em diversas passagens – e nesta através da voz da própria biografada – a biógrafa revela o quanto a Redentora era fã de eventos sociais, visitas, passeios, quermesses, concertos, paradas e *shopping*, como pode ser visto ao longo de toda a página 145. Gastão, por sua vez, é descrito como tendo um temperamento mais avesso a regularidade deste tipo de programação social.

Ex.25.: “Meu papai, porque não me escreve mais?”, [Isabel] perguntava qual criança (capítulo 7,p.163)

[Isabel]	perguntava	qual criança
Dizente	Processo Verbal	Circunstância

No caso exposto acima, tem-se a autora elucidando uma Circunstância que acaba por qualificar o Dizente. Observe-se que a Dizente profere um questionamento, o que desde já configuraria um Processo Verbal genuíno, pois trata-se de uma projeção direta da "voz" do Dizente (MOREIRA, 2015, p.46), mas a forma de realização deste ato é elucidada através do comparativo "qual criança". É possível concluir que a autora busca conduzir o leitor à interpretar que D. Isabel agia com alguma forma de "infantilização" de si mesma como método de sensibilizar o seu interlocutor. Noutras palavras, parece que del Priore quis esboçar uma atitude verbal da princesa marcada pela "manha" ou "dengo" ou "choramingo". Outras passagens vem a edificar um quadro de fraqueza da princesa, corroborando com a ideia de uma pessoa fraca, como visto nos processos "[Isabel] desabafava" (capítulo 9, p.211) e em "[Isabel] queixava-se a Gastão" (capítulo 10, p.254), além de em "Gemia a esposa [D.Isabel]" (capítulo 5, p.115) e em "Desabafou Isabel" (capítulo 6, p.143). Todos estes Processos Verbais acabam por evidenciar que a "voz" de Dona Isabel é trazida para o texto da biógrafa com fortes marcações de apreço, através da atribuição de qualidades aos marcadores *Dicendi* realizada pela seleção lexical (*Desabafar – Queixar – Gerner*).

CONCLUSÃO DO TÓPICO I

Por todo o exposto ao longo deste **Tópico I**, pode-se concluir que o modo como se enuncia, a organização do texto, a seleção das palavras, dos fatos e sua ordenação no tempo e no espaço, a decisão acerca das vozes e das pessoas (se em discurso direto em 1ª Pessoa ou reportado em 3ª Pessoa), além das composições de cada contexto interno (da narrativa) somados ao contexto externo (da obra biográfica, sua leitura, sua proposta, sua autora, seu público alvo *etc.*) interferem na edificação das personagens e nos efeitos de sentido realizados

na contação de suas vidas. Nestes termos, é salutar a análise dos Processos realizados através do Sistema de Transitividade (ST) a fim de que se obtenha uma visão holística do processo de construção da narrativa, das personagens e das induções que a autora vai lançando sobre o texto com vistas a nortear a interpretação de seu leitor.

Os seis processos contemplados pela Gramática da Experiência vêm para dar sustentação à análise realizada quanto ao conteúdo do enunciado, o discurso, haja vista que oferta bases provenientes da língua, orientando-se pela sintaxe, pelo léxico, pelo registro, pelo gênero dentre outros elementos composicionais do enunciado – ainda que apenas 5 Processos tenham efetivamente corporificado as análises. Com isto, tem-se uma compreensão do trabalho de linguagem realizado pela autora com fins à construção das suas personagens e à concretização de um discurso que organiza um ponto de vista acerca da Princesa Isabel e do com d'Eu para o consumo de um público leitor.

Doravante, no **Tópico II**, serão trabalhadas as formas pelas quais a autora se refere diretamente aos seus protagonistas, em uma investigação mais pautada pela léxico-gramática e que, também, haverá de fornecer pistas para as posições sociais que Mary del Priore lança sobre suas personagens feminina e masculina.

2.2. PAPÉIS SOCIAIS DE FEMININO E MASCULINO EM "O CASTELO DE PAPEL"

Uma estratégia para acessar a visão exercida pelo biógrafo sobre o biografado é por meio dos enquadramentos realizados por aquele através das referências nominais (grupos nominais) de que faz uso para mencionar seu objeto do dizer. Com base nisso, neste tópico serão analisados as escolhas léxico-gramaticais exercidos por Mary del Priore para se referir a D. Isabel e ao conde d'Eu. Segundo esta investigação, serão atingidos os principais lugares sociais direcionados a ambas as personagens pela sua autora, sendo possível também discutir acerca das questões de gênero atreladas a tais lugares e aos papéis sociais que cada lugar oferta para o indivíduo feminino e para o masculino.

- **A Princesa Isabel**

Através de uma contabilização realizada por meio da ferramenta de busca textual disponibilizada pelo *software "PDF Reader"*³⁴, foi possível atingir um quantitativo dos grupos nominais apresentados como referenciadores na obra. Na medida em que um determinado

³⁴ Para a investigação acerca dos itens lexicogramaticais acionados por Mary del Priore para destacar o lugar social de suas personagens ("Marido", "Mulher", "Regente", "Consorte" etc.), o uso de uma ferramenta de busca como o PDF Reader mostrou-se cabível e de importante colaboração na identificação quantitativa dos termos.

termo emergência no texto para fazer menção a princesa ou ao príncipe, uma busca por mais casos deste termo era realizada. Ao final de toda a biografia, foi possível levantar um quadro quantitativo salutar à análise qualitativa dos dados encontrados. Após isso, os grupos nominais foram agrupados em virtude de pertencerem a um determinado campo semântico ou denotarem uma esfera social específica.

Apresentando os dados apurados, tem-se para Dona Isabel o seguinte quantitativo concernente às formas nominais usadas para mencioná-la, apresentados em ordem alfabética:

Referente	Quantitativo	Referente	Quantitativo
Alteza	15	Imperatriz	11
Beata	4	Isabel	348
Carola	2	Mãe	10
Católica	2	Mulher	13
Condessa d'Eu	4	Princesa	157
Dona de casa	9	Princesa Herdeira	7
Esposa	16	Redentora	9
Filha	56	Regente	14
Filhinha	7	-	-

Tabela 13 - Quantitativo Referencial de Isabel em "O Castelo de Papel"

A tabela acima expõe as escolhas léxico-gramaticais de que se utilizou Mary del Priore para fazer menção à Princesa Isabel ao longo de sua obra. O nome "Isabel" certamente estaria no topo da apuração, haja vista que é preciso manter sempre clareza acerca de quem se fala e, em se tratando de uma biografia, a personagem precisa estar sempre sendo retomada pelo seu Referentemais expressivo – seu nome. Os demais casos podem ser organizados de acordo com o grupo e a posição social em que alocam a princesa.

No âmbito religioso, tem-se oito casos diretos, somando-se as ocorrências dos termos "Beata", "Carola" e "Católica". Contudo, em algumas passagens, outros referentes, como "Mulher" e "Mãe" são introduzidos em contextos de religiosidade, como no excerto edificado sobre Processos Relacionais "A cultura católica acreditava que a maternidade era um valor. Associava a mãe à Maria. A mãe era o 'altar', o 'amor sem limites', a capacidade de suportar todas as dores" (p.67). A religiosidade de D. Isabel é apresentada sob três lentes, sendo que a primeira é a condição inerente à sua criação, nos moldes da tradição católica dos Bourbon-Sicília, família da mãe da princesa; a segunda trata da busca por conforto e resignação, vista principalmente nas passagens que tratam do problema de fertilidade e da perda dos três filhos (um por aborto espontâneo, um natimorto e um vítima de combate na Primeira Guerra Mundial); e a terceira é mais crítica, pois tem o viés político que colocava Dona Isabel na

mira dos políticos liberais do Império que a acusavam de ser subserviente à Roma e de pôr a soberania nacional em risco com suas "carolices".

No tocante à uma expressão mais asseverada da condição de gênero da princesa, tem-se 111 ocorrências cujo quantitativo decorre da reunião dos casos referenciais através dos lexemas "Dona de Casa", "Esposa", "Filha", "Filhinha", "Mãe" e "Mulher". Neste grupo, verifica-se a posição de Dona Isabel enquanto sujeito feminino, enquanto "segundo sexo"³⁵. Ser uma dona de casa era inalienável às mulheres burguesas da sociedade ocidental no século XIX. Ainda que fosse uma aristocrata, Isabel era certamente acometida pelo desejo e pela fantasia de ser "senhora do lar", haja vista a orientação cultural que recebera dos pais e dos preceptores e das próprias vivências que obteve ao longo das suas experiências na Europa, como é repetidamente exposto na biografia. Mais do que isso, ser "Filha", "Filhinha" e "Mulher" não aponta somente para uma posição familiar, mas certamente uma condição dentro da família e dentro da sociedade. Ser filha ao invés de filho significava uma série de restrições e de comprometimentos atrelados ao gênero. A biografia deixa isto bem claro. Ao gênero masculino, os pais empenhavam uma educação baseada em valores muito mais proativos e accionais:

Tinha a ver com o modelo de educação que se exigia, então, dos jovens membros da nobreza: o do militar viril. A valorização da honra ao longo das guerras revolucionárias, as vitórias de Napoleão, tudo isso fazia dos soldados os depositários de um sentimento que era a divisa da Legião de Honra, a mais alta condecoração da França: "Honra e Pátria" (DEL PRIORE, 2013, p.10).

Observa-se, contudo, que o expectado para o gênero feminino em muito é díspar dessa realidade de virilidade, força, autocontrole, bravura e predisposição ao comando. Vê-se que o que era ensinado e pretendido às moças bem educadas de então aparece no texto de del Priore nas palavras da Condessa de Barral ao apresentar Isabel como uma pessoa "obediente e dócil, como se esperava que fossem todas as filhas. Mas há também expressões pejorativas, como 'Gorda', e outros atributos do *bom exemplar do gênero*: 'bondosa' e dona de 'candura angelical'"(2013, p.45). Estas compunham parte da visão que se tinha da mulher na sociedade e na estrutura familiar. São as "qualidades" descritas por Barral as ofertadas pela biógrafa para levar ao seu leitor a imagem de que D. Isabel eram uma mulher, uma filha e uma esposa de valor substancial.

³⁵ A expressão "segundo sexo" é uma tradução da alcunha realizada por Simone de Beauvoir e utilizada como título do seu livro *Le Deuxième Sexe*, lançado em 1949. O texto da famosa feminista francesa é orientado à exposição e ao debate da situação da mulher na sociedade, ao passo que analisa a condição feminina nas esferas sexual, psicológica, social e política.

Vinculados à situação de "Esposa" estão as ocorrências marcadoras de *Consorte*. Havendo se casado com Gastão de Orléans, o qual detinha o título honorífico nobilitário de Conde d'Eu, a princesa assumiu esta primazia do marido, tornando-se Condessa d'Eu. Essa referência aparece no texto em apenas 4 casos. É válido pensar que os brasileiros não atrelavam à imagem de Dona Isabel este título, pois era uma dignidade estrangeira. O termo ganha força somente após o exílio, quando a princesa passa a assinar o título do marido. Desta forma, "Condessa d'Eu" é tanto um referente que assinalava uma condição sponsal, pois ela assume a dignidade do marido, quanto política, pois oferta uma posição de Isabel dentro do contexto de exílio, haja vista que passou a maior parte dos anos seguintes a 1889 na França - país onde a família de Gastão tinha força política.

Em se tratando da posição política de Dona Isabel, somaram-se 204 casos levantados através da reunião das ocorrências dos referentes nominais "Alteza", "Imperatriz", "Princesa", "Princesa Herdeira" e "Regente". Nestes casos, tem-se uma situação política que é decorrente, na verdade, da posição familiar de Isabel, pois ela era princesa por ser filha dos imperadores D. Pedro II e D. Teresa Cristina, assim como era herdeira por ser a primogênita - mesma razão pela qual era referenciada, em alguns casos, como futura imperatriz. Sua condição de alteza era decorrente de pertencer à realeza, graças, também, à sua progeneritura. Sendo a herdeira política de seu pai, a Princesa Isabel era a substituta direta do imperador em caso de ausência do mesmo, o que a fez assumir três regências e receber o título de regente. Contudo, está no termo "Redentora" um diferencial. Este faz menção ao protagonismo de Isabel frente à decisão da Abolição da Escravatura no Brasil. Ainda que não seja consensual a imagem da princesa como uma abolicionista de ação ou mesmo de ter tomado uma posição enfática no movimento abolicionista brasileiro, coube a ela a ação de representar toda a Família Imperial na hora de decidir pelo sim ou pelo não. Isabel assinou a Lei Áurea e entrou para a história como "A Redentora", graças ao batismo de José do Patrocínio e às aclamações populares.

- **O Príncipe Gastão**

Por sua vez, Gastão de Orléans tem consideravelmente menos referentes nominais para fazer-lhe menção na obra de Mary del Priore. Ao contrário de Isabel, que conta com 17 referentes, o príncipe é referenciado por apenas 9, a saber:

Referente	Quantitativo	Referente	Quantitativo
Conde d'Eu	37	Filho	7
Consorte	7	Gastão	408
Esposo	9	Marido	63

Estrangeiro	4	Príncipe	147
Francês	3	-	-

Tabela 14 - Quantitativo Referencial de Gastão em "O Castelo de Papel"

Há de se inicialmente perceber que Gastão conta com 685 referências diretas no texto de Mary del Priore, ao passo que Dona Isabel conta com 684. Pela primeira vez, verifica-se um equilíbrio entre os dados quantitativos coletados da fonte "O Castelo de Papel" acerca das personagens feminina e masculina que protagonizam a obra – ainda que o príncipe ainda esteja na frente da esposa.

Sem referentes expressos a sua condição de gênero, o príncipe não é identificação pela autora ao longo de sua narrativa como "Homem", "Pai" ou "Dono de Casa", por exemplo. Até mesmo as referências a sua posição familiar sofrem diferenciado tratamento. Ao contrário do que faz del Priore ao trazer a voz de Dom Pedro II para chamar Isabel de "Filhinha", um diminutivo que pode simbolizar uma fragilidade, uma fraqueza ou pequenez, não se vê o Duque de Nemours tratar o filho com diminutivos ou com qualquer tipo de Referente que atente para uma demonstração de carinho protetor, aninhador. Gastão é referenciado pelo termo "Filho" 7 vezes, muito menos que a Princesa Isabel, pois o príncipe tem mais destacadas as suas condições intrínsecas: "Gastão", "Príncipe" e "Conde d'Eu". Bem verdade, porém, era a exigência de Nemours que o filho "faça teu dever e jamais esqueça o nome que carrega" (p.13). A Gastão era urgente atender às expectativas do pai e dos tios de que fosse um Orléans de combate, de "Honra e Glória" (p.10).

Assim, encontram-se categorias diferentes para Gastão. Não se identifica um processo referencial ao príncipe encabeçado pela sua fé, por exemplo, como visto para Isabel ("Beata", "Religiosa", "Católica"), ainda que o texto deixe claro que ele era igualmente um fervoroso - "Gastão não perdia a missa" (p.15; p.17). Contudo, no atinente à situação familiar de Gastão, encontram-se os seguintes referentes nominais "Filho", "Marido" e "Esposo". Estes casos somam 79 e apontam para uma figura discursivamente construída com acento apreciativo bastante distinto do dado à Isabel. Para ela, ser filha, esposa e mulher significava a obediência (p.45), mas para Gastão, ser filho e esposo era um exercício de virtude outras: "é alto, físico modesto e reparado, e veste com desenvoltura o uniforme (...). Monta bem, cavalga com graça sobre o cavalo e parece possuir grande severidade e firmeza" (p.12). Além disto, era reconhecidamente instruído, pois "conhecia os clássicos em francês e latim, gramáticas, prosa e poesia. Também história e geografia com ênfase na antiguidade greco-romana" (p.40). Portanto, Gastão é ilustrado na obra como um homem que contém consigo virtudes que deixariam qualquer pai orgulhoso e mulher feliz e honrada. Era "forte, belo moço, bom, doce,

muito amável, bem instruído e, além disto, tem uma pequena fama como militar" (p.23). Já a princesa, como visto, é apresentada com bem menos entusiasmo, menos descrição e menos passagens ilustrativas, estando inclusos poucos depoimentos a seu favor: sobre os estudos, por exemplo, del Priore frisa que D. Isabel "fugia, inventando resfriados, mãos geladas ou "dores de ar" (p.46), além de categoricamente afirmar, sem esclarecer suas provas para tal, que "a princesa não absorvia todos os conteúdos".

Portanto, Gastão tinha no pai o vetor de propulsão de sua instrução e formação intelectual, militar e aristocrática, mas Isabel estava fadada a ter eu seu progenitor um outro cenário, pois "D. Pedro não parecia convencido de que as mulheres pudessem exercer esse ofício. Embora valorizasse a sua filha, parecia incapaz de aceitá-la como sua sucessora" (p.46).

Outro ponto sensível em relação a Isabel e a Gastão é a condição de *Consorte*. Em virtude das questões de gênero, esta situação compartilhada pelo casal acaba por trazer a cada um significados diferenciados. Como já visto, no tratamento dos referentes nominais utilizados por del Priore para a princesa, o termo *Consorte* atrela à Isabel a condição de esposa, de receptora das dignidades nobiliárias do marido. Por sua vez, por ser Isabel a Princesa Herdeira e futura Imperatriz, Gastão era reconhecido futuro Príncipe Consorte e Imperador Consorte, aquele que detém o título honorário, mas não exerce quaisquer funções de fato atreladas à esta posição. Ou seja, Gastão era um *Consorte* por receber o título de sua esposa quando esta ascendesse à imperatriz, mas era efetivamente Conde d'Eu, Príncipe de Orléans e Príncipe da França. Detinha consigo o privilégio de deter por si só, por sua condição de gênero reforçada pela Lei Sállica³⁶, título e posição político-sociais de fato, as quais a sua esposa recebia em função da extensão honorífica proporcionada pelo matrimônio. Por ser mulher, Isabel só podia transmitir dignidades *de Jure*³⁷, mas não de fato. Esta é uma prerrogativa masculina na realeza do século XIX.

³⁶ A Lei Sállica, originalmente *Lex Salica*, é um código legal oriundo do reinado de Clóvis I dos Francos, no século V. O mesmo dava conta de questões de herança e sucessão patrimonial. Ao longo dos séculos, teve sua aplicação estendida para diversos outros assuntos relacionados à transmissão de bens e dignidades sucessórias. No século XIV, a Lei Sállica teve sua aplicação inserida no contexto sucessório do Trono Francês. Aliada à Sucessão Agnática e à Primogenitura Masculina, a Lei Sállica partiu da França para diversos outros países ditando as regras da sucessão e da transmissão de dignidades nobiliárias, heráldicas e dinásticas, observando a primazia do masculino sobre o feminino nas ordens/linhas de sucessão. Mais informações podem ser obtidas na seguinte obra: VIENNOT, Éliane. *La France, les femmes et le pouvoir - L'invention de la loi salique (V-XVI^e siècle)*, Volume 1, Éditeur Perrin, 2006.

³⁷ O termo *de Jure* vem do direito latino para tratar daquilo que é um direito por força da lei, em oposição ao que é de Facto, que existe e é realizado efetivamente. Na nobiliarquia, um título de Jure é aquele que se detém por direito, presuntivamente (de nascimento "née" ou de matrimônio "Consorte"), enquanto que o título de Facto é o que é realmente exercido, reconhecimento e praticado

O referente "Conde d'Eu", por sua vez, aparece 37 vezes para mencionar o príncipe. Este título de Gastão denunciava ainda uma outra posição do protagonista masculino dentro do contexto histórico-social da narrativa: ele era francês. Os referentes nominais "Francês" e "Estrangeiro" contam, respectivamente, com 3 e 4 casos. Desta forma, são 44 os casos em que a autora Mary del Priore apresenta o príncipe como um não-brasileiro. Assim, por mais que Gastão tivesse por si a benesse de ser um "Príncipe" de berço, o que é registrado em 147 ocorrências de referentes nominais, o que era louvado pelos jornais e grandes nomes do Império, era pouco quando se pensava na sua nacionalidade e no temor de que o Brasil regressasse ao *status* de colônia de uma coroa europeia.

CONCLUSÃO DO TÓPICO II

A contabilização e a análise dos referentes usados por Mary del Priore ao longo de "O Castelo de Papel" permitem acessar as identificações que a autora vai promovendo ao longo da biografia, sendo tais referentes elementos consubstanciais para a construção das identidades de ambas as personagens aos olhos do leitor. Assim, verificou-se neste tópico quais as principais referências realizadas pela autora ao tratar dos protagonistas feminino e masculino, de modo a conhecer os locais e os papéis sociais que Isabel e Gastão desempenham ao longo do livro. Estes referentes nominais são escolhas realizadas pela autora no momento da construção de cada personagem e na projeção de uma identidade que seria "consumida" pelo público leitor. Portanto, as formas como a autora menciona suas personagens refletem escolhas da mesma, escolhas de como apresentar cada um, de onde situá-los na sociedade ("Marido" e "Mulher", "Filho" e "Filhinha", "Beata" e "Consorte" *etc.*), levando o seu leitor a conceber os papéis realizados por Isabel e Gastão como seus identificadores.

2.3. ISABEL E GASTÃO: AFETO, JULGAMENTO E APRECIÇÃO

A Avaliatividade, como elucida Vian Jr (2010, p.25), é um recurso semântico atrelado à realização discursiva no plano léxico-gramatical em que se observam as escolhas avaliativas feitas pelos interlocutores de modo a acessar às suas crenças, seus julgamentos, suas experiências de mundo, afetos, sensações e outros fatores pessoais e situacionais. Dessa

institucionalmente. Na realeza, um título *de Jure* é aquele que se tem por direito, mas não necessariamente se exerce (Como seria Gastão um Imperador Consorte de Jure) e um *de Facto* é um título que se porta e se exerce (Como era Gastão efetivamente Conde d'Eu). Mais informações podem ser obtidas em <http://www.almanachdegotha.org/>

forma, o Sistema de Avaliatividade (SA) busca dar conta dos pesos e valores apreciativos que permeiam os discursos, haja vista não serem quaisquer deles neutros e, portanto, trazerem consigo marcas de consenso e dissenso, valorização e desvalorização, apreciatividade positiva e negativa em diferenciados níveis a partir de quem realiza a avaliação.

Por meio do SA, será verificado como Mary del Priore expõe a sua posição frente aos diversos episódios narrados da vida de Gastão e Isabel, bem como ela avalia as figuras de suas personagens feminina e masculina principais, à luz do Contexto de Situação instanciado nas relações atreladas à Metafunção Interpessoal (WHITE E MARTIN, 2005, p.31 *apud* MOREIRA, 2015, p.51). É importante ressaltar que, de modo indireto, tal qual expõe Martin (2000 *apud* VIAN JR, 2011), a avaliatividade pode ser identificada por meio de apreciações implícitas ou explícitas. Ao longo da observação e da análise dos dados nos dois tópicos antecedentes a este, pode-se observar uma série de avaliações realizadas pela autora ao urdir seu texto. Em certos momentos, a biógrafa compunha enunciados que proporcionavam ao leitor experienciar o ponto de vista autoral sobre o que estava sendo narrado. Na página 46, por exemplo, del Priore afirma que D. Isabel "fugia, inventando resfriados, mãos geladas ou 'dores de ar'", de maneira que a autora disponibiliza uma visão da princesa como uma moça preguiçosa e que, apesar de temer a Deus, era facilmente capaz de mentir para fugir dos afazeres para os quais não tinha interesse. O Processo Material ali exposto traz Isabel como Ator e "Fugir" como Processo Material Transformativo, uma vez que implica uma mudança de estado de fugir ou não fugir, mas note-se que há toda uma complementação, introduzindo o comportamento circunstancial da personagem no ato de realizar a tal fuga ludibriadora, marcado segundo uma Oração Projetada com valor de Processo Mental (Inventar). Nessa Perspectiva, Mary del Priore traz um Processo Material que é, por si só, um enunciado com Significado Atitudinal (ALMEIDA, 2011, p.99 *apud* VIAN JR, 2011), à luz de um Julgamento que enuncia uma avaliação ética (MOREIRA, 2015, p.53).

Em outros casos, há, contudo, uma atitude linguística da autora a fim de retratar estados de espírito dos protagonistas, quase sempre realizados através de Processos Mentais ("Temer", "Crer", "Desgostar", "Renunciar") e Processos Relacionais ("Estar", "Ficar", "Ter", "Parecer"). Estes enunciados podem ser observados como escolhas autorais sobre que imagem passar de Dona Isabel e de Gastão de Orléans. Cabe ressaltar que isso não deve ser visto como um comportamento negativo ou mesmo positivo, mas parte de um trabalho biográfico de edificação de personalidades, de identidades e seus procedimentos de identificação. No excerto "'Tristeza' é a palavra que ele mais repete" (p.61), verifica-se o termo nominal Tristeza como objeto do Processo Repetir, mas oracionalmente disposto como

atributo relacionado, pois o Processo Relacional "Ser" o atrela a uma significação gerada "a partir dos 'estados de ser'" (EGGINS, 2004, p.237 *apud* MOREIRA, 2015, p.45). O que fica para o leitor, porém, é a noção de que naquele momento, à frente do exército espanhol, Gastão se sentia triste, um jovem desafortunado pelo dever da honra. Além do mais, a autora, noutros trechos, já havia construído esta imagem da juventude do príncipe: "Não podemos nos divertir" (p.41); "O horror que desenvolvi pela Espanha me tira todos os interesses" (p.17); "[Gastão] novamente sentia solidão, isolamento" (p.16). Há, portanto, uma avaliação atitudinal através das emoções, por meio de enunciados do domínio da interação do Afeto (MOREIRA, 2015, p.54).

No primeiro exemplo, a autora traz a voz de Gastão para dizer, através de um Processo Material, que ele não tinha momentos de lazer, descontração e alegria propositais. Ao explicitar "não podemos nos divertir", a autora evidencia que algo barrava a felicidade do príncipe naquela circunstância. Trata-se de um comentário apreciativo sobre a sua situação, construído tanto paralinguística quanto extralinguisticamente (VIAN JR et al, 2011), sendo uma expressão de sentimento resultante de uma emoção sentida, linguisticamente manifestada: tédio, empatia, tristeza. O segundo exemplo, traz uma avaliação negativa de Gastão sobre a Espanha, realizada através do Processo Mental em que consiste a expressão de "Horror". Mais do que um mero externar de relações afetivas, há a atitude apreciativa marcada pelo estado horrorizado, bem como o reflexo do Julgamento e sua consequência notada no Processo Material "me tira todos os interesses". Agora, em "Gastão sentia solidão, isolamento", compreende-se uma atitude da autora sobre a avaliação afetiva da personagem, pois é ela quem, por meio de um Processo Mental (Sentir), afirma que a personagem estava imbuída de emoções como "Solidão" e "Isolamento" - tomando-se aqui ambos como expressões linguísticas utilizadas hiperbolicamente pela biógrafa para incutir no leitor a imagem de um jovem Gastão desamparado, recolhido a si mesmo e sem apoio ou companhias.

Mas não apenas traços infelizes são apresentados pela autora. Ao longo da vida de Isabel e Gastão, são muitos os altos e baixos, os sorrisos e as lágrimas, não faltando à narrativa de del Priore a observação destes fatos. Em alguns momentos, contudo, expressões mais claras de vivificar sentimentos positivos trazem, por parte da autora, questões polêmicas atreladas, que, talvez, desmereçam o estado de contentamento das personagens: "Isabel exultava em colocar um fim à sua regência" (p.99). O Processo Comportamental contido em "Exultar" leva o leitor a uma imagem de uma Dona Isabel alegre e contente, contudo, a motivação é um tanto duvidosa, pois ressalta, como em casos já analisados nesta pesquisa,

uma visão da princesa como preguiçosa e alheia às questões do Estado. Como não há uma transcrição da própria voz da personagem, tudo é linguisticamente construído segundo a ótica da autora, a interpretação da mesma. Com isto, há uma atitude avaliativa autoral sobre a personagem: o estado exultante de D. Isabel é visto como uma atitude avaliativa de Afeto pela personagem ante a situação, mas as considerações atreladas a isto geram um olhar ético sobre a atitude da princesa, levando a um Julgamento do contexto motivador de sua alegria (MOREIRA, 2015).

Por sua vez, em "Estou muito feliz e tu também vais ficar, tenho certeza" (p.190), vê-se a voz da própria Princesa Isabel anunciando o seu estado emocional, em uma Atitude de Afeto, através de um Processo Relacional que utiliza de um elemento léxico-gramatical para atribuir uma qualidade nominalizada no grupo nominal (HOOD, 2004, p.76 apud VIAN JR et al, 2011, p.99). A Princesa atribui a si o estado de felicidade por meio do verbo "Estar", enquanto que assinala um futuro estado de felicidade, marcado pelo Processo Comportamental somado a uma Oração Projetada oculta (vais ficar + muito feliz). No trecho "Gastão arrancava os cabelos" (p.216), tem-se uma nova avaliação da autora sobre a condição emocional da personagem, o trabalho de linguagem ocorreu por meio de um Processo com Significado Atitudinal (VIAN JR et al, 2011, p.99): "arrancar" seria interpretado como um Processo Material, se analisado isoladamente. Contudo, a expressão "arrancar os cabelos" pode ser entendida como uma lexia complexa, a qual oferta um "estado de nervos" do sujeito, um comportamento que atrela tanto ações quanto sentimentos, emoções e sensações, portanto um Processo Comportamental (MOREIRA, 2015; SOUZA, 2006). A autora realizou um Julgamento da personagem.

A oração "A 'Redentora' tinha aberto a caixa de Pandora" contém um Processo Relacional marcado pelo verbo "Ter" em que se verifica a atribuição de uma atitude à Isabel. No plano discursivo, compreende-se que o complemento do verbo principal "Abrir" traz uma metáfora que, culturalmente, constitui um outro caso de lexia complexa, pois ao unir os substantivos "caixa" e "Pandora", tornando esta segunda um elemento qualitativo, atributivo (substantivo + adjetivo), passam a ter um significado particular: iniciar uma bagunça, uma confusão, um estado de consternação. Neste sentido, a avaliação traz um Julgamento, realizado por Significados Ideacionais, de modo que a autora deixa clara a sua opinião sobre o comportamento da personagem ao assinar a Lei Áurea. Noutra passagem, ao trazer um artigo de O Mequetrefe, Mary del Priore faz referencia ao texto da matéria, mas não a apresenta, tomando para si o espaço de verbalizar uma opinião sobre o conde d'Eu: "Gastão virou motivo de piadas e chacotas". Neste excerto, há uma Apreciação, em que a autora se utiliza de um

objeto (o jornal) para imprimir uma Atitude Avaliativa - e valorativa - sobre a personagem (MARTIN & ROSE, 2003, p.22 *apud* VIAN JR et al, 2011, p. 100). Mas, mais à frente, na mesma página, a autora decide trazer um discurso reportado para ofertar uma Atitude Avaliativa positiva sobre a mesma personagem masculina: "Gastão era ilustre consorte [...] com verdadeiro amor à nossa terra". Portanto, a autora faz uso da voz da *Semana Ilustrada* para elogiar, por meio de uma Processo Relacional com caráter atributivo, aliando uma Atitude de Julgamento (ilustre consorte) a uma Atitude de Afeto (com verdadeiro amor à nossa terra).

Ao realizar escolhas discursivas no seu processo narrativo, Mary del Priore imprime no seu texto uma série de posicionamentos que são não apenas do plano do discurso em si, mas que manifestam para e extralinguisticamente pontos de vista que estão além da própria obra, mas imersas nela. Quando opta por realizar avaliações com sua voz e quando o faz por meio de vozes terceiras, a autora está atuando por meio dos Modos de Representar textualmente questões do mundo físico e social, ao passo em que tece uma série de relações entre pessoas, fatos e o evento biográfico contido na narrativa e nas especificidades do gênero - atuando, assim, concomitantemente, segundo os Modos de Representar da teoria faircloughiana (MOREIRA, 2015, p.22).

No momento em que Mary del Priore realiza um enunciado em que atrela, por meio de um Processo Comportamental, à Princesa Isabel um rol de adjetivações apresentadas em matéria do *Diário do Rio de Janeiro* ("fanática, fraca, dona de ideias retrógradas, incompetente para governar", p.237), a biógrafa não necessariamente expõe uma opinião sua, pois a Atitude Avaliativa de Julgamento, de início, tem como agente o referido jornal. Todavia, o contexto pode munir o leitor de indícios que gerem uma inferência acerca da postura autoral frente à avaliação ofertada: se concorda ou não. Seguindo o mesmo raciocínio, em casos cuja voz avaliativa é a da autora, de modo que a atitude de avaliar é claramente do narrador, percebe-se uma escolha por apresentar uma opinião: "Gastão reagiu sem surpresa" (p.270), e "do seu lado, a apaixonada Isabel, de coração partido, chorava saudades" (p.90). No primeiro exemplo, Mary del Priore faz uma apreciação do comportamento de Gastão, realizando um Julgamento de sua conduta. A atitude da autora leva o leitor a crer que a personagem não se surpreendeu com o caudilho de 1889, que Gastão não foi pego de sobressalto ou desprevenido. Ainda que, em uma leitura mais sisuda, possa-se inferir que o conde d'Eu foi indiferente ao golpe, não parece tão clara esta interpretação em virtude do teor discursivo do último capítulo da obra. Por sua vez, no que manipula linguisticamente a imagem de Dona Isabel, a biógrafa faz uso de um Processo Comportamental (Chorar),

verificando-se uma atitude autoral de proceder com um Julgamento dos modos da princesa, mas também está atrelada uma Atitude de Afeto pela qual o Participante (Isabel) é qualificado por meio de epíteto no grupo nominal (Apaixonada), havendo um marcador circunstancial que corrobora ainda mais com a avaliação apresentada, pois verifica-se uma sequência de lexemas de mesmo universo semântico: apaixonada, coração e saudades; e saudades, coração partido (lexia complexa) e chorar.

Ao longo deste tópico, fica claro que qualquer produção textual, na sua tessitura discursiva, traz consigo uma série de marcadores linguísticos de uma Atitude Avaliativa do autor, bem como das diversas vozes trazidas para dentro do evento comunicativo em decurso. Neste processo de "leitura", veem-se associadas as dimensões de Exterioridade da Língua (funções significativas do sistema social) e de Interioridade da Língua (funções significativas do sistema linguístico), de maneira que saltam às vistas as inter-relações entre práticas sociais e práticas de linguagem (HABERMAS, 1977, p.259 *apud* WODAK, 2004, p.225; MOREIRA, 2015, p.17).

A obra "O Castelo de Papel" traz exatamente o cenário descrito acima, pois as marcas de autoria se fazem perceber em cada página e nelas, mais explícita ou implicitamente, é identificada a Atitude Avaliativa da biógrafa. É trabalho de uma proficiente leitura verificar os pesos dados pela autora a cada fato narrado, bem como a todo o processo de composição e identificação de personagens, pois ambos estes movimentos não se dão com neutralidade. Para a Análise Crítica do Discurso, estas ações de avaliação, muitas vezes veladas, consistem em um jogo discursivo que compreende um movimento ideológico manifestado na incursão de pontos de vista sobre os mais variados fatos e pontos da narrativa. Tal movimento consiste em clarificar discursos velados, presentes em textos que, *a priori*, atribuem-se certa ideia de neutralidade (FAIRCLOUGH, 1995; FAIRCLOUGH, 1989), e que estabelecem contextos sócio-históricos de poder, seja para a promoção de opressão seja para emancipação social (WODAK, 2004; FAIRCLOUGH, 1995), levando o leitor à uma compreensão da linguagem como uma rede de sentidos que trazem ideologias subjacentes e relações de poder nas práticas de urdidura e de aplicação de seus discursos (SANTOS *et all*, 2015, p.56).

Deste modo, a verificação dos dados oriundos da obra segundo uma análise da Atitude Avaliativa permite que se compreenda que, mais do que meramente construir suas personagens através de correlações e atribuições de identificações, bem como ofertar identidades por meio das diversas atitudes atribuídas às personagens consoante os Processos aos quais estão ligadas, o autor também cria representações através de Processos Avaliativos dos sujeitos da obra. Estar atento às plurais nuances discursivas que compõem o processo de

execução do discurso biográfico é comprometer-se com a compreensão da vivificação de sujeitos que tem sua vida real sublimada a fim de se tornarem personagem de uma história, de um enredo, de um ponto de vista, cujas identidades e experiências de si, de mundo e com outrem passam a ser enxergadas não pelo olhar do experienciador, mas pelo olhar em 3ª pessoa do biógrafo.

Assim, viu-se que não é possível extrair uma interpretação de base quantitativa acerca da postura de Mary del Priore frente às Atitudes Avaliativas dispensadas por ela para Isabel e Gastão, pois há um quadro equilibrado nas ações da autora para a realização de apreços positivos e negativos. Em virtude de a Avaliatividade ser do plano discurso e basilarmente semântico (MOREIRA, 2015), quantificar os casos geraria dados contestáveis, sendo mais oportuno avaliar, ao longo dos Processos, a postura apreciativa ou depreciativa da biógrafa nos três comportamentos possíveis: Atitude de Afeto, Atitude de Julgamento e Atitude de Apreço.

Nos tópicos I (2.1) e II (2.2), o recurso de apuração quantitativa dos dados é viável e oferta significados à leitura da obra, pois expõe os desequilíbrios existentes entre a ação discursiva da autora para com Isabel e para com Gastão, verificando-se para este último um certo protagonismo. O tópico em glosa, que deu conta de abalizar as ações avaliativas, revelou que há uma certa equidade no tratamento de ambas as personagens, seja nas passagens em que del Priore promove imagens positivas seja quando o faz com teor negativo. Tanto Isabel quanto Gastão têm suas imagens atreladas a situações de avaliação por meio de Atitude de Afeto, de Julgamento e de Apreço muito semelhantes, o que poderia ser visto como parte do estilo da autora: as vozes terceiras surgem tanto para elogiar quanto para criticar, mas são mais presentes nos casos apreciativos. O discurso direto da biógrafa é mais veemente para criticar as personagens, seja a feminina seja a masculina.

Assim, fica explanado o processo de averiguação do comportamento avaliativo de Mary del Priore em "O Castelo de Papel", segundo o Sistema de Avaliatividade, o qual se analisou com apoio das leituras operacionalizadas através do Sistema de Transitividade, na perspectiva da Linguística Sistêmico Funcional aliada à Análise Crítica do Discurso pela Metafunção Intrapessoal.

CONCLUSÃO DO TÓPICO III

Os três tópicos desta análise dos dados concernentes a "O Masculino e o Feminino Imperial: uma análise crítica de 'O Castelo de Papel'" foram elaborados com vistas a dispor ao leitor uma percepção mais clara possível dos processos de significação e ressignificação de

personagens através do discurso biográfico, como forma de dialogar com a Seção I, que trata do gênero biografia. Mais do que isto, esta última seção e seus três tópicos aludiram a todo instante para o modo como a autoria lida com as personagens, problematizando as questões de gênero implicadas. Com atenção ao contexto social de fins do século XIX, período em que se passam a narrativa de vida de Isabel e Gastão, bem como ao vivenciado neste princípio de século XXI, momento histórico em que Mary del Priore realizou a biografia, o Feminino e o Masculino são abarcados como elementos basilares à apreensão do trabalho realizado e do tratamento ora produzido tanto pela autora quanto pelas vozes por ela convocadas para falar da princesa e do conde.

2.4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O gênero biografia consiste em uma produção discursiva sobre um indivíduo, acerca do qual serão incididas uma perquirição e uma averiguação de sua história de vida – onde nasceu, quando, o nome, sobrenome, tudo o que faz parte da constituição da identidade e da trajetória de vida desta personagem. Inclui-se nisto a história familiar: sua origem (ascendência) é que constitui, em diálogo com a formação deste indivíduo e do grupo social no qual ele se faz inserido, o limiar interpretativo da vida do biografado (HENRIQUES, 2014). Com esta ciência, serão discutidos aqui os resultados da análise dos dados extraídos de "O Castelo de Papel", a partir do apresentado na **Seção II**, dialogando com as suas precedentes.

No primeiro tópico, viram-se as ocorrências dos Processos atrelados diretamente à Isabel e a Gastão, observando a situação destes diante do processo de biografiação e compreendendo-se os trabalhos de linguagem ora realizados sob à luz do Sistema de Transitividade. A análise dos dados coletados explicitou uma posição de destaque para a personagem masculina frente à feminina, no que concerne ao posicionamento de Participante dos seis tipos de Processos. Isto significa dizer que a autora tomou Gastão como cerne de enunciados relativos às ações, às impressões, às emoções, às atribuições e qualificações, e ao dizer mais do que Isabel³⁸.

Gastão de Orléans figura em mais casos representacionais do que Isabel, numa perspectiva de 614 e 397 ocorrências, respectivamente. Este dado explicita que foi ao príncipe

³⁸ Todavia, é imprescindível salientar que esta quantificação levou em consideração enunciados que fizeram menção a ambas as personagens por meio de lexemas nominais com função referenciadora expressa ("Isabel", "Princesa", "Condessa d'Eu", "Filha", "Ela"; "Gastão", "Conde d'Eu", "Príncipe", "Consorte", "Francês", "Ele"). Desta forma, períodos nos quais as menções se deram por meio de pronomes que não os do tipo Pessoal do caso Reto não compuseram o *corpus*.

que a autora deu mais condições de ser apresentado ao público, de ter cunhada uma identidade nítida e acessível ao leitor, tanto por haver um espaço maior para que ele fale por si – verificado em ocorrências marcadas por pronominalizações em primeira pessoa, transcritas com o marcador "[Gastão]" na apuração dos dados – quanto de acordo com o ponto de vista de outrem sobre o consorte de Dona Isabel. Nos casos dessa segunda possibilidade, estão inseridas as vozes trazidas por del Priore para dialogar ora com ela própria e ora com os dizeres da própria personagem masculina, bem como está também a voz da autora propriamente dita.

A urdidura do discurso biográfico se dá por meio de uma seleção do que é considerado relevante narrar ao leitor de modo que ele chegue a uma imagem "X" da personagem biografada. Portanto, ao biografar alguém, o autor da obra imprime sobre a pessoa comutada em personagem uma identidade que é fruto de um ponto de vista e/ou de uma intenção sócio-discursiva, a qual atende a propósitos ideológicos das mais variadas naturezas, direta ou indiretamente (KOCH, 2004, p. 17; HENRIQUES, 2014). Nestes termos, vê-se que o traçado cronológico da narrativa biográfica tem a apresentação de fatos que foram selecionados à contação, em detrimento de outros que foram desconsiderados. As razões podem ser muitas, mas todas elas atendem, com efeito, a um propósito discursivo que é, de todas as formas, ideológico e que tem a função de atuar enquanto argumentos que persuadam o leitor a assumir o ponto de vista presentificado na biografia como sendo igualmente seu (KOCH, 2004; GARCIA, 2000; HENRIQUES, 2014).

Como já tratado anteriormente, é possível que o pouco espaço recebido por Gastão de Orléans na historiografia nacional tenha motivado Mary del Priore a priorizá-lo em sua obra, ainda que objetive tratar igualmente desta (masculina) e da outra (feminina) personagem. Todavia, se este foi o motivo, através puramente do livro, não é possível saber, tratando-se, assim, apenas de uma impressão do autor que aqui está subscrito. É fato, porém, que o masculino tem o protagonismo da obra no concernente à estrutura discursiva – ainda que, durante a leitura, muito pouco se perceba deste desequilíbrio, pois a posição de Participante 2 acaba não permitindo que Isabel “suma” das páginas que dão conta de Gastão como P1.

Gastão também aparece como uma personagem muito mais accional – evidenciado pelos quantitativos de Processos Materiais (ela =114; ele = 227) – do que sua esposa. Também é ele quem está na frente nos enunciados atributivos e qualificadores, quase sempre, também, identificacionais – explicitado pelos Processos Relacionais (ela =61; ele = 63) -, de maneira que recebe maior atenção de del Priore no tocante a enumerações de características, especialidades e descrições. A situação se repete no concernente aos espaços do Dizer. Gastão

enuncia mais por si só do que Isabel, assim como também passa da princesa nos casos em que a autora lhes atribui discursos indiretamente – todos eles averiguados por meio dos Processos Verbais (ele = 84; ela = 41).

Isabel, entretanto, protagoniza situações de "estados de ser" sinalizados por meio de expressões de fatos, situações, relações e atitudes concretas, representadas por sua existência ou acontecimento – abalizados estes casos por meio dos Processos Existenciais. Numa visão macro, este dado pode gerar uma aceção de grande representatividade para a análise do trabalho de identificação da personagem feminina por parte de del Priore. Isto se considerados os três tipos de Processos que aludem aos "estados de ser": Existenciais, Mentais e Comportamentais.

Isabel e Gastão têm uma situação mais ou menos equitativa³⁹ nos Processos Mentais (ela = 106; ele = 142), que abordam as características idiossincráticas das personagens através de suas formas subjetivas de encararem a si (percepção da própria existência), ao outro (percepção de si sobre o outro e do outro sobre si nas mais variadas relações sociais) e ao mundo (percepção de si e do outro como agentes de cultura dialógica e dialeticamente); bem como nos Processos Comportamentais (ela = 4; ele = 9). Os últimos são relativos aos comportamentos que partem do plano cognitivo, como respostas às situações concretas que originam atitudes pautadas em experiências sensoriais, sentimentais, emocionais e, também, lógicas, sendo expressões no discurso que significam, materializam sensações do sujeito (MOREIRA, 2015; SOUZA, 2006).

Somados os três, Isabel tem destacada posição de Participante (Experienciador e Comportante), o que permite inferir que Mary del Priore quis salientar uma imagem da princesa mais atrelada às suas condições ou características subjetivas, emocionais. Quem sabe se não foi por isso que a autora lançou mão de longo parecer da época sobre o gênero feminino e a sua 'subjetividade natural':

Segundo médicos e cientistas, o gênero era governado pela sensibilidade. Escritos como Chateaubriand preferiram defini-lo como 'o belo defeito da natureza'. Afinal, Adão não saiu das entranhas enfermas, mas das mãos de Deus. Já a inferioridade feminina era um dado natural, sem remédio. Era graças a ela que existiam coisas desprezíveis como a prostituição, o adultério e o infanticídio. Até o banho de sangue da Revolução Francesa lhe era debitado. Só por meio do casamento a mulher encontrava seu papel verdadeiro: o de ser obediente e dotada de sentimentos exemplares como a

³⁹ Isto se deve ao fato de que, em Processos Materiais, Mentais e Comportamentais, Gastão é o Participante de variadas ocorrências atreladas a um mesmo verbo, a uma mesma ação, como "Escrever", "Ouvir", "Envolver-se" e "Reagir". Assim, quantitativamente, ele mantém acentuada vantagem sobre D. Isabel, mas na apuração caso a caso, observando-se os verbos e as ações por eles manifestadas, há um equilíbrio pontual entre as personagens nestes Processos que tratam dos "estados do ser".

abnegação. A religião lhe era imprescindível. Sua Fé ora funcionava como suporte contra sua fragilidade, ora como aliada de seu pudor e ignorância. Apenas a moral, a vida doméstica e a educação dos filhos poderiam dar-lhe alguma forma de gratificação. Para a biologia, que descobrira recentemente a ovulação, ela era o 'vaso frágil' no qual o homem depositava sua semente. Controlar seu funcionamento sexual era controlar sua vida. O marido seria o guardião da saúde feminina. Ele a criaria à sua imagem e semelhança (DEL PRIORE, 2013, p.43).

Desta forma, parece que a biógrafa construiu a imagem de sua personagem tal qual esta descrição das mulheres no século XIX. Isabel era sempre um sujeito em segundo lugar: “estava depois do pai, estava depois do marido, estava depois do Estado”. Até mesmo após a morte do Imperador Dom Pedro II, quando ela ascendeu à chefatura da Casa Imperial do Brasil, com o *status* de majestade *de Jure*, colocou-se em segundo plano, haja vista a passagem em que Mary del Priore frisa ser Isabel “aquela que só assinava condessa d'Eu” (p. 302). Regia em nome do Pai, Rezava em nome da Igreja Católica, vivia em função da casa, dos filhos e da caridade, assinava o nome e a condição do marido. O que fazia D. Isabel em seu nome? Talvez as palavras da autora de “O Castelo de Papel” lance pistas à resposta: “[Isabel] concentrava-se na sua 'missão de esposa, dona de casa, mãe de família', anjo do lar como queriam então os homens, além de adorar Gastão” (p.291).

Seria, então, o único exercício de sufrágio de Dona Isabel ter elegido o seu marido? Uma eleição que, sabe-se bem, o veredicto não cabia exatamente a ela, pois assim como Gastão, nenhum era “senhor de seu futuro” (p.18), mas ambos vivam sob a exigência dinástica em que “era obrigatório casar-se entre pares, gente da mesma condição”. Condição que Isabel tinha pelo pai, Gastão pela varonilidade⁴⁰. Dois lados de uma moeda. A princesa elegeu o primo francês: “Foi nesse dia que eu comecei a preferir-te ao Gusty, que comecei a te amar ternamente e muito.” (p.41-42), e teve dupla sorte, pois foi eleita por seu objeto de adoração: “chorou de alegria 'quando papai me contou que tu me preferias’” (p.41-42), assim como o

⁴⁰ De acordo com os tratados nobiliárquicos da Europa, muitos deles baseados na Lei Sálica e na Lei da Primogenitura Varonil, à mulher cabia o *status* do homem ao qual estava vinculada: pai ou marido. Dona Isabel era princesa por ser filha de um membro da realeza, de um Imperador. Ao casar-se, teria a condição de seu marido atrelada à sua – ou a sua submetida à dele -, mas a condição de herdeira impunham uma situação *sine qua non*: a Constituição do Império regia sua vida e suas núpcias. Em caso de um casamento 'desigual', Dona Isabel poderia ser levada à renunciar seus direitos sucessórios perante as Cortes. Gastão, por sua vez, era homem. Sua condição nobiliárquica de Príncipe poderia ser estendida à sua esposa, dando a ela as prerrogativas e tratamentos que ele tem direito. O gênero masculino é, aristocraticamente, um valor, enquanto que o feminino é uma condição, condição de ser o que o pai e o marido podem dar a ser. Sobre este tema, pode-se consultar o *Almache do Gotha* (<http://www.almanachdegotha.org/>), a Constituição Imperial do Brasil (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm) e a página da *Maison Royale de France* sobre as Leis Fundamentais do Reino, que serviram de inspiração para diversas monarquias do ocidente - incluindo a portuguesa e a brasileira (<http://leblogducomtedeparis.fr/i-m-r-f-maison-royale-de-france/>).

destino levou seu pai a encarar a união dos dois como o melhor negócio: "Embora os Coburgo tivessem a reputação consolidada de grandes consortes, D. Pedro preferiu Gastão" (p.41).

Ao ler as passagens realizadas por Mary del Priore, o leitor conclui que tudo acabou por se arranjar da melhor forma possível para Isabel, mas se 'Gusty' tivesse sido o eleito por seu pai, provavelmente ela o teria desposado e, como obediente e abnegada que era, de algum modo, cedo ou tarde, ela o teria amado também. Assim, os enunciados atrelados aos "estados de ser" da princesa em muito se vinculam à imagem que a autora repetidamente faz uso para identificar a princesa: a de alguém que "tinha que submeter seu comportamento a uma vigilância sistemática, pois ele tinha a ver com o seu orgulho próprio, o de sua família e de seu futuro marido e de seu futuro Império" (p.49).

Problematizando ainda o abismo entre os gêneros, o episódio do casamento chama atenção mais uma vez. Mary del Priore traz a voz de Gastão para expor o enlace, sob a perspectiva dos "contratos de casamento" realizados entre as Casas Dinásticas: "A princesa me foi oferecida; ela tem bom senso, instrução, é discreta, bem conformada e traz uma posição que pode me render importantes serviços. Aceitei tudo e estou contente" (p. 61). Verifica-se que o príncipe aceitou a mulher que "me foi oferecida". Tal qual uma coisa, uma posse, ela foi ofertada para que ele aceitasse ou não a aquisição. Aceitou e a justificativa veio em uma série de Processos Relacionais – marcados pelos verbos "Ter" e "Ser". Tal qual toda aquisição, foi realizada por apresentar-se vantajosa.

Retomando os Processos Verbais e os espaços do Dizer, tem-se Gastão como uma figura que fala com sua própria voz, enquanto que Isabel parece, talvez, falar em um "volume mais baixo ao longo da obra. Isto em virtude de a princesa ser o Dizente de apenas 41 casos de Processos Verbais, ao passo que Gastão ocupou tal colocação em 84 casos. Numa perspectiva mais ordinária, poderia se afirmar que para cada vez que a princesa falou, seu marido falou o dobro.

E não se pode deixar de frisar que, elencando-se as personagens da obra, tem-se os seguintes personagens e suas aparições no texto:

Personagem Masculino	Quantidade de Aparições	Personagem Feminino	Quantidade de Aparições
Imperador Dom Pedro II	106 ocorrências	Imperatriz Dona Teresa Cristina	17 ocorrências
Rei Luís Filipe	13 ocorrências	Dona Leopoldina	8 ocorrências
Duque de Nemours	93 ocorrências	Rainha Maria-Amélia	12 ocorrências
Duque d'Alençon	11 ocorrências	Rainha Vitória	8 ocorrências
Príncipe de Joinville	17 ocorrências	Dona Maria II	2 ocorrências
Conde de Paris	5 ocorrências	Dona Francisca de	13 ocorrências

		Joinville	
Duque d'Aumale	11 ocorrências	Dona Januária, Duquesa de Áquila	2 ocorrências
Duque de Montpensier	4 ocorrências	Condessa de Barral	59 ocorrências
Barão/Visconde do Rio Branco	16 ocorrências	Mariquinha Tosta	1 ocorrência
Barão de Cotegipe	44 ocorrências	Amandinha Dória Loreto	7 ocorrências
Marques/Duque de Caxias	11 ocorrências	Imperatriz-Viúva Dona Amélia Duquesa de Bragança	2 ocorrências
André Rebouças	18 ocorrências	-	-
José do Patrocínio	5 ocorrências	-	-
Joaquim Nabuco	24 ocorrências	-	-
Pedro Augusto	12 ocorrências	-	-

Tabela 15 – Personagens Coadjuvantes e Quantitativo de Ocorrências na obra

É ligeiramente fácil justificar a aparição de mais personagens masculinas do que femininas na obra, afinal de contas, trata-se do século XIX, da sociedade machista e misógina do Brasil escravocrata e de um cenário político cercado, evidentemente, por homens e suas ilustres linhagens – ainda que não se tenha como dar isso como justificativa consensual para o perfil construído da princesa (que não gostava de “agir”), bem como das escolhas da biógrafa para tal construção, no século atual. E mais, não são apenas mais personagens masculinos do que femininos, pois trata-se do espaço de cada gênero na biografia do casal imperial. As personagens masculinas têm um volume de ocorrência deveras maior do que as femininas, como visto na tabela acima. Por mais que a obra venha tratar da vida de Isabel e Gastão enquanto um casal, não se abstendo do contexto social, político e econômico em que estavam inseridos, é escasso o espaço ofertado aqueles com quem os príncipes conviviam em seu recinto privado. As duas melhores amigas da Princesa Isabel aparecem apenas 8 vezes em mais de 300 páginas de "O Castelo de Papel". A irmã caçula da princesa tem referência direta em somente 8 momentos – e vale salientar que em nenhuma das ocorrências estas três personagens "falam com sua própria voz". E quantas figuras políticas surgem: as setes últimas personagens masculinas listadas ilustram bem o espaço de prestígio masculino na narrativa da vida do casal. Tanto no âmbito doméstico quanto no social, são os homens que vão dando ritmo ao discurso de del Priore.

Dom Pedro II e o Duque de Nemours, pais de Isabel e Gastão, aparecem 106 e 93 vezes, respectivamente. A mãe de Gastão falece durante a infância do filho, assumindo esta função maternal a avô paterna, a Rainha Maria Amélia d'Orléans. A monarca francesa aparece

12 vezes, sem qualquer discurso em 1ª pessoa, sendo atribuído a ela apenas um dizer extraído de diário acerca no qual expressava o tédio de uma visita de Dom Pedro I e sua segunda esposa, Amélia de Leuchtenberg. A mãe de D. Isabel, a Imperatriz Dona Teresa Cristina é vista em 17 situações ao longo da narrativa, não havendo também nenhum discurso direto. A avó da princesa, residente em Paris, a Imperatriz-Viúva Dona Amélia Duquesa de Bragança, é vista em 2 passagens. Já o avô do conde d'Eu, o Rei Luis Filipe da França, é identificado em 13 ocorrências, assim como o irmão de Gastão, Duque d'Alençon aparece 11 vezes, e os tios Príncipe de Joinville, Conde de Paris, Duque d'Aumale e Duque de Montpensier são identificados em 17, 5, 11 e 4 ocorrências, em ordem.

Desta forma, vê-se que há um predomínio de personagens ligadas à família de Gastão de Orléans na trama, quiçá em função de a maioria serem homens, pois os Orléans tinham grande quantidade de descendentes varões. Mais do que isto, a ocorrência é amplamente discrepante no que concerne às personagens segundo seu gênero. O masculino aparece bem mais que o feminino, inclusive quando as personagens são do mesmo universo dentro da vida do casal (*pai versus mãe, irmão versus irmã, tio versus tia etc.*).

Mais além, no que alude ao "direito de fala", a questão de gênero revela-se mais acentuada. Desde o casal cerne da narrativa, Isabel é Dizente em 41 ocorrências e Gastão em 84, até os seus parentes, a fala é ofertada privilegiadamente aos personagens masculinos. O Duque de Nemours, por exemplo, tem diversos espaços de fala, como no excerto: "Nemours deixou-lhe uma advertência: 'Meu filho, faça teu dever e jamais esqueça o nome que carregas'" (p.13) e "'Isso não me parece bom', admoestava Nemours" (p.82). A Rainha Maria Amélia não possui nenhum, assim como a Imperatriz Teresa Cristina, como já dito há pouco. Por sua vez, tal qual a figura paterna francesa, Dom Pedro II tem aval da autora para falar por si: "Dom Pedro tropeçou e foi seguro por um jornalista. Reagiu com humor: 'A Monarquia escorregou, mas não caiu'" (p.264). E não apenas em Processos Verbais, mas também em Processos Materiais: "Ao que Pedro II anotou: 'Augusto é muito jovem e, com certeza, corre o risco de estorvar seu lugar" (p. 24).

As amigas de Dona Isabel, assim como não figuram em Processos Verbais, também não protagonizam ações discursivas através de Processos Materiais ou Comportamentais, tais quais os marcados por verbos como "Escrever", "Responder", "Retrucar", "Esboçar", "Gritar", "Anotar" ou "Registrar", por exemplo. A personagem feminina que figura destaque em seu meio é a Condessa do Barral. Aparecendo em 59 enunciados diferentes, aquela que era amante do Imperador Dom Pedro II, emerge na biografia como uma personagem que destoava dos demais exemplares de seu gênero. Tida como alguém de elevada cultura, vivência e

experiência de mundo, sempre com bons conselhos e maturidade, a preceptora da princesa Isabel e de sua irmã acabara ficando atrelada ao casal d'Eu até a morte. Assim como outras biografias de Dona Isabel (VIEIRA 2010; BARMAN, 2005), a condessa de Barral é posta como figura de confronto à imperatriz Dona Teresa Cristina. Além da beleza e elegância em comparação à figura acima do peso, manca e sem vaidades da esposa de D. Pedro II, a condessa é ilustrada como um referencial do feminino emancipado, tal qual um símbolo vanguardista.

Mais do que ter opinião quanto a assuntos políticos, a condessa é uma das poucas personagens que a autora permite ter "espaço" para dar sua opinião ao Imperador. Dentre as mulheres retratadas na obra, apenas a irmã, Princesa Francisca de Joinville e a Condessa do Barral ofertam apreciações e sugerem atitudes ao monarca brasileiro. A Princesa Isabel, na condição de filha, diversas vezes insinua ações ao pai, mas sempre em tom de súplicas, de um pedido ou reclamação ancorados no amor filial e na esperança que Deus faça o imperador enxergar o que enxerga a princesa. Até mesmo a postura adúltera da condessa não é diretamente criticada por del Priore.

O caso extraconjugal entre a condessa do Barral e o Imperador Pedro II não é explicitamente avaliado pela autora, mas há claros indícios ocultos ao que se deve inferir disto. Outra personagem da trama, a esposa do Duque d'Alençon, Sofia-Carlota, é apresentada como uma mulher que desvirtuava seu gênero, pois era afeita aos prazeres da carne, uma adúltera que encontrou a redenção através de terapia e de uma induzida fascinação religiosa. Ao contrário de D. Isabel, por exemplo, que era estoica, sem esboçar publicamente suas emoções, vontades e opiniões, além de comutar o dever em desejo de modo a "não saber onde começava um e terminava o outro" (p.49), Sofia-Carlota tem frisado por del Priore seu lado sedutor e o fato de haver morrido queimada em um incêndio a uma quermesse de caridade. Nas palavras da autora, a cunhada de Isabel "teria expiado os pecados" (p.296), e em um discurso reportado, creditado ao confessor de Sofia-Carlota, esta "fez um ato sublime" (p.296). Seria esta a recompensa às adúlteras?

À condessa de Barral, quanto a este assunto, nada é atrelado por Mary del Priore. O mesmo não se pode dizer para Dom Pedro II. Suas "faltas" para com a boa moral e o sacramento do matrimônio são elucidados em curtas passagens, aqui e acolá, como parte de falas de Ministros de Estado – homens julgando homens. Outro juiz foi o próprio genro, Gastão de Orléans. Nas palavras da biógrafa, o imperador "não aprovava nomeação sem esmiuçar a vida pregressa do candidato: bebia, jogava, tinha amantes? Sofria de um moralismo de fachada" (p.72). Alguma mulher naquele século XIX para criticar o monarca

por isto? Apenas a vanguardista condessa do Barral: "Hipócrita", definiu "raivosa" o seu amante (p.72), na voz da autora, em uma atitude de Apreciação por Reação de Impacto (MOREIRA, 2015, p. 60).

O julgamento da conduta do imperador aparece no texto de maneira explícita, como um discurso acessível já na superfície do texto. Entretanto, se for levado em consideração o tratamento dado por Mary del Priore à cunhada de D. Isabel, Sofia-Carlota, não haveria uma implícita crítica a postura adúltera da condessa? Que interesse haveria em trazer uma personagem que em nada contribuiu para a narrativa da vida do casal protagonista senão por ser Sofia-Carlota parte de um propósito discursivo premeditado, um argumento informal, como definiria Koch (2004) e Garcia (2000)? O adultério praticado pelo imperador é exposto na obra, uma opinião acerca disto é ofertada através de personagens masculinas (ministros e o conde d'Eu) apenas para repudiar sua postura política, enquanto que uma mulher, a condessa de Barral, traz uma crítica mais assertiva. Contudo, a própria condessa não teria moral para criticar o imperador, pois ela era adúltera também, e, no caso de adultério feminino, a obra já deixou clara, através de Sofia-Carlota, o que é merecido por elas, numa atitude de Julgamento por Estima Social, com base em códigos morais vigentes e inclusive, na posse contratual que o esposo possuía sobre a mulher (VIAN JR *et all*, 2011, p.106). Assim, para esta análise, o caso é, portanto, um eco das questões de gênero que trazem representações discursivas do feminino e do masculino pré-fabricadas como resultado de um percurso ideológico cristalizado na sociedade. Noutras palavras, é possível ver aqui um discurso tácito, um ponto de vista oculto subjacente ao dito na superfície do texto, apresentado no verso das palavras (FAIRCLOUGH, 2003).

E, para além da discussão acerca dos Processos, tem-se o complemento desta análise, realizado segundo a observação dos referentes das personagens principais no texto. Estes, por sua vez, aludem às identificações e aos espaços sociais atribuídos aos sujeitos que o portam, sendo, também, elos para a averiguação destes mecanismos referenciais sob a ótica socialmente dicotômica entre feminino e masculino.

Quanto a isto, é interessante ressaltar a quantidade de vocábulos usados por del Priore como referente nominal para D. Isabel. Ao passo que Gastão tem 9 referente nominal distintos, sua esposa tem 17 diferentes termos em sua referência. Estas formas vocativas não apenas atuam como dêiticos, ligando sujeitos e complementos, mas ofertam olhares sobre a personagem, denunciando as imagens que a identificam e os locais e papéis sociais que lhe são atribuídos. A "condição de gênero" da princesa é veiculada na narrativa em 13 casos diretos: Isabel é identificada como "mulher". Isto tanto denota a sua identidade de gênero

quanto o seu papel social de casada. Um homem quando se casa não é referenciado como "homem", mas como "esposo" ou "marido", o que ocorre com Gastão em 63 passagens da obra. A mulher assim o é reconhecida - "mulher" - quando deixa o lar do pai para assumir uma função social diferente: esposa, mãe, "senhora do lar". Esta mulher romântica do século XIX reverbera nos dias atuais, e vê-se claramente tal eco no tratamento da biógrafa para com a personagem. Isabel muda sua condição de "filha"(56 casos) e de "filhinha" (7 casos) para assumir um outro papel: esposa (esposa).

As condições de mulher, de esposa, de "filha" e de "filhinha" devem ser somadas às de "mãe" (10 casos) e de "dona de casa" (9 casos), haja vista serem todas estas identificações atreladas ao gênero feminino, promovendo um panorama claro da situação social da personagem – um bem humano ora do pai ora do esposo. Além disto, o título de condessa d'Eu também é um vocábulo que ampara D. Isabel em uma condição de gênero, na medida em que a vincula ao marido, pois o detentor por direito do título do condado era o príncipe Gastão, havendo estendido sua prerrogativa para a esposa. Nos 37 casos em que ele é referenciado como "conde d'Eu", vê-se a imagem criada pela biógrafa em alusão ao posto honorífico da condição de Gastão. Ele era um conde, detentor de um título relativo aos *princes du sang*⁴¹. Ambos eram príncipes de sangue, herdeiros diretos de monarcas. Gastão é assim referenciado 147 vezes e Isabel é em 157 casos. Ele poderia transmitir sua condição à qualquer mulher com quem se casasse. Ela, perderia sua *allure royal*⁴² caso desposasse um homem comum.

Os vínculos políticos também são expressivos na escrita de Mary del Priore. Dona Isabel é referenciada como "Princesa Herdeira" (7 casos), expondo a condição de alguém sob

⁴¹ "Príncipes de Sangue" (tradução do autor): refere-se aos membros da realeza francesa com direta descendência da casa real. São reconhecimentos vinculados às Leis Fundamentais do Reino que dizem respeito aos herdeiros de sangue dos monarcas – filhos e netos. A Nobreza de Sangue (*Noblesse du Sang*) transmitia suas nobiliarquias e ilustrações honoríficas através da descendência, existindo títulos nobiliárquicos (ducados e condados, essencialmente) vinculados a Príncipes Reais e mesmo aos Reis (o rei da França era também Duque de França, Duque de Guise, Duque de Borgonha, Conde de Paris, Conde da Borgonha etc.).

As Leis Fundamentais do Reino sofreram alterações nos anos 2000, quando o então chefe da Maison Royale de France, Henri V d'Orléans, Comte-de-Paris, modificou artigos relacionados à extensão nobilitária dos títulos da Casa de França aos herdeiros em 3ª e 4ª gerações. Também em 2016, o atual chefe da realeza francesa, Henri VI d'Orléans, Duc-de-France e Comte-de-Paris, modificou artigos quanto à sucessão e à regência.

Mais informes sobre estas especificidades da nobiliarquia francesa podem ser vistas na página da *Maison Royale de France* (<http://leblogducomtedeparis.fr/i-m-r-f-maison-royale-de-france/>) e no Almanaque do Gotha (<http://www.almanachdegotha.org/>).

⁴² Este termo não possui uma tradução exata em português, pois seria algo como "fascínio real". *Allure Royal* é um termo da corte francesa difundido em todo o ocidente para tratar do que em Portugal se chamou de "Graça Real", ou seja, condição de realeza (<http://www.almanachdegotha.org/>).

o legado do pai, também de "Regente" (14 casos), substituindo ao pai, mas sem o *status* dele, e de "alteza" (15 casos), que ela não o era ou por si ou por ser mulher, porém somente por ser filha de um Imperador e esposa de um príncipe. Gastão d'Orléans, por sua vez, tem na perspectiva política um olhar depreciativo sobre – e a biógrafa deixou bem claro, através de discursos reportados de sujeitos e documentos de imprensa, que se trata de uma apreciação negativa marcada por referente nominal da época do casal imperial, não sendo da autoria dela. "Estrangeiro" (4 casos) e "francês" (3 casos) são vocábulos usados pela oposição a fim de manter Gastão sempre como um estranho aos olhos das massas populares. "Consorte" (7 casos) assinalava que ao príncipe não cabia nada ligado ao Estado por direito. Sua função era apenas garantir a descendência da dinastia e manter a sucessão do regime. Deste cenário também vem o uso de "marido" (63 casos). Enquanto que para Isabel ser "esposa" lhe dava um lugar na sociedade, para Gastão ser "marido" lhe retirava qualquer direito inalienável de posto no Estado e no Governo, podendo apenas prestar serviços à Coroa e à Nação se o Conselho de Ministros assim o solicitasse – o que era uma condição de qualquer brasileiro ou estrangeiro naturalizado.

Avaliativamente, todavia, Mary del Priore regula o discurso apreciativo e depreciativo sobre Isabel e Gastão. Como visto no Tópico III da **Seção III**, tanto no que concerne aos enunciados com avaliatividade através de Atitudes de Afeto, de Julgamento e de Apreciação, houve certa equidade no tratamento das personagens feminina e masculina. Isto significa dizer que uma análise qualitativa dos dados submetidos ao Sistema de Avaliatividade (SA) proporcionou compreender há um quadro equilibrado nas ações da autora para a realização de apreços positivos e negativos. Uma investigação de base quantitativa, aos moldes do visto na **Seções II**, geraria uma leitura ineficiente do que acontece na obra, pois a Avaliatividade tem seus pilares alicerçados no plano semântico (MOREIRA, 2015), de modo que apenas quantificar os casos culminaria em uma interpretação contestável. Por isso, realizou-se uma avaliação, atenta aos Processos, sobre a postura apreciativa e/ou depreciativa da biógrafa em suas Atitude de Afeto, Atitude de Julgamento e Atitude de Apreço.

A averiguação do comportamento autoral frente o SA levantou as ações avaliativas realizadas por operações de linguagem, a qual concluiu que tanto Isabel quanto Gastão têm suas imagens atreladas a situações de avaliação por meio de Atitude de Afeto, de Julgamento e de Apreço muito semelhantes. Uma hipótese quanto a isto seria o estilo da autora, marcadamente impregnado de vozes terceiras que tem a função de elogiar e criticar -havendo mais casos na primeira função. O discurso direto de Mary del Priore, por sua vez, figura mais

evidentemente em passagens nas quais a autora vai criticar as personagens, seja a feminina seja a masculina.

Em suma, a ação de pesquisa sob a lente da Avaliatividade em "O Castelo de Papel" leva o leitor à compreensão de que a autora e sua obra realizam as suas personagens por meio de identificações que as correlacionam e as tipificam tanto fisiologicamente quanto subjetivamente, bem como da criação de identidades por construídas à luz de atitudes das personagens consoante os Processos aos quais estão ligadas. Assim, tanto as personagens, por meio das correlações que urdem suas vivências narradas, quanto a autora produzem representações através de Processos Avaliativos que guiam o olhar do leitor para imagens destes atores da narrativa que, em se tratando de uma biografia, são também atores sociais, membros de uma historiografia nacional e de uma identidade coletiva (HENRIQUES, 2014).

CONCLUSÃO

Este trabalho buscou promover uma investigação acerca de construções discursivas atreladas às questões de gênero, em que se exploram as relações existentes entre o Feminino e o Masculino, seus espaços e ambientes sociais, suas identificações, suas vozes culturais e seu lugar na história.

Para tal engenho, elegeram-se as figuras da Princesa Isabel e do conde d'Eu, dois príncipes do século XIX, casados, e que viveram um difícil vínculo com a sociedade de seu tempo, cujas expectativas em respeito ao "Homem" e à "Mulher" eram muitas e bem delineadas, assim como as exigências exercidas sobre uma realza refém de uma burguesia bipolar – Conservadora e Liberal – conturbavam não apenas o cenário político, mas até mesmo os mais vulgares deleites domésticos.

O que não oscilava tanto quanto os posicionamentos políticos daquela sociedade brasileira do Segundo Império eram as imagens e as representações sociais de Feminino e de Masculino. Seus papéis eram estáticos, suas situações no ambiente social também. Muito pouco havia de movimento no concernente às questões de gênero. Entretanto, transportar este cenário para os dias atuais é oferecer ao contexto de Isabel e Gastão uma leitura crítica de suas identificações de gênero tanto à época em que viveram segundo os parâmetros vigentes no hodierno. É neste sentido que a devida atenção precisa ser dada à urdidura textual que compõe o discurso, pois ela evidencia a fusão destes olhares, do passado e do presente, sobre um mesmo objeto, permitindo que se verifique o que de ontem embasa o olhar da contemporaneidade - apreciações ressignificadas que asseveram ou refutam pontos de vista – e quanto de ontem se mantém evidente por meio de significados ainda vigentes.

Seguindo este pressuposto, através de questões sociais e identitárias intrelaçadas às categorias da LSF acionadas nesse estudo, buscou-se averiguar a vida de Isabel e Gastão a fim de compreender como este casal é percebido na atualidade, cuja importância desta compreensão recai no propósito historiográfico e no valor identitário coletivo nacional que tem seu edifício na memória da Princesa Isabel – A Redentora e, mais aos bastidores, de seu esposo o conde d'Eu. Havendo a obra "O Castelo de Papel" se propondo a, justamente, trazer à tona a intimidade do casal, para muito além da vida pública e política que já fora exaustivamente abordada por dezenas de biógrafos da princesa herdeira, a pesquisa aqui em fim de curso a concebeu como fonte para sua investigação. As lentes de Mary del Priore, por conseguinte, foram o aparato linguístico que serviu de base para a perquirição da construção de Isabel e Gastão não somente como personalidades da História, mas como protagonistas de

uma narrativa biográfica que os comuta em personagens passíveis ao intuito historiográfico, jornalístico e literário do autor da obra.

Assim, o que foi objetivado como cerne deste estudo foi a promoção de uma investigação que contemplasse as representações discursivas de Feminino de Masculino executadas por del Priore em "O Castelo de Papel", de modo que se explicitasse a forma de representar da autora enquanto uma categorização de gênero para Dona Isabel e Dom Gastão. A fim de abalizar e respaldar teoricamente este intuito, bem como fazer uso de uma metodologia de análise contundente, a consumação deste objetivo deu-se à luz da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), via o Sistema de Transitividade e o Sistema de Avaliatividade.

De certo, as proposições de Halliday (2003; 2002; 1997; 1985; 1978) conferiram uma base maciça ao desenvolvimento desta pesquisa. Isto por advirem do Sistema de Transitividade, situado dentro da Metafunção Ideacional, proporcionando uma observação das experiências de ambos os príncipes protagonistas desta pesquisa enquanto Processos verificáveis, instrumentos necessários à averiguação das categorias de representação utilizadas por Mary del Priore. Foram os seis Processos (Materiais, Mentais, Relacionais, Existenciais, Comportamentais e Verbais) as lentes pelas quais a investigação observou a atitude discursiva da autora frente às construções identitárias e às identificações (imagens projetadas) da princesa e de seu esposo. As escolhas da biógrafa ao longo da narração permitem uma construção capaz de caracterizar suas personagens, pois vão permitir ao leitor a visualização de protagonistas que podem ser sujeitos de ação, sujeitos subjetivistas, sujeitos com tipos A, B ou C de comportamento, com caracterizações X, Y ou Z a ele relacionadas, *etc.*

Além do mais, a posição da personagem no discurso influencia demasiadamente na visão que dela se projeta. Em verificar dentre Feminino e Masculino qual detém mais posições de Participante 1, por exemplo, recai-se no binarismo sujeito-ativo *versus* sujeito-passivo, diante do que é enunciado. A atitude gramatical da autora, portanto, acaba por evidenciar a sua postura ideológica sobre seu objeto do dizer, esclarecendo posturas discursivas vivenciadas ao longo da exploração da obra biográfica. Gastão é evidenciado como Ator-Participante muito mais do que Isabel, cabendo a ele a posição de personagem "que age" enquanto Isabel pode ser entendida, por conseguinte, como a personagem que recepta, que age coadjuvamente. Seria este o papel da mulher no século XIX? Barman (2002) afirmou que sim, e parece que del Priore concorda.

Ao descrever Isabel e Gastão, a biografia os engenha conforme uma atividade de reprodução de uma realidade passada que é falseada no processo narrativo que a rememora

(HENRIQUES, 2014). Com isto, produzindo ficcionalmente a 'ressurreição' da vida cotidiana do casal imperial, o texto cose uma série de experiências que são reavivadas conforme o acento apreciativo implicado pela autoria. Linguisticamente, este labor se instancia dentro da Mandala da Experiência que a LSF toma como base fulcral à compreensão das experiências do "Fazer", "Sentir" e do "Ser", que, neste caso, são as projeções de experiências accionais, sensoriais e existenciais atribuídas pela autoria às personagens. Todo o percurso analítico destas experiências é baseado em Padrões (BUTT et al, 2000, p.46) marcados pela orquestração sintagmal. Processos se edificam sobre sintagmas verbais, os Participantes se admitem segundo os sintagmas nominais e, por sua vez, as Circunstância se apresentam através de sintagmas adverbiais. Com isto, tem-se nos elementos linguísticos a matéria-prima para o exame discursivo – dos elementos do dizer para os significados do dito.

Seguindo este panorama, foi possível examinar os constituintes léxico-gramaticais presentes na biografia 'O Castelo de Papel' para a identificação de gênero, sob a perspectiva do Sistema de Transitividade, com os seus componentes: *Processos*, *Participantes* e *Circunstâncias* (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014), como já mencionado. Contudo, também foram realizadas apurações sobre como a Princesa Isabel e o Conde d'Eu são representados e identificados por Mary del Priore, em atenção à representação como uma explanação do ponto de vista do mundo *Material*, *Mental* e *Relacional*, atrelada à identificação de gênero. Estas representações dialogam com a Identificação dos marcadores lexicais mais frequentes na orientação da identificação de gênero por Mary del Priore para a representação da Princesa Isabel e do Conde d'Eu, pois ambos - representações e identificações - atuam construindo imagens que o leitor assumirá para as personagens como verdades históricas. Além disto, em atenção ao acento apreciativo inerente à toda produção textual que existe, devotou-se atenção à análise da Atitude da autora da biografia, Mary del Priore, frente ao seu objeto do dizer, a Princesa Isabel e o Conde d'Eu, através do "Sistema de Avaliatividade", com vistas à apreciação sistemática dos marcadores atitudinais de *Afeto*, *Julgamento* e *Apreciação*, atrelado à representação genérica das personagens biográficas.

Com efeito, estas foram as ações de pesquisa realizadas por esta investigação, as quais geraram dados de onde partiram leituras crítico-reflexivas concernentes ao comportamento discursivo de Mary del Priore em "O Castelo de Papel". A atitude da autora não deixa de espelhar uma realidade alusiva ao trabalho biográfico de modo geral, ao passo que evidencia a relação vertical impressa entre biógrafo e biografado, ofertando àqueles poderes sobre este que tornam a personalidade comutada em personagem da obra uma refém das leituras, das intenções e dos motivos do autor ao biografá-lo (HENRIQUES, 2015).

Por isso, é válido ressaltar que, conforme detalhado em **Resultados e Discussão**, o exame dos Processos extraídos da biografia de Isabel e Gastão apresentaram uma ênfase na figura de Gastão de Orléans, protagonista masculino da obra, em detrimento da feminina, Dona Isabel. Os trabalhos de construção e de identificação destas personagens ao longo do texto assinalaram um comportamento de Mary del Priore que, ao longo de todo o processo de biografiação, segundo a Mandala da Experiência, evidencia o privilégio do masculino nos seis tipos de Processos, assumindo a posição de Participante 1. Desta forma, há um maior espaço dentro da narrativa para a explanação das ações e atitudes, impressões e percepções, emoções e sentimentos, atribuições e qualificações, bem como para a voz e o dizer de Gastão (614 ocorrências) em relação ao que é ofertando para Isabel (397 ocorrências).

Em virtude de a composição de uma biografia levar em conta o que é relevante narrar de modo que haja uma história cativante, significativa e, muitas vezes, comercial, sua tessitura leva em consideração uma seleção de fatos, personagens e circunstância que são divididas entre relevantes e irrelevantes ao propósito discursivo que engendra a obra (HENRIQUES, 2014). Nestes termos, o protagonismo do conde d'Eu expõe que, novamente, a voz e a vez são masculinas. Ainda que "O Castelo de Papel" venha para explorar a vida do casal Isabel e Gastão, este tem sua face da história ressaltada, haja vista que a biografia começa e termina narrando a vida do príncipe e não do casal ou de sua esposa.

Destacando a situação esponsal de D. Isabel, tem-se a perquirição dos papéis sociais de ambas as personagens aos olhos do texto biográfico. Conforme analisado no **Tópico II da Seção II**, percebeu-se que a "condição de gênero" da princesa emerge na obra, haja vista Isabel ser identificada como "mulher" em plurais ocasiões enquanto que Gastão não é referenciado como "homem" nenhuma vez. Ser apontada pelo vocábulo "mulher" tanto denota a identidade de gênero da princesa quanto o seu papel social de casada – em ambos os casos, condições do 'segundo sexo'⁴³. Além disto, há para Isabel marcadores explícitos de posição e lugares sociais, pois identificadores como "dona de casa", "esposa", "mãe", "senhora do lar" são recorrentes ao longo da biografia. Gastão, por sua vez, tem na paternidade uma consolidação de seu papel de chefe de família, pois os filhos pertenciam a ele, assim como sua esposa. A Isabel o que pertencia? Apenas seus deveres e sentimentos, cujos últimos deviam ser sentidos em privado, sem externar ou regozijar-se. Sair da casa do pai, para Gastão, era partir para seu próprio lar, seu lugar privado e próprio. Para Isabel, era deixar a casa do pai para entrar na casa do marido. Apenas o dono mudava – tanto da casa quando seu.

⁴³ Retoma-se a referência a obra de Simone de Beauvoir (*Le Deuxième Sexe*).

Por mais que a obra busque clarificar o casamento amoroso e feliz dos príncipes, existem diversas manifestações dos locais que cada qual assumiam nesta relação. Gastão era a *cabeça do casal*, chegava inclusive a recomendar ou proibir leituras de livros e jornais. Era ele quem sempre opinava nas ações de Isabel, que deixava orientações para o comportamento público e privado da mesma quando da ausência dele em viagens. A submissão do feminino ao masculino é delineada sem tormentas pela autora, a qual faz uso de textos de terceiros para asseverar a hierarquia de gêneros - uma realidade do século XIX que Mary del Priore não busca situar na realidade do século XX, do contexto da obra, ou mesmo problematizar.

Assim, o mais expressivo dado obtido pela análise dos vocábulos que identificam Isabel e Gastão é, justamente, a manutenção de elementos nominais que, através da cultura, atribuem à mulher uma condição de gênero e ao homem uma supremacia de gênero. Primeiro este, depois aquele, hierarquicamente. O homem como um ser "senhor de si" enquanto que a mulher é continuamente subjugada ao pai, ao marido, ao chefe, ao ministro... ao crivo e às opiniões de homens. Se isto foi para revelar a posição do feminino no idos finais dos anos 1900, acabou por refletir, também, certa passividade e mesmo anuência nos dias de hoje.

Cabe ainda ressaltar que a figura de Isabel inscrita em "O Castelo de Papel" é revestida da imagem de "segundo sexo" que é tão fortemente atribuída ao feminino no século XIX. Dona Isabel está sempre atrás de uma figura masculina que a precede familiarmente, protocolarmente, religiosamente... Todavia, é curioso verificar que Vieira (1941), ao produzir "Princesa Isabel – uma vida de luzes e sombras", apresenta uma princesa que é, também, refém de seu tempo e de sua condição, mas que traz consigo uma atitude mais imperativa, que dá ao leitor a impressão de que, em importantes passagens da história de Isabel e do Brasil, ocorre uma sublimação do gênero da princesa frente à posição e à postura por ela assumidas. Noutra obra, "Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no Brasil do século XIX", Roderick Barman (2002) situa D. Isabel sob as lentes dos estudos de gênero e poder. A princesa é analisada em comparação a figuras como a Rainha Vitória do Reino Unido, a Imperatriz Catarina da Rússia, a Rainha Isabel II de Espanha, as Rainhas Maria I e II de Portugal, de maneira a se "avaliar" como a herdeira do Trono do Brasil lidava com seu gênero, suas condições, seus deveres e seus anseios. Ainda assim, Isabel é retratada como uma personagem de mais ação, seja material seja subjetiva. Em "Monarquia: verdades e mentiras", o jurista Paulo Napoleão (1994) introduz uma visão ampla do Feminino em diversas monarquias do mundo, assim como do que representava ser mulher para as dinastias de Bragança, de Orléans, de Bourbon e de Habsburgo (as Casas Dinásticas que compunham o sangue da

Família Imperial do Brasil). Isabel é, também, muito menos passional do que faz crível Mary del Priore.

O comportamento identificador de Mary del Priore vem como reforço no ofício assumido pela autora de construir não apenas imagens, mas identidades para estas personagens. Tais identidades são um misto de espectro historiográfico e licença poética, no sentido em que a autora tem consigo o poder de selecionar o que quer e o que não quer trazer à baila sobre suas personagens. Contudo, ela também tem a possibilidade de incluir impressões, inferências e insinuações, pois, mesmo que sejam figuras históricas, não deixam de ser personagens 'estóricas'⁴⁴.

Neste mesmo sentido, ao coser suas personagens a autora indexou nelas a sua visão das mesmas, sem falar da ação de cunhá-las de acordo com a imagem que almejava ser reconhecida pela audiência. Del Priore produziu o que quis produzir, fazendo com que, linguisticamente, oriente a leitura do seu público quanto a quem foi Isabel, quem foi Gastão e que vida social, política e familiar eles tiveram. A Avaliação figura como um elemento de imensa valia na percepção da alcunha das identidades edificadas para os príncipes e da identificação, da relação da biógrafa com os seus biografados.

Em atenção a tudo isto, a pesquisa empreendeu uma análise qualitativa dos dados extraídos de "O Castelo de Papel", conforme o Sistema de Avaliatividade (SA), o que permitiu a compreensão de um cenário em que se veem equilibradas as ações da autora para a realização de apreços positivos e negativos. A verificação destas atitudes apreciativas deu-se conforme os postulados teóricos das Atitudes de Afeto, de Julgamento e de Apreciação, cada qual com as idiosincrasias inerentes à essência avaliativa que possuem, demandando influxos metodológicos próprios, como verificado no último tópico da **Seção II**.

Entre positivo e negativo, Mary del Priore acaba expressando alguma apreciação sobre as personagens, suas atitudes e discursos, de modo equitativo, sem deixar clara uma predileção entre as personagens feminina e masculina – diferentemente do que foi verificado nos demais critérios analíticos implicados a esta pesquisa. Noutros termos, viu-se que o

⁴⁴ Recorre-se, aqui, a etimologia da palavra no que alude às distinções entre História (*hestoria/hestoriae*) e Estória (*istória*) proveniente do português europeu do XIII. Estória vinha do vocábulo inglês "story" e significava uma narrativa ficcional com fins de entretenimento. Por sua vez, História era uma herança latina, cujo significado era documental, um registro de um tempo com fins de estudo, preservação e memória. Diferentemente do inglês, que manteve a distinção entre "Story" (ficção) e "History" (realidade documental), o português do Brasil teve em João Ribeiro a validação gramatical de ambos os vocábulos e seus sentidos específicos (1919), entretanto, na década de 1940, a Academia Brasileira de Letras (ABL) unificou as duas palavras e seus sentidos no termo "história".

Outros dados sobre este tema podem ser colhidos no site: <http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/historia-ou-estoria-qual-e-o-certo>.

estudo da Avaliatividade na biografia do casal imperial proporcionou a leitura de uma atitude autoral frente à composição dos protagonistas, por meio de Processos e referentes nominais referente nominal ou referenciais, que edifica uma Isabel e um Gastão repletos de elementos que induzem à uma percepção destas figuras históricas e biográficas. Tal percepção traz consigo uma série de identificações que atribuem tanto tipificações fisiológicas quanto subjetivas, provendo imagens e reconhecimentos imbuídos de valorações de Afeto, Julgamento e Apreço.

Sob a ótica das questões de gênero, viu-se que há uma manifestação de linguagem mais expressiva no tocante aos Processos e das Identificações Nominais do que materialmente identificado nos atributos atitudinais exercidos por Mary del Priore à luz do SA.

Por todo o exposto, a pesquisa aqui em glosa realizou uma investigação acerca das representações discursivas de feminino e de masculino identificadas na obra "O Castelo de Papel", com foco na autoria e nos processos empreendidos por esta para categorizar seus protagonistas, Isabel e Gastão, segundo seus gêneros. Esta ação investigativa oportunizou a constatação de que ainda há muito a ser debatido, questionado, problematizado e ressignificado dentro do contínuo apreciativo que une e que aparta "homem" e mulher".

Trabalhar as relações de gênero, os espaços e os locais sociais, as vozes chanceladas e os silêncios, a condição e a sujeição de Feminino e Masculino na sociedade brasileira do século XXI é buscar compreender como historicamente a nossa cultura concebeu e legitimou cada uma destes gêneros. Discursivamente, é possível acessar o que é ofertado e o que é negado à mulher e ao homem, seja no exercício de suas identidades de gênero seja nas ressignificações exigidas pelo avanço da história, mas, muitas vezes, barradas pelo ritmo por vezes estático e fixo de alguns grupos sociais que carregam consigo relações e aparelhos de poder. A biografia analisada traz uma mulher para falar de uma mulher, de um casal.... Mas tem-se uma narrativa que, bem verdade, fala de um homem que deixou o seio a família na Europa para desposar a princesa herdeira do Brasil. Isabel é, também na obra de del Priore, uma personagem segunda, um sujeito que ocupa a retaguarda, pois há um homem que tem para si o protagonismo não apenas da própria vida, mas da vida do casal. Protagonismo visto não apenas no reavivamento do cotidiano de Isabel e Gastão, mas na posição dada a este masculino ao longo de todo o livro.

Problematizar a imagem da mulher na sociedade e o olhar que sobre ela é posto são questões que precisam ser mantidas sobre crítica e contínua reflexão, pois, mais do que promover a luta pela equidade de gêneros, ela busca emancipar o que foi historicamente subjugado e, ainda, fala de direitos humanos. Homem e Mulher são duas acepções binárias,

em uma concepção de gênero já em vertiginosa e ampla crise paradigmática graças à falência de suas bases teóricas, como trata o Paradigma da Diferença⁴⁵. Porém, feminino e masculino não estão apenas em lados oposto de um contínuo de gêneros, mas opostos no que concerne à uma luta por domínios sociais. Tal contexto precisa ser quebrantado a fim de que ocorra um reordenamento dos espaços e dos locais culturalmente atribuídos a um e ao outro gênero.

Perceber no discurso de uma mulher a manutenção do protagonismo masculino frente à personagem histórica de Isabel é, no mínimo, verificar o quão arraigado à cultura nacional está o abismo entre feminino e masculino. Dona Isabel era aquela a quem o Estado Brasileiro devotaria uma coroa, um trono, um império. A ela coube chefiar a família no exílio após a morte do pai, poucos anos depois do caudilho de 1889. Isabel foi aquela que manteve a deferência da realeza brasileira, foi quem foi consultada e ouvida por diversas personalidades nacionais mesmo depois do advento da república, como elucida Vieira (1941), e nem assim deu-se a ela posição primaz frente ao marido. Não se viu Isabel do Brasil, mas Isabel de Gastão.

As amarras de gênero necessitam ser extirpadas. Uma mulher assinou a lei que libertou uma raça (BARMAN, 2002), mas ainda não houve ninguém de quaisquer raça, sexo, gênero e etnia que pusesse um fim à escravidão do gênero. Este trabalho espera ter contribuído para o encorajamento de mudanças que levem não apenas a mais espaços e condições de empoderamento, mas principalmente de reconhecimento e legitimação de direitos e de humanidades.

⁴⁵ Indica-se a leitura de OSTERMANN, Ana Cristina; & FONTANA, Beatriz. (Orgs.) *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010; em BHABHA, H. O Local da Cultura. Minas Gerais: UFMG, 1998; e em DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2000.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética (a teoria do romance)**. São Paulo: UNESP, 1993.

_____. **Estética da criação verbal**. 4ª. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, M & VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem** (Prefácio de Roman Jakobson, Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira), 12ª ed., São Paulo: Hucitec, 2006.

BARMAN, Roderick James. **Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no Brasil do século XIX**. São Paulo: Unesp, 2002.

BARTH, Vinícius Ferreira. **As vidas de Porfiro: reflexões sobre a escrita de biografias na Antiguidade**. Curitiba, 2010. Disponível em <<http://www.classicas.ufpr.br/projetos/monografias/ViniciusBarth-Biografias.pdf>> Acessado em Julho de 2015.

BAWARSHI, Anis. S; REIFF, Mary Jo. **Gêneros - História, Teoria, Pesquisa e Ensino**. São Paulo: Parábola, 2013.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. Orgs: A. P. Dionísio & J.C. Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005

BUTT, D. *et.al.* **Using functional grammar: an explorer's guide**. Sydney: Macquarie University, 2000.

CARDOSO, Deize Costa. Gênero discursivo na perspectiva da Análise Crítica do Discurso de Fairclough. In. DELL'ISOLA, Regina L. Péret. **Gêneros Textuais: o que há por trás do espelho?** (org). Belo Horizonte, FAE/UFMG, 2012.

CARVALHO, G. **A prosódia atitudinal: Apreciação e Julgamento em críticas de cinema**. In: VIAN JR., O.; SOUZA, A. A. D.; ALMEIDA, F.A.S.D.P. *A linguagem da avaliação em língua portuguesa. Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 113-129, 2010.

CASTELLS, Manuel *Et. Al.* **Novas perspectivas críticas em Educação**. Tradução de Juan Acuña, Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução de Alexandra Lemos e Rita Espanha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, vol. II, 2003.

COSTA, Lucas Piter Alves. **A ADC Faircloughiana: concepções e reflexões**. In Revista Linguagem. 2012. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao20/ensaios/003.pdf>> Acessado em julho de 2015.

DELL'ISOLA, Regina L. Péret. Perspectivas teóricas subjacentes às noções de gênero: textual ou discursivo? In. DELL'ISOLA, Regina L. Péret. **Gêneros Textuais: o que há por trás do espelho?** (org). Belo Horizonte, FAE/UFMG, 2012.

DEL PRIORE, Mary. **O Castelo de Papel: uma história de Isabel de Bragança, Princesa Imperial do Brasil, e Gastão d'Orléans, conde d'Eu**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **O Castelo de Papel: uma história de Isabel de Bragança, Princesa Imperial do Brasil, e Gastão d'Orléans, conde d'Eu**. (2013). Disponível em

<<https://onedrive.live.com/edit.aspx?cid=ea4d2e67be86cff1&id=documents&resid=EA4D2E67BE86CFF1!1963&app=Word&&wdPid=4e170291>> Acessado em Abril de 2016.

DIONÍSIO, Angela Paiva. **Linguística II**. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004, p. 95-128.

DUARTE, V. M. do N. **A biografia se define como um gênero textual, e como tal, perfaz-se de características linguísticas próprias**. Disponível em <http://www.portugues.com.br/redacao/biografia.html> Acessado em 28 de Maio de 2014.

EGGINS, Suzanne. **An introduction fo systemic functional grammar**. London: Printer, 1994.

_____. **An introduction to Systemic Functional Linguistics**. 2ª ed. – New York and London: Continuum International Publishing Group LTDA, 2004.

EGGINS, S.; MARTIN, J. R. **El contexto como género: una perspectiva lingüística funcional**. Signos, Valparaíso, v. 36, p. 185-205, 2003.

EGGINS, S. & SLADE, D. **Analysing casual conversation**. London: Continuum, 1997.

FABRÍCIO, Branca F. & MOITA LOPES, Luíz P. **A Dinâmica dos (re)posicionamentos de sexualidade em práticas de letramento escolar: entre oscilações e desestabilizações sutis**. In: MOITA LOPES, Luíz P. & BASTOS, Liliana C. [org.]. *Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 283-14, 2010.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. New York: Longman Group UK Limited, 1989.

_____. **Critical discourse analysis: the critical study of language**. London: Longman, 1995.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2001a.

_____. **The Dialectics of Discourse**. Textus, v. xiv.2, p. 231-242, 2001b.

_____. Critical discourse analysis as a method in social scientific research. In: WODAK, R.; MEYER, M. **Methods of Critical Discourse Analysis**. London: SAGE Publications Ltd, p. 121-138, 2001c.

_____. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London; New York: Routledge, 2003.

_____. **Language and globalization**. London: Routledge, 2006.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

_____. **Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language**. Second Edition, New York: Routledge, 2010

FAIRCLOUGH, Norman; WODAK, Ruth. Análisis crítico del discurso. In: _____. **El discurso como interacción social**. Estudios sobre el discurso II: una introducción multidisciplinaria. Barcelona, Espanha: Gedisa, 2000, p. 367-404.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise de discurso**. Reflexões introdutórias. São Carlos: Claraluz, 2007.

FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. **Gêneros textuais nas perspectivas da Análise Crítica do Discurso (ACD) e da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)**. (ANAIS). V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (SIGET) - O Ensino em Foco. Caxias do Sul. 2009. ISSN 1808-7655.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. 10ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FURTADO DA CUNHA, M. A. E SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GARCIA, O. M. **Comunicação em Prosa Moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar**. 26ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

GASKELL. **Entrevistas Individuais e Grupais**. In: GASKELL, B. & BAUER, M. W. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 65-89, 2002.

GHIO, E. & FERNÁNDEZ, M.D. **Manual de linguística sistêmico funcional: el enfoque de M.A.K. Halliday y R. Hasan: aplicaciones a la lengua española**. 1ª edição – Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2005.

_____. **Linguística Sistêmico-Funcional** – Aplicaciones em la lengua española: Universidad Nacional de Litoral, 2008.

GIANETTI, Eduardo. **O Livro das Citações**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. tradução de Raul Fiker – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e Identidade**. Tradução Plínio Dentzien – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

_____. **A constituição da sociedade**. Trad. Álvaro Cabal. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1989].

GRACIA, Tomás Ibáñez. O “giro linguístico”. In: IÑIGUEZ, Lupicinio (Coord.). **Manual de análise do discurso em Ciências Sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOUVEIA, C. A. M. Análise crítica do discurso: enquadramento histórico. In: MATEUS, M. H.; CORREIA, C. N. **Saberes no tempo - Homenagem a Henriqueta Costa Campos**. Lisboa: Colibri, p. 335-351, 2002.

GÜNTHER, H. **Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta é a questão?** Psicologia: Teoria e Pesquisa, vol. 22, n.2 maio-agosto, p. 201-210, 2006

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2002 (publicado originalmente pela Vértice, 1990).

_____. **Los marcos sociales de la memoria**. Caracas, Anthropos Editorial, 2004

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALLIDAY, M. A. K. **The linguistic sciences and language teaching**. London: Longman, 1970.

_____. **Language as social semiotic**. London: Arnold, 1978.

_____. **An introduction to functional grammar**. London: Arnold, 1985.

HALLIDAY, M.A.K. **As bases funcionais da linguagem**. In: DASCAL, M. (org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*. São Paulo: Global, p. 125-161, 1978.

_____. **An introduction to funcional grammar**. 2ª ed. – London, New York, Sidney and Auckland: Edward Arnold, 1994.

_____. **On grammar**. Edited by Jonathan Webster. London and New York: Continuum, 2002.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Hong Kong: Oxford Press, 1985.

HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. M. **Systemic functional grammar: a first step into the theory**. Sydney: Retrieved November 28, 1997. (Disponível em http://minerva.ling.mq.edu.au/resource/VirtuallLibrary/Publications/sfg_firststep/SFG%20intro%20New.html)

_____. **An introduction to functional grammar**. 3. Ed. London: Hodder Arnold, 2004.

_____. **An introduction to functional grammar**. 4. ed. London: Routledge, 2014.

HENRIQUES, Eduardo Oliveira H. de Araújo. **ISABEL DO BRASIL - “Uma Princesa e suas Múltiplas Identidades Biográficas”**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco. 2014 (Trabalho de Conclusão de Curso).

HYMES, D. Models of interaction of language and social life. In: GUMPERS, J. J.; HYMES, D. (Eds.). **Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972. p. 35-71.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. **Tema em Antropologia e Linguística**. Coleção Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras. Recife: Edições Bagaço, 2010.

KOCH, I. & TRAVAGLIA, L. **A coerência textual**. São Paulo: Cortez, 1997.

KOCH, I. V. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 4ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 6ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LARAIA, Roque. de Barreto. **CULTURA - Um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: JORGE ZAHAR, 2008.

LIMA, Aldo de. **Memória e Cognição**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2009.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARQUES, José Oscar de A. Espaço e Tempo no Tractatus de Wittgenstein. In: Évora, F. R. R. (org). **Espaço e Tempo**. Campinas: CLE - UNICAMP. 1995.

MARTTA, Maicon. **Introdução à Sociologia** (Sociologia 1). Pensamento e Expressão. Disponível em <<http://pensamentoexpressao.blogspot.com.br/2012/02/sociologia-texto1-introducao-sociologia.html>> Acessado em Agosto de 2015.

MELO, G. C. de. **Gramática fundamental da língua portuguesa: de acordo com a nomenclatura gramatical brasileira**. 3.ed., Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1978.

MEURER, José Luiz. Ampliando a noção de contexto na Linguística Sistêmico-Funcional e na Análise Crítica do Discurso. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. especial, p. 133-157, 2004.

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée. **Gêneros Textuais**. São Paulo: EDUSC, 2002.

MILLER, Carlyne. R. Genre as Social Action. In: FREEDMAN, A & MEDWAY, P. (Orgs.). **Genre and the New Rhetoric**. London: Quarterly Journal of Speech, 1984, pp. 151-167.

MOREIRA, Miguel A. **Ruptura familiar e Pobreza: a gramática da experiência no discurso de adolescentes**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. (Dissertação de Mestrado)

MOREIRA, Miguel. **Práticas Discursivas e Sociais na Relação Família-Escola-Comunidade: da realidade da adolescência ao discurso legal no Brasil**. Brasília. Universidade de Brasília. 2015. (Tese de Doutorado).

NERY, A. **Biografia: Como contar a história da vida de alguém**. Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/biografia-como-contar-a-historia-da-vida-de-alguem.htm>> Acessado em 12 de Junho de 2014.

PEDRO, E. R. (Org.). **Análise crítica do discurso**. Lisboa: Caminho, 1997

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. Vol. 5, nº. 10. Rio de Janeiro, 1992, pp 200-212.

PORTILHO, G. **Cinco perguntas e respostas sobre o uso de biografias na sala de aula**. In. REVISTA PORTILHO, G. Rio de Janeiro: Editora Abril, 2013.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RICOEUR, P. **O discurso da ação**. Lisboa: Edições 70, 1988.

ROJO, Luiza Martin. A fronteira interior – análise crítica do discurso: um exemplo sobre “racismo”. In: IÑIGUEZ, Lupicinio. **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso sobre as Ciências**. 7. ed. Edições Afrontamento. Porto, 1995.

SANTOS, Elizabeth Cavalcanti dos; BISPO, Daniele de Araujo; DOURADO, Débora Paschoal. A Utilização da Teoria Social do Discurso de Fairclough nos Estudos Organizacionais. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**. Jan/Mar. 2015, v.4, n.1, p.55- 73. ISSN: 2317-2428.

SOUZA, Maria Madianeira de. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. Recife. Universidade Federal de Pernambuco, 2006. (Tese de Doutorado).

SOUZA, Maria Medianeira de; MENDES, Weelington Vieira. **Uma análise sistêmico-funcional do dizer em artigos científicos de graduandos**. Revista DELTA vol.28 no.spe. São Paulo, 2012.

SILVA, Paulo Napoleão Nogueira da. **Monarquia: Verdades e Mentiras**. São Paulo: Edições GRD, 1994.

VIAN JR, O; LIMA-LOPES, R. A perspectiva teleológica de Martin para a análise de gêneros textuais. In: BONINI, A; MOTTA- ROTH, D; MEURER. J.L. (Orgs.) **Gêneros: Teorias, Métodos, Debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

VIAN JR., Orlando. **O Sistema de Avaliatividade e os recursos para Gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação**. DELTA, v.25, n.1, p. 99-129, 2009.

_____. **O Sistema de Avaliatividade e a linguagem da avaliação**. In: VIAN JR., O.; SOUZA, A. A. D.; ALMEIDA, F.A.S.D.P. *A linguagem da avaliação em língua portuguesa. Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 19-29, 2010.

VIAN JR., O.; SOUZA, A. A. D.; ALMEIDA, F.A.S.D.P. **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**. Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

VIEIRA, Hermes. **Princesa Isabel** – uma vida de luzes e sombras. 3a ed. rev. Rio de Janeiro: Edições GDR, 1941.

VIEIRA, K. M. **O Desafio de Narrar uma vida** – A Crítica Genética no Estudo da Biografia como Gênero Jornalístico. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/30217/000780409.pdf?sequence=1> Acessado em 09 de Junho de 2014.

WODAK, Ruth. **Do que trata a ACD** – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 223- 243, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Ática, 2004.